VAJRA KIKA

HOMO SCIENTIS EGO

O QUE VOCÊ QUER DIZER COM ISSO?

UM PASSEIO PELO MUNDO SUTIL DO PENSAMENTO

— SANTOS, 1992/2021 —

REALEJO
LIVROS&EDIÇÕES

Título: Homo scientis ego, o que você quer dizer com isso? 3ª edição
Copyright © 1992-2021 de Amílcar Brunazo Filho
Copyright desta edição © Editora Realejo Livros

Editor: José Luiz Tahan
Revisão: Adriana Brunazzo Benaduce e Paulo Rogério
Ilustrações: Benê Coutinho – 1996
Ilustração do autor: Santana
Projeto gráfico: PINK

Copyleft

Obra publicada sob a Licença Pública Creative Commons (CCPL) com Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual CC BY-NC-SA 3.0: livre para remissão, distribuição e republicação sem fins comerciais desde que mantidas as referências de autoria e os mesmos direitos aqui cedidos.
Texto da licença CC BY-NC-SA/BR 3.0 disponível em:
http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/

K59o Kika, Vajra

O que você quer dizer com isso? : um passeio pelo mundo sutil do pensamento / Vajra Kika; ilustrações de Benê Coutinho. – Santos (SP) : Realejo Edições, 2021.

ISBN 978-65-990108-7-3

1. Teoria do conhecimento. 2. Pensamento. 3. Linguagem. 4. Filosofia. I. Título. II. Coutinho, Benê.

CDD 121

Catalogação elaborada por Márcio F. O. Vasques – CRB-8/10292

1ª edição, 1992 – (amostra, 8)
2ª edição, 1998 – (tiragem, 200)
3ª edição, 2021 – (tiragem, 300)

Texto disponível em:
www.brunazo.eng.br/livroisso.htm
contatos: kika@brunazo.eng.br
VajraKika@mahalila.blog.br

Realejo Livros
Av. Marechal Deodoro, 2 - Gonzaga
11060-400 - Santos,SP
Tel: 13 3289-4935
tahan@realejolivros.com.br
www.realejolivros.com.br

À Giulianna

A tua saudade corta como aço de navaia.
O coração fica aflito, bate uma e a outra faia.
E os óio se enchem d'água,
que até a vista se atrapaia, ai,ai.

Paulo Vanzolini

A saudade é o revés de um parto.
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu.

Chico Buarque

How I wish you were here.

Roger Waters, David Gilmour
(Pink Floyd)

ÍNDICE

PREÂMBULO

Prefácio à Terceira Edição ----------09
Prefácio à Segunda Edição----------12
Prefácio à Primeira Edição----------15
O Método----------18

O TRABALHO

1 A horta de Agenor----------21
VIDA----------30
2 Passeio no circo----------47
BABEL----------53
3 As árvores----------77
IMAGEM----------81
4 O Castelo Transparente----------121
EXISTIR----------139
5 O Nada que soltou um Pum----------161
CIÊNCIA----------166
6 Onde está o Caminho?----------209
EU----------216
7 A bengala----------239
Homo scientis ego, o que você quer dizer com isso-----246
8 O penteado----------255

Pois é, pra quê?----------261

ADENDO

Glossário----------266
Compilação----------273
Obras citadas----------277
Literatura sugerida---------- 281
Agradecimentos---------- 282
Canções citadas---------- 287

Preâmbulo

Prefácio à Terceira Edição

Passados 23 anos da 2ª edição, surgiu a ideia de uma nova tiragem deste livro, para utilizar como material de apoio nas apresentações sobre *Inhana Iôga*[1] e do jogo indiano *Maha Lila*.

Nesse período dediquei bom tempo à tarefa de esclarecimento público sobre a falta de transparência do processo eleitoral eletrônico brasileiro, cujo modelo de urna eletrônica de 1ª geração – já abandonado em países de tradição realmente democrática – não permite ao eleitor ver e conferir o registro do seu próprio voto.

A incomum concentração de poderes da autoridade eleitoral brasileira (STF/TSE), que em eleição assume as funções executiva, normativa e judiciária, transformou tal tarefa numa verdadeira prática de *Karma Iôga,* exigindo convicção e perseverança perante pressões e até ameaças pessoais contrárias.

Criada uma massa crítica de eleitores brasileiros que compreenderam o problema e assumiram esse enfrentamento, a partir 2018 voltei a me dedicar ao

[1]A Iôga do Conhecimento, que em sânscrito se escreve ज्ञान योग, tem um som que é de difícil transliteração para as línguas ocidentais. Em espanhol se costuma escrever Jñana Yoga e em inglês Gyan Yoga. Para o português o autor optou por escrever Inhana Iôga baseando-se na pronúncia de indianos.

estudo da *Inhana Iôga* e do *Advaita Vedanta*, a base que alinhava a estrutura deste livro.

Nesta 3ª edição houve uma alteração do título da obra, tendo sido acrescentado "Homo scientis ego" cujo significado é discutido no Capítulo 6 – EU (Vendo a si próprio).

Quase nenhuma alteração no texto foi feita. Apenas pequenas adaptações e uma nova revisão, para adequá-lo à Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa de 2009. No Adendo, ao final do livro, foram acrescentadas sugestões de leitura sobre *Inhana Iôga* e uma lista com todos os versos e canções citados, incluindo um Qrcode que remete à página na Internet com os links para os áudios respectivos.

O leitor deve considerar que o texto original foi escrito em 1992 quando a Internet nem havia sido tornada pública no Brasil e nem se vislumbrava a aceleração das comunicações interpessoais com as chamadas mídias sociais, e é natural que certas avaliações desenvolvidas então possam parecer *"antiquadas",* afinal, já existe o *'robozinho aspirador'* que afirmei que ainda não tinham conseguido construir no final do século XX.

Comentários sobre o desenvolvimento do pensamento científico moderno continuam aplicáveis. Cosmólogos, astrofísicos e astrobiólogos ainda insistem em entender que o surgimento do Universo (*Big Bang*) e o surgimento da Vida (Sopa Primordial, Panspermia e *Vyda/Lyfe*) seriam eventos distintos, continuam achando que Criacionismo e Evolucionismo são conceitos

excludentes e não notam que o Evolucionismo que advogam é incompatível com a 2ª Lei da Termodinâmica (Entropia) que também advogam.

Como predito, as medições das sondas espaciais *Hubble* e *COBE* afetaram profundamente as teorias científicas, cujos ícones agora afirmam que a velha conhecida matéria e energia *"einsteniana"* só compõem 5% do Universo. O resto seria matéria e energia "escura" (não-relativística).

Vejo sinais de que nem esses cientistas estão levando muito a sério suas novas teorias. Denominaram as possíveis novas formas de matéria e energia com acrônimos que significam "covarde" (*WIMP*), "valentão" (*MACHO*) e "sei lá" (*DUNNOS ou don't know*).

Assim, o conteúdo subjacente do livro continua plenamente válido para este autor e pode ser entendido como uma versão própria e pessoal da Não Dualidade, a visão *Advaita Vedanta* sobre o que é a VIDA e o que somos nós no meio desse UNIVERSO.

Agradeço a revisão minuciosa e até instrutiva do texto feita pela historiadora e sobrinha Adriana Brunazzo Benaduce e volto a agradecer a companheira Bia Blossom pelo apoio e estímulo para esta nova edição.

Santos, 2021
O Autor

Prefácio à Segunda Edição

Escrevi este livro no ano de 1992 para atender questionamentos dos colegas Orlando Mauro e Ramona Straube. Completo o texto, apenas oito livros foram editados em computador e encadernados em forma de livros.

Estimulado pelos amigos José Barmak e Bia Adler, em 1998 fiz a 2ª edição, impressa em gráfica e com tiragem de 200 exemplares.

Poucas foram as alterações então introduzidas. Feita uma revisão no texto por Nemo Nox e algumas ilustrações originalmente produzidas em computador foram trocadas pelos desenhos à mão livre de Benê Coutinho, por serem estes muito mais expressivos que os duros e inflexíveis originais. Alguns parágrafos foram reescritos com o objetivo de tornar mais claro seu conteúdo.

Apesar das poucas alterações, considero que o texto não se desatualizou nestes seis anos entre edições. Alguns comentários que fiz sobre os caminhos das ciências físicas continuam válidos, como as previsões de que não seria para o século XX a construção de uma máquina verdadeiramente inteligente e que a *Teoria do Big Bang* seria revista.

Hoje em dia, físicos já têm dito que o *Big Bang* talvez não tenha sido nem tão *Big* nem tão *Bang* quanto se imaginava e, apesar da vitória do computador *Deep Blue* sobre o Campeão Mundial de Xadrez Kasparov e do robozinho teleguiado *Sojouner* andando em Marte, as máquinas eletrônicas atuais estão muito longe dos mitos idealizados C3PO, do filme *Guerra nas Estrelas* e do androide Data do seriado *Jornada nas Estrelas - A Nova Geração.*

Apesar de todo avanço da tecnologia eletrônica, chegando ao final do século XX ainda não foi lançado nem mesmo um simplesinho robô aspirador capaz de manter limpo o chão de uma casa.

Mas o objetivo deste livro não é fazer previsões sobre o conhecimento científico humano e, sim, o de evidenciar, tanto para as pessoas que se declaram ateias como aquelas que se dizem teístas que o pensamento científico e o pensamento místico/religioso são realistas e fantasiosos na mesma proporção.

Partindo de uma análise da Babel na comunicação humana, se mostra que não há condições de sermos verdadeiramente *"objetivos"* e que nenhuma discussão sobre qual teoria é a *"certa"* é capaz de resolver tal questão.

Enfim, com este livro quero mostrar, com um leve humor, algo que já era sabido há milênios, ou seja, que a forma como cada um de nós entende o mundo e, principalmente, a forma como entendemos a nós

próprios pouco são mais que fantasias e ilusões e que ultrapassar estas formas de compreensão é necessário para quem pensa um dia em ser feliz.

Santos, 1998
O Autor

Prefácio à Primeira Edição

Não tenho tanto medo de ser refutado,
quanto de ser mal compreendido.

Immanuel Kant

Quem não se comunica,
se estrumbica

José Abelardo Barbosa, 'Chacrinha'

Escrever um livro sempre é uma tentativa de comunicação. Aliás, a roupa que usamos, aquilo que falamos, nosso jeito de amar, nossa postura social e, praticamente, tudo que fazemos é sempre uma tentativa de comunicação, uma tentativa de criar uma relação com outros seres.

Até que é fácil criar uma nova relação. Na verdade, fazemos isto o tempo todo. Com um pouco de exagero e ironia, poder-se-ia dizer que vivemos numa constante *'orgia mental'*, com mentes procurando outras mentes para se *'roçar'*, ansiando uma relação.

Nem sempre temos bom controle sobre o desenvolvimento dessas relações. Existe muito de inconsciente em tudo o que fazemos e a coisa começa a ficar mais complicada se, além de tentarmos nos comunicar, tentarmos comunicar algo.

Quero dizer, tentarmos dar um sentido controlado à comunicação. Enganos e mal-entendidos são frequentes e não raro um monte de boas intenções, subitamente, podem se transformar até numa desmedida agressão.

Como permanecer calado também é uma atitude ativa de comunicação que pode ser mal compreendida coloquei, nos pratos da balança, de um lado o pensamento de Kant e do outro a conhecida frase de Chacrinha, e resolvi levar adiante o desenvolvimento deste trabalho.

Certamente, escrevo este livro porque quero me comunicar. Mas, mais que isso, quero comunicar algumas ideias.

São ideias que percebi ao ouvi-las no discurso de outras pessoas nas mais diversas situações. Porém, como perceber um conceito escondido dentro de um discurso é sempre um ato individual e subjetivo, o que será apresentado sobre estes conceitos, como EXISTIR, CIÊNCIA e outros são interpretações pessoais do autor, sempre passíveis de críticas quanto à sua exatidão.

Não foi meu desejo estabelecer significados novos ou melhores para tais palavras. Antes, desejo

propiciar ao leitor um passeio num mundo de palavras e imagens, um passeio intelectual no qual conceitos são definidos e suas curiosas relações analisadas.

O que estou propondo pode ser resumido assim:

Vamos brincar de pensar, apenas para desfrutar o prazer que é pensar.

Santos, 1992
O Autor

O Método

Ao longo do texto serão citados autores e obras que mostram que as ideias adiante apresentadas não são originais deste autor e, sim, que já haviam sido visitadas anteriormente pela inocente curiosidade da mente humana.

Como Jung fazia ao escrever obras que traçavam paralelos entre o seu pensamento psicanalítico e tradições culturais as mais diversas, ou como fez o físico nuclear Fritjof Capra em seu livro O *Tao da Física*, no qual destaca as ligações entre o antigo *Pensamento Místico Oriental* e o atual caminho da moderna *Física de Altas Energias*, a citação a textos de outros contextos acabará por evidenciar a existência de repetidos e insuspeitos paralelos entre linhas de pensamento totalmente afastadas à primeira vista.

Por vezes o texto dará a impressão de ser demasiado místico, fantasioso ou irresponsável e, em outros trechos, poderá parecer muito seco ou técnico, mas isto é intencional e faz parte da técnica escolhida para lhe levar a novas visões pela prática da mudança de pontos de vista.

Conclusões aparentemente absurdas também fazem parte dessa técnica e o leitor não deve se preocupar com elas, pois nada mais são que conclusões tiradas a partir de hipóteses. São coisas do tipo: *'Como seria... se assim fosse?'*.

Procurando tornar a leitura deste trabalho interessante e acessível para diferentes tipos de leitores, aproveitei uma ideia presente em alguns textos, normalmente de natureza religiosa, que apresentam fábulas ou parábolas seguidas das respectivas explicações.

Não só assuntos místicos são tratados desta forma. Por exemplo, Douglas R. Hofstadter, inspirado em Lewis Carroll, em seu livr*o Gödel, Escher, Bach: an eternal golden braid*, vencedor do Prêmio Pulitzer, utilizou este recurso para apresentar de uma forma *'deglutível'* o *Teorema da Incompletude de Gödel*, que na sua forma original é complicado até mesmo para matemáticos. Assim, neste livro, todos os capítulos foram divididos em duas partes: a primeira possui um caráter mais lúdico e conta uma breve história que introduz ideias que serão abordadas na segunda parte do capítulo de maneira mais teórica.

Ao longo do texto proporei várias definições de termos. Cada novo conceito apresentado receberá um nome escrito com letras MAIÚSCULAS para que se possa diferenciar do conceito corrente da mesma palavra. Sempre que me referir ao conceito corrente de uma palavra, ela aparecerá grafada normalmente em letras minúsculas.

Esta técnica de escrever algumas palavras ora com letras maiúsculas, ora minúsculas, para simbolizarem conceitos diferentes, praticamente torna impossível a discussão de parte do conteúdo deste livro entre duas pessoas. Por exemplo, a palavra *'ilusão'* e a palavra *'ILUSÃO'* possuem, ao longo do texto, significados bastantes diferentes, suas grafias são diferentes, mas são homófonas, possuem o mesmo som. A frase: *"A ILUSÃO se torna ilusão quando não a conhecemos",* que aparece no texto, tem um significado para quem a está lendo, mas ficaria sem nexo para quem estivesse ouvindo esta frase.

Na primeira parte do Adendo, ao final do livro, foi colocado um Glossário dos termos definidos nesta obra para possibilitar uma rápida consulta caso você queira rever alguma definição. Em seguida ao Glossário foi montada uma Compilação das principais frases com os conceitos em MAIÚSCULAS.

Uma última observação deve ser feita com relação às datas entre parênteses que aparecem no texto. Tais datas são aproximadas e não exatas e foram colocadas apenas para darem uma orientação sobre qual época os eventos referidos ocorreram.

CAPÍTULO 1

História: A horta de Agenor

Texto: VIDA

The first cut is the deepest.
Cat Stevens

But, tell me, where do the children play?
Cat Stevens

Isso não impede que eu repita.
É a vida, é bonita, e é bonita.
Luiz Gonzaga Jr.

Over and over and over again, my friend.
Ah, you don't believe,
We're on the eve of destruction.
Barry Mc Guire

Eu sou a mãe, o pai e o avô,
O filho que ainda não veio.
O início, o fim e o meio.
Raul Seixas, Paulo Coelho

A horta de Agenor

– *Agenoooor. Vá regar as plantas!*

Não era preciso tanta gritaria. Agenor já tinha regado a horta do quintal de sua casa. Ele fazia isto todos os dias e, se estivesse quente, até duas vezes por dia, desde que seu pai definitivamente lhe passara a responsabilidade de cuidar das plantas.

E Agenor fazia aquilo com gosto. Regava, adubava, retirava as ervas daninhas e fazia tudo mais que fosse preciso, pois tinha imenso prazer em ver crescer a couve, o tomateiro, a cebolinha. Sentia um tremendo orgulho quando o *'produto do seu suor'* – como ele gostava de gracejar – era servido à mesa de jantar.

A dedicação era tamanha que Agenor, às vezes, passava horas passeando pela horta, observando cada detalhe, pensando como fazer para melhorar o crescimento e a aparência de suas plantas. Ele não conversava com as plantas porque achava meio esquisito aquilo de ficar falando sozinho, mesmo quando lhe diziam que conversar com as plantas ajuda-as a crescer. Todo o resto que fosse preciso, Agenor fazia.

Uma horta bem cuidada não retribui apenas com os alimentos que produz. Lá é um local sempre verde, cheiroso e calmo. Vivo, mas calmo. Gostoso de se ficar vadiando.

Menos aquele pequeno canteiro que ficava ao lado do galpão e na sombra da jabuticabeira.

Desde o tempo de seu pai que nada nascia ali. O sol nunca chegava ao canteiro. De manhã o galpão fazia sombra, de tarde era a árvore que escondia o sol. Por isso, ali nada era plantado, não se regava, não se adubava. Nem as formigas passavam pelo canteiro, pois não tinham o que colher. O canteiro era seco, duro, marrom, sem cheiro, estéril. Era um canteiro morto, o único lugar que entristecia Agenor quando passeava pela horta.

Agenor resolveu dar um jeito nisso. O trabalho de suas mãos já tinha feito nascer tanta planta bonita, cheirosa e gostosa. Não seria difícil fazer aquele canteiro florescer, ter vida.

Mãos à obra.

Primeiro *'faça-se a luz'*. Agenor gastou um dia inteiro aparando a abóbada da jabuticabeira para que o sol pudesse passar e banhar o canteiro. Pelo menos um pouco de sol era preciso, nem que fosse só uma hora por dia.

No dia seguinte, enxada na mão, vamos preparar a terra. A terra estava tão dura que também levou um dia inteiro para amaciá-la e arejá-la.

No terceiro dia foi a vez do adubo e da água, para deixar a terra pronta para a semeadura. Desta vez o serviço acabou logo e Agenor viu que estava bom. Deixou a terra descansando e foi cuidar do resto da horta.

No outro dia Agenor preparou as telas de arame para proteger as sementes dos passarinhos e regou a terra.

Finalmente, no quinto dia, a fecundação da terra. Agenor escolheu plantar feijão, porque o feijão nasce logo. Em uma semana já estaria tudo verdinho. Assim foi feito, o feijão semeado e Agenor completou a primeira parte de sua obra em cinco dias e pôde descansar no sexto dia.

(aqueles que pensaram que Agenor ia demorar seis dias e descansar no sétimo se enganaram de história; Agenor não é Deus e o canteiro não é o Jardim do Éden)

Nos dias seguintes, Agenor regava o seu canteiro com especial cuidado e atenção. Nem muita água, nem pouca. Dois dias depois da semeadura começaram a surgir os primeiros brotos. Agenor ficou radiante. Ele tinha certeza de que conseguiria levar a vida para aquele canteiro. Agora faltava pouco, era só regar e esperar.

Tudo foi feito do melhor jeito que se podia. Mas, e o sol?

O sol só batia uma hora por dia no canteiro. Era pouco. Os brotos de feijão começaram a se espichar à procura do sol. Os seus caules foram ficando finos e compridos, meio frágeis, como acontece quando as crianças plantam feijão num prato com algodão molhado e deixam o prato dentro da cozinha, perto da janela.

Passada uma semana, como previra, o canteiro já estava todo verdinho e Agenor morrendo de felicidade. Os caules estavam se esticando muito e tinha chegado a hora de preparar umas estacas para que as ramas do feijão pudessem se enrolar e continuar subindo à procura do sol.

Enquanto escolhia e preparava as estacas que colocaria no dia seguinte, Agenor ia pensando na surpresa que seu pai teria. Ele não costumava mais visitar a horta; quando visse o velho canteiro, sempre abandonado, agora cheio de vida, com certeza ficaria com o queixo caído.

Guardou as estacas dentro do galpão e foi para casa levar as folhas de couve para o jantar.

Era verão, época de chuvas fortes. Naquela noite veio uma tremenda tempestade. Choveu até granizo. Agenor nem se preocupou, aquilo já tinha acontecido outras vezes. De manhã, assim que a chuva parou, Agenor saiu para ver o seu canteiro. Hoje não seria necessário regar e a terra estaria macia para pregar as estacas.

Chegando lá... Que tragédia

Aqueles caules finos do feijão não tinham resistido à tempestade e ao granizo. Todos..., todos os brotos tinham sido quebrados! Todos caídos, misturados na lama!

O baque foi tamanho que arriou Agenor. Ele caiu sentado em frente ao canteiro e ficou com os olhos fixos olhando aquilo. Não sabia o que pensar. Tanto trabalho (quase tanto quanto Deus levou para criar o mundo), tanta esperança, e estava tudo ali, marrom de novo. Morto!

Morto!

E os pensamentos foram passando pela sua cabeça.

"Se o canteiro recebesse sol normalmente, os caules seriam mais grossos e teriam resistido à tempestade."
"É, talvez este canteiro não tivesse mesmo que ter vida."
"Que estúpido eu fui. Pensar que podia trazer a vida para cá. Taí, tá tudo mortinho."

Pouca gente já reparou, mas quando chove muito, uma porção de bichinhos que normalmente vivem embaixo da terra sobe para a superfície. Talvez porque fique meio incômodo lá em baixo. Ninguém gosta de ficar dentro de uma casa alagada. E os bichinhos estavam todos lá. Era um tal de centopeiazinha, minhoquinha, tatu-bolinha, andando pra lá e pra cá, esperando a casa secar.

E as formigas?...

Sempre trabalhadoras.

Elas não perderam tempo. Já tinha uma porção delas cortando pedaços das folhas do feijão caído, e já iam levando para o formigueiro. Aquela chuva, para elas, tinha sido ótima. Tinham encontrado comida em abundância, fácil de pegar e logo ali, ao lado de sua casa.

Absorto em seus pensamentos, de repente Agenor viu aquele movimento. Se inclinou para enxergar melhor e foi percebendo aquele congestionamento de bichinhos. Viu duas minhoquinhas, uma grudada na outra e pensou que elas estavam aproveitando o passeio para namorar.

Agenor deu um sorriso.

(e nunca mais se esqueceria daquele sorriso).

Olhando para a trilha das formigas, pensou:

"Que belo banquete, hein?"

"Vai ter comida para um monte de formiguinhas."

Foi aí que Agenor percebeu:

"Ei, péra aí. O canteiro não está morto!... Ele está é bem vivo! Esses bichos não estavam aqui antes!"

Alguns daqueles bichos se alimentam das plantas vivas, outros das plantas mortas e outros preparam a terra e ajudam a planta a viver. E todos, quando morrem, ainda servem de adubo!

Agenor compreendeu que a tempestade podia ter sido uma fatalidade, mas o canteiro estava ali, prontinho para ser novamente fecundado com algumas sementes.

Talvez alguma planta que não precisasse tanto de sol. Elas existem.

E Agenor foi, aos poucos, percebendo mais:

"Depois que a vida chegou ao canteiro, ela transformou terra em pé de feijão. Agora o feijão está se transformando no corpo de uma porção de formiguinhas que, depois, vão virar terra de novo e, depois..."

"É a mesma vida que está em todos, é uma vida só! Ela transforma terra em árvore, árvore em bicho, bicho em terra."

"Ei! Quando um bicho morre, ele não morre! A vida continua, ele só está mudando! A vida... A vida é..."

"A vida é como um movimento! Nunca para!"

"A vida é eterna!!... É uma só…, não é minha, nem de ninguém!"

Agenor estava em silêncio quando este último pensamento ribombou em sua cabeça como mil trovões. De repente, estava tudo claro! Como tudo mudou!

"Pra que tanta ambição? Por que tanto egoísmo? Tá tudo aqui. Tudo que é preciso, a terra, o sol, a água... a vida... e tudo ao meu dispor, quer dizer, ao nosso dispor."

E se lembrou do dito por Jesus:

"Olhai para as aves do céu,
que nem semeiam, nem segam,
nem ajuntam em celeiros;
e vosso pai celestial as alimenta."

..

"Nossa! Aquela tempestade não foi uma fatalidade! ..."

VIDA

Palavras-chave: VIDA, VERDADE, VERBO, UNIVERSO, MOVIMENTO, DIMENSÃO, TEMPO e ESPAÇO

Na sua horta, Agenor percebeu que a vida é uma só e que passa por todos nós. Mas não é esse o conceito que usamos no cotidiano para referirmos à vida. Falamos em minha vida, sua vida.

"Protejam a vida das baleias".

Obviamente, a *'vida'* como Agenor a percebeu não caberia nesta frase. Para evitar confusão entre a *'vida'* como normalmente é compreendida e aquela que Agenor percebeu, vou grafar com letras maiúsculas a 'VIDA' como foi entendida por Agenor, e defino:

VIDA - É essa coisa única e eterna que provoca mudanças por onde passa, levando coisas daqui para lá, transformando um corpo em outro e em outro e em outro. É a força modificadora e criadora.

Dizer que a VIDA é única também quer dizer que ela é indivisível, isto é, pode-se falar em *'minha vida'*, mas não tem nenhum sentido a expressão *'minha VIDA'* pois a VIDA não existe em pedaços. A VIDA em mim e nas baleias é a mesma e uma só.

Nem mesmo falar *'nossa VIDA'* está correto, pois dá a impressão de que temos posse sobre a VIDA e que, de alguma forma, existimos antes dela. Não é isso que ocorre. A VIDA chega a nós sem que tenhamos pedido e melhor seria dizer: *"a VIDA que está em nós"*.

O ciclo VITAL

Note, também, que a VIDA, que está em nós, passará inevitavelmente, sem que possamos segurá-la. Enquanto estivermos com VIDA, estaremos sempre a um passo da morte, na véspera da destruição.

Uma bela imagem para ilustrar a nossa relação com a VIDA é pensarmos em nós como dunas no deserto, onde o Vento arrasta os grãos da areia formando novas dunas, destruindo as antigas. Visto deste ângulo, o Vento é similar à VIDA, que constantemente transforma átomos de matéria em animais, plantas e terra e, depois, desfaz tudo que fez para recomeçar.

A VIDA está constantemente construindo e destruindo, desordenando e reordenando, fundindo e separando num ciclo infindável.

A figura 1.1 mostra a sequência de eventos que caracteriza a passagem da VIDA e que chamarei de Ciclo VITAL.

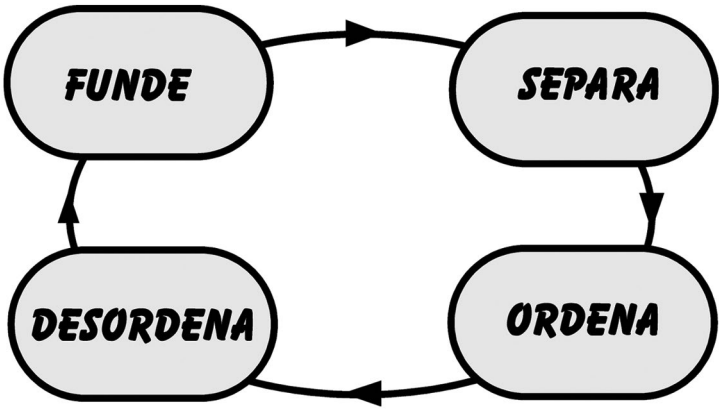


Fig. 1.1 – O Ciclo VITAL

Isto tudo nos faz entender que a VIDA é maior que nós próprios. As dunas podem modificar os caminhos do Vento, desviando-o para um lado ou para o outro, mas nunca poderão acabar com o Vento ou fazê-lo parar. Neste ponto eu discordo de alguns ecologistas, um tanto pessimistas – e por que não dizer egocêntricos e megalômanos? –, que afirmam que a ação do homem pode acabar com a VIDA na Terra. Talvez consigamos terminar com nós próprios, mas terminarmos com VIDA é impossível. A VIDA jamais será prejudicada pelos nossos atos, ela jamais sofrerá com nossos atos ou, como cantava Nat King Cole, na Balada de *Cat Ballou:*

"Makes no difference how they try.
They'll never make her cry."

Que traduzida, um tanto tendenciosamente, pode ficar:

"Não importa quanto os homens tentem.
Eles jamais conseguirão fazê-la (a VIDA) 'chorar'."

Ou ainda, lembrando Chico Buarque:

"Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."

Eu sei que não foi se referindo à VIDA que o Chico escreveu esta frase, mas ela também serve para explicar a VIDA. Aliás, na época da repressão política no Brasil, os poetas foram pródigos em criar versos marcantes de duplo e triplo sentidos, como esses da música *'Pesadelo'* de Paulo César Pinheiro, que até parecem falar da VIDA:

"Quando um muro separa, uma ponte une
Quando a vingança encara, o remorso pune
Você me prende vivo, eu escapo morto."

Assim, uma boa maneira de se perceber a VIDA é entendê-la como um eterno movimento, um eterno vai-volta. Uma regra mnemônica imediata, que facilita criar novas palavras referentes à VIDA, é notar que a letra 'V' é um vai-e-volta. Então, só aqui para nós, a letra 'V' simboliza a VIDA e, para fixar essa ligação entre o 'V' e a VIDA, lembre-se que em francês 'Vida' se escreve 'Vie' e se pronuncia 'Vi', praticamente apenas a letra 'V'.

O que tem no meio do ovo?

Meu filho de 9 anos me fez esta pergunta. Eu lhe disse que era a letra 'V', e ele retrucou que era a gema. Depois me explicou o seu truque. Se eu dissesse que

era a gema ele diria que era a letra 'V'. O velho truque de confundir a coisa com o nome da coisa.

Vou explicar a vocês qual é o meu truque. É na gema que está o embrião do ovo, o resto é o seu alimento. Neste momento a VIDA está passando pelo embrião, mas logo que o ovo for chocado a VIDA vai continuar seu movimento e vai transformar o alimento (terra) no corpo da ave. Na gema está a VIDA, latente naquele momento. A letra 'V' simboliza a VIDA. Então, seja na palavra 'ovo' ou no ovo em si, a letra 'V' está no meio.

As palavras ovo, Eva e Iaveh (Jeová) indicam o início da VIDA em alguma coisa (na ave, no homem e no mundo). Será que elas têm o 'V' no meio por mero acaso?

O portador da VIDA

Curiosamente, a palavra VIDA não é a única que possui a letra 'V' e que, de alguma forma, está ligada ao movimento, à ação. Já falei do Vento que, para as dunas do deserto, faz um papel similar à VIDA.

A palavra 'verbo' é outra que possui o 'V' e está ligada ao conceito de ação ou movimento. O verbo é o responsável por dar ação à oração (frase). Não existe oração sem verbo (que frase ambígua, hem?). O verbo é que traz vida à frase, ou será: o verbo é que traz a VIDA à frase?

O verbo aplica sua ação ao sujeito da frase. Note que o sujeito é aquele que sofre a ação do verbo,

aquele que está sujeito ao verbo. Ao contrário do que normalmente se entende, o sujeito de uma frase não é o *'agente'* e sim o *'recipiente'* da ação. O sujeito é modificado, movido ou agitado pelo verbo. Se vê, assim, que o verbo, na frase, tem uma função semelhante à VIDA em nós, levando sua ação modificadora por onde passa. Aproveitando esta ideia criarei uma nova palavra para referir à ação de levar a VIDA junto de si.

VERBO - É aquele que traz a VIDA consigo, é o portador ou transportador da VIDA.

Veja que interessantes ficariam os versos de São João:

No princípio era o VERBO.
E o VERBO estava com Deus,
E o VERBO era Deus.

Este último verso fica ótimo. Ele quer dizer: *"Deus é aquele que traz consigo a VIDA eterna e criadora"*.

Interpretando os três versos, ficaria assim:

No princípio era aquele que porta a força criadora.
E o portador da força criadora estava com Deus.
E o portador da força criadora era Deus.

Onde está a VIDA?

Com este truque de criar novas palavras, escrevendo-as com letras maiúsculas para lembrar que são outros conceitos, diferentes dos que normalmente usamos, podemos nos divertir com as curiosidades do nosso pensamento por muito tempo. Vamos criar mais algumas palavras.

Emprega-se o radical *'_dade'* para especificar uma qualidade. Assim, *'bondade'* é a qualidade daquilo que é bom.

Como poderíamos chamar a qualidade de possuir VIDA? Fácil, basta lembrar que a letra 'V' simboliza a VIDA, e teremos:

VERDADE - É a qualidade daquilo que está com VIDA.

Em outras palavras:

"Qualquer um que esteja VIVO está com a VERDADE",

"A VERDADE está em todos os lugares por onde passa a VIDA."

Podemos não saber onde está a verdade, mas a VERDADE já sabemos.

Como se vê a VIDA?

E o que acontece quando a gente olha para a VIDA e tenta ver a VERDADE?

Só podemos perceber alguma coisa se alguma coisa mudar ou se mover, ou daqui para lá ou disso para aquilo. Se nada nunca mudasse, nunca perceberíamos nada.

Na cena final do filme *Um hóspede do barulho* isto fica bem claro. Aparece na tela uma imagem parada de uma floresta. Nada se vê além de uma mistura não muito nítida de árvores e folhas. De repente, vários monstrinhos começam a se mexer simultaneamente e, imediatamente, passamos a ver uma meia dúzia deles.

Eles não estavam escondidos, apenas estavam invisíveis pela imobilidade.

Sempre que olhamos para algo que se mexe, criamos uma representação deste algo em nossas mentes. Só que esta representação nunca é exata, sempre fica um pouco distorcida, faltando algum detalhe. Pode-se dizer que fica um tanto embaçada.

Por isso, vou escolher a letra 'M' (de Mente) para simbolizar o 'V' como este é visto dentro de nossas mentes, porque o 'M' é cheio de vai-e-volta e parece um 'V' fora de foco.

Resta juntar o 'M' com o 'V' para criar uma palavra que signifique como a VIDA é percebida por nós, em nossas mentes.

Lembrando que só percebemos o que se mexe e, ainda lembrando que a VIDA move tudo por onde passa, defino:

MOVIMENTO - É como a VIDA fica parecendo quando a olhamos.

Ao observar a VIDA passando, vemos o MOVIMENTO.

Em resumo: Todo MOVIMENTO provém da VIDA, é a VERDADE que o VERBO (Deus) nos trouxe.

(Ficou bonito, né?)

É importante notar que o MOVIMENTO só passa a existir quando tem alguém para percebê-lo. A

presença de um observador é essencial para que possa existir o MOVIMENTO, ou como diz a letra da música Totem, de José Carlos Costa Neto e de Walter Franco, *'o poeta feliz'*:

> *"É só tentar ser livre e perceber*
> *que a vida fica imóvel sem você."*

O uno e o indivisível

Podemos continuar a criar novas palavras que evidenciem certas propriedades da VIDA. Se quisermos ressaltar sua característica de unicidade basta juntarmos o radical 'uni' à letra 'V', por exemplo do VERBO, aí teremos:

UNIVERSO - É a VIDA entendida em sua unicidade, como um todo.

Quer dizer, o UNIVERSO é a própria VIDA e lembra-nos que a VIDA é uma só, comum a todos.

Esta característica de unicidade que possuem a VIDA, a VERDADE, o VERBO, o MOVIMENTO e o UNIVERSO significa, também, indivisibilidade pois, se dividirmos alguma delas, deixará de ser coisa única. Assim como não tem sentido falar *'minha VIDA'*, também não tem sentido falar: *'a VERDADE de cada um'* ou *'o MOVIMENTO de um corpo'* ou ainda *'UNIVERSOS paralelos'*. Entenda bem, você pode continuar falando: *'a verdade de cada um'* ou *'o movimento de um corpo'* ou ainda em *'universos paralelos'* que não tem nenhum problema.

> *(imagine este parágrafo dito em voz alta. Lhe chamariam de louco)*

Não sou o primeiro a ficar admirando a unicidade e indivisibilidade destes conceitos. Por exemplo, Pitágoras, do qual temos uma imagem de um matemático chato que ficava falando em hipotenusa e raiz quadrada, era realmente um tremendo místico. Nascido 570 anos antes de Cristo, admirava muito esta *'unicidade'* dizendo que era o atributo de um Deus Maior, Apolo, o Uno, a mônada mística. A citação a Apolo na obra de Pitágoras era constante e se dizia que Pitágoras era uma encarnação de Apolo, que seu nascimento fora anunciado pelo Oráculo de Delfos e que possuía dons divinos de cura. Sob este aspecto existem muitos paralelos entre a vida contada de Pitágoras e a de Jesus, o qual também dizia que somos todos irmãos, filhos do único Pai.

Os Brâmanes Advaitas chegam ao extremo de afirmar que tanto o Criador (VERBO) quanto a Criação (UNIVERSO) são uma coisa só, indivisível, inseparável, o *Brahman*.

Na moderna Física, certas dificuldades surgidas com a *Teoria dos Quanta* levaram alguns expoentes, inclusive alguns ganhadores do Prêmio Nobel a defenderem o *Holismo*, um modelo que considera que o universo não está separado em partes.

Dividindo o Indivisível

Acabamos de afirmar que não tem sentido usar a expressão *'o MOVIMENTO de um corpo'*. Pode-se falar *'o MOVIMENTO em um corpo'* que é, mais ou menos, o mesmo que *'a VIDA em um corpo'*. Mas, ainda que o MOVIMENTO seja indivisível, podemos dividir o conceito de MOVIMENTO em dois outros conceitos (TEMPO e ESPAÇO), que deverão ser considerados sempre em conjunto para recomporem o MOVIMENTO.

Mas o que seriam TEMPO e ESPAÇO?

Esta pergunta tem sua razão de ser feita, pois nem todos entendem a mesma coisa. Os físicos, depois de Einstein, possuem uma noção de Tempo e Espaço bastante diferente das noções comuns que usamos em nosso dia a dia.

No livro *'Tempo e Espaço, duas dimensões gêmeas'*, o autor, Géza Szamosi, físico húngaro e professor de Física no Canadá, nos mostra como estes dois conceitos têm evoluído na compreensão humana (o Tempo Cíclico, o Tempo Sequencial, o Tempo Independente do Espaço de Newton, o Tempo Fundido ao Espaço de Einstein).

Szamosi não hesita em afirmar que Tempo e Espaço foram inventados pelo ser humano para dar sentido ao mundo.

Uma afirmação interessante sobre a relação entre Tempo e Espaço é feita por Wagner Waneck

Martins, professor de Engenharia da Universidade de São Paulo, em seu livro *Aritmética Qualitativa*, em que defende a necessidade de introdução do conceito de *'Épocas Matemáticas'*. Citando Kant, W. W. Martins afirma que Tempo e Espaço são noções apriorísticas necessárias para que qualquer metafísica possa vir a ser considerada uma Ciência, o que seria válido inclusive para a Matemática.

Segundo eles, para desenvolver alguma Ciência é preciso antes se estabelecer sobre que noções de Tempo e Espaço se está falando. Posso afirmar que os conceitos de *'tempo e espaço matemáticos'* do professor W. W. Martins — que por certo não são a mesma coisa que os conceitos de *'tempo e espaço físico'* — são extremamente úteis para a compreensão e utilização de sua teoria.

Estes dois autores nos levam a ver Tempo e Espaço como noções humanas que nunca ocorrem independentes uma da outra. Em outras palavras, para que possamos perceber o Tempo é necessário ter uma noção do que é Espaço e vice-versa.

Só é possível perceber o Tempo se observarmos algum lugar e notarmos que alguma coisa mudou nesse lugar, percebendo o antes e o depois. Também só é possível perceber o Espaço se algo mudar de lugar, isto é, se antes estiver aqui e depois estiver ali.

Mas isto mostra que Tempo (antes e depois) e Espaço (aqui e ali) são conceitos intimamente ligados à nossa percepção de algo que muda. Enfim, são exatamente o MOVIMENTO!

Assim, defino:

TEMPO e ESPAÇO - São as noções (mentais) interdependentes, desmembradas a partir do MOVIMENTO, ou seja, a partir da percepção da VIDA.

Pronto, o indivisível MOVIMENTO está dividido! Gostaram desse truque para dividir o indivisível?

Pois não fui eu que o inventei. Lao Tsé, um sábio chinês contemporâneo de Confúcio e de Pitágoras, já falava sobre o Tao, o uno indivisível, e de suas manifestações complementares e mutuamente geradoras, o *Yin* e o *Yang*. Foi só aplicar o truque de Lao Tsé ao MOVIMENTO que obtive o TEMPO e ESPAÇO.

Como usarei diversas vezes o truque de Lao Tsé neste trabalho, vou aproveitar para criar uma palavra que diga que certos conceitos foram obtidos pela divisão mental de algo indivisível.

Usando o radical *'di'* para lembrar a divisão em dois e o *'M'* para lembrar que o processo é mental, defino:

DIMENSÃO - É o nome dado a cada uma das partes que se obtém ao se dividir, mentalmente, algo indivisível por natureza.

Agora posso dizer que o *Yin* e o *Yang* são duas DIMENSÕES do Tao, e que TEMPO e ESPAÇO são duas DIMENSÕES do MOVIMENTO e do próprio UNIVERSO.

DIMENSÕES podem ser obtidas aos montes. Por exemplo, se eu considerar que o Ciclo VITAL tem duas partes identificáveis, uma parte organizadora (que separa e ordena) e outra parte desorganizadora (que desordena, mistura e funde), posso dar nomes a estas duas partes da VIDA. Normalmente fazemos exatamente isto quando falamos em vida e morte. Enfim, os conceitos, de uso cotidiano, de *"vida"* (finita e organizadora) e *"morte"* (desorganizadora) são também duas DIMENSÕES da VIDA.

O plural da VIDA

Como TEMPO e ESPAÇO juntos são o mesmo que MOVIMENTO, isto é, um reflexo do UNIVERSO em nossas mentes, se um dia o UNIVERSO se acabasse, as suas DIMENSÕES, entre elas o TEMPO, também acabariam e o UNIVERSO e a VIDA teriam existido sempre, por todo o TEMPO. Assim, a VIDA é eterna e o UNIVERSO existiu sempre, não teve um instante de início e não terá um fim, como já diziam os budistas. Mas não confunda UNIVERSO com universo. Este, dependendo de como você o entenda, pode ter um início e um fim.

O UNIVERSO é o conjunto de tudo que está no ESPAÇO ao longo de todo o TEMPO, diferente da concepção comum de universo, como sendo todo o espaço num dado instante do tempo. Desta forma, também carece de sentido uma expressão como

'UNIVERSO em expansão' pois o ESPAÇO ocupado pelo universo ontem e o que será ocupado amanhã, fazem parte do UNIVERSO de hoje e de todos os dias, pois o UNIVERSO, assim como a VIDA, é um só e continua o mesmo.

Também não tem sentido falar em UNIVERSOS PARALELOS. Se o universo pudesse ser dois ou mais, com certeza cada uma das partes não seria um UNIVERSO. Eu chamaria cada uma destas formas de DIVERSO, SUBVERSO ou qualquer coisa parecida. Enfim, UNIVERSO e VIDA, como eu as defini, são palavras que não possuem plural.

Exercitando as novas ideias

Neste capítulo defini e inventei vários conceitos que serão utilizados nos capítulos seguintes. Já que são ideias ligeiramente diferentes das que estamos acostumados a praticar e, para ajudar na fixação destes conceitos, vou listar uma série de pensamentos que se pode criar com eles. Propositadamente selecionei alguns pensamentos que se parecem com velhas frases nossas conhecidas.

"Não existe oração (frase) sem verbo e não existe oração (reza) sem VERBO."

"Todo MOVIMENTO é um reflexo da VIDA."

"VIDA, UNIVERSO e VERDADE não possuem plural."

"TEMPO e ESPAÇO são duas DIMENSÕES percebidas do UNIVERSO."

"Vida e morte são DIMENSÕES da VIDA."

"A VIDA está em todos os lugares e em todos os instantes do UNIVERSO."

"A VERDADE está na VIDA, ou seja, em todos os lugares."

"A VERDADE está em mim..., também."

"Não tenho a minha VIDA, e sim a VIDA está em mim."

"A VIDA é eterna."

Algo se mexe

Convém salientar que todos os conceitos até aqui definidos são quase sinônimos. TEMPO e ESPAÇO (considerados em conjunto), VERBO, VERDADE, MOVIMENTO e UNIVERSO são todos conceitos que se referem à VIDA, a esta força que mexe em tudo, em todos os lugares, sempre.

Podemos resumir este capítulo da VIDA numa afirmativa que traz a primeira grande conclusão deste trabalho:

"Genéééésio! Tem alguma coisa se mexendo por aí!"

CAPÍTULO 2

História: Passeio no circo

Texto: BABEL

Your lips move, but I can't hear
what you're saying
D. Gilmar, R. Waters

Eu já chamei você pra ver
Você não viu porque não quis.
Quem é você que não sabe o que diz?
Noel Rosa

Oh, Lord! Please,
don't let me be misunderstood.
B. Benjamin, G. Candwell

Passeio no circo

(livre adaptação de um conto hindu)

Agenor vivia numa pequena e pacata cidade do interior, chamada *Três Córregos*, ou *Treiscórgo* como todos diziam. O nome era devido àqueles três pequenos riachos que cortavam e circundavam a cidade e que se encontravam num mesmo ponto ao sul da vila. O ponto de encontro dos três riachos era chamado de Mangue, porque era baixo, plano e todo recortado por braços dos rios.

Em Três Córregos viviam quatro meninos cegos, amigos de Agenor. Eram cegos de nascença. Você sabe que a vida para um cego é bem mais complicada. Atividades simples podem se tornar difíceis e, normalmente, eles precisam de ajuda.

Assim, em suas casas, cada um dos meninos pouco podia fazer para auxiliar seus familiares no sustento. Quando seus irmãos e pais saíam para trabalhar na roça, eles não tinham muito o que fazer e procuravam se reunir para passar o tempo juntos. Com isto eles tentavam atenuar o sentimento de isolamento ou abandono que pesava em seus peitos.

Viviam um cotidiano que os conduzia por uma vida de poucas novidades, de poucas experiências que

estimulassem suas imaginações e eles continuavam a levar suas vidas. Eram pobres quanto ao dinheiro, eram pobres quanto ao afeto que recebiam e eram pobres quanto a ideias que poderiam ter para iluminar e distrair suas mentes e acalmar seus corações.

Depois da experiência que tivera em sua horta, Agenor compreendeu o valor do amor ao próximo, da caridade, e sempre que tinha um tempo ia ao encontro daqueles meninos cegos para lhes levar um pouco de atenção e afeto.

Nestas horas em que estavam reunidos, o passatempo preferido do grupo era ficar contando histórias uns para os outros. Toda experiência nova que algum deles, porventura, tivera vivido, era ansiosamente compartilhada com os demais.

Agenor era o que mais falava, justamente porque era o que mais tinha experiências por possuir um órgão sensor a mais. Esforçava-se em transmitir-lhes novas imagens, pois cada gota de uma nova imagem que os meninos pudessem sorver trazia-lhes uma deliciosa sensação de riqueza e de brilho, como que iluminando seus mundos por natureza tão obscuros.

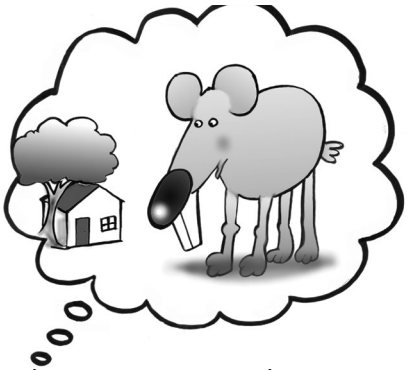
Certo dia, Agenor chegou muito excitado e foi logo dizendo que o circo havia chegado à vila. Estavam se instalando lá no Mangue. E tinha mais, junto com o circo, tinha vindo um elefante!

Os meninos já conheciam vários animais, especialmente animais domésticos. Eles já haviam tocado, abraçado e sentido o cheiro de gatos, de

cachorros, de cabras, de porcos. Um deles já tinha até subido em um cavalo! Mas de elefantes só tinham ouvido falar.

Agenor tentou explicar-lhes como eram os elefantes. Disse que eram animais enormes, gordos. Sem dúvida, os maiores. Só o rabo era pequeno. Tinham um longo nariz e dois dentes tão grandes que não cabiam dentro da boca.

Como será que eles imaginavam ser um elefante?



Agenor logo compreendeu que não adiantava muito ficar falando.

Afinal, o que é conhecer? Não adianta eu tentar explicar a vocês qual é o gosto de uma maçã. Por mais que eu explique, vocês só ficarão conhecendo o gosto de uma maçã depois que a experimentarem.

Resolveram ir, todos, até o circo para ficar *'conhecendo'* um elefante. Agenor os guiou até o Mangue.

Chegando ao circo, explicou ao moço que tomava conta do elefante o desejo dos meninos de tocar o elefante, de senti-lo.

Como o elefante era manso, o moço não viu por que não atender tal desejo, pois era tamanha a expectativa daqueles meninos que, mesmo cegos, seus olhos pareciam brilhar.

Agenor os aproximou, com cuidado, para que eles pudessem ficar tocando o elefante.

Um deles segurou a tromba do elefante, sentiu seu movimento e logo exclamou:

— *O elefante é parecido com uma cobra!*

Outro, que havia tocado e balançado a orelha do elefante, discordou:

— *Ele parece mais com um abano, daquele que usamos para espantar moscas.*

O terceiro tinha abraçado a pata do elefante, gorda e imóvel e falou:

— *Não sei como vocês podem dizer isso. O elefante se parece com uma árvore que tem a casca um pouco mais macia.*

O último menino cego segurou o rabo do elefante. Anunciou veemente:

— *Nada disso, elefante é como uma corda e tem cheiro de merda!*

Pronto, a discórdia se estabeleceu e não foi fácil para Agenor esclarecer as dúvidas.

Tentando explicar para o primeiro menino que elefante não era uma cobra, pediu-lhe que apalpasse o resto do rosto. Acabou ouvindo a pergunta indignada:

— *Pô... Agenor! Por que você não explicou logo que elefante tem o rabo na frente?!...*

BABEL

Palavras-chave: BABEL, ZIRIGUIDUM

Antes de continuar tirando mais conclusões sobre os conceitos já vistos no capítulo anterior, vamos agora criar mais um conceito que será muito útil para a continuidade deste trabalho.

É conveniente ficarmos atentos para as armadilhas da comunicação verbal. O problema com a comunicação de conceitos é que estes se formam em nossas mentes como fruto de nossas experiências individuais. Como as experiências de cada um são diferentes, nossos conceitos são diferentes, mas as palavras com as quais os designamos são as mesmas. Por isso, as palavras desencadeiam noções diversas em cada pessoa que as fala ou escuta. Principalmente as palavras que representam coisas abstratas evocam experiências diferentes em cada um de nós. Quando um kardecista fala em *'espírito'* não está se referindo ao mesmo que um politeísta. A palavra *'consciência'* dita por um psicólogo significa diferente daquela dita por um moralista.

Definirei mais adiante o conceito de BABEL para me referir aos problemas decorrentes desta diferença na formação de conceitos em nossas mentes. Antes, porém, para ilustrar a definição que será dada, vamos examinar resumidamente o que ocorre com o conceito simbolizado justamente pela palavra *'mente'*.

O que é a mente

A palavra *'mente'*, para algumas pessoas, designa apenas um efeito mecânico que surge quando se cria um sistema neural suficientemente complexo, por exemplo, nosso cérebro. Para estes, que para simplificar chamarei de materialistas, a mente é apenas uma consequência do funcionamento do circuito do cérebro e eles não veem nenhuma evidência de que possa ser diferente.

Os materialistas costumam antropomorfizar suas máquinas dizendo, por exemplo, que o computador tem *'memória'* ou que *'decide'* ou *'escolhe'* uma solução. Boa parte da pesquisa atual em Robótica e Inteligência Artificial parte deste pressuposto materialista e tem por meta final criar uma máquina pensante — o cérebro eletrônico.

Entretanto, existem aqueles que entendem a mente por algo ligado a uma manifestação espiritual, talvez como um reflexo sensível da alma. É na alma ou na mente que está o apreender, o conhecer, o reconhecer e a memória. Para estes, que aqui chamarei de espiritualistas, a mente precede o cérebro, ou seja, o funcionamento do cérebro é uma consequência da mente. De nada adiantaria juntarmos e ligarmos uma porção de neurônios, pois só conseguiríamos montar uma máquina morta, sem vida, sem Eu, sem instinto. Um computador ou um Frankenstein. Qualquer esforço para criar uma máquina pensante será em vão. Eu imagino que os que assim pensam devem ter tido certas experiências que os levaram a tal conclusão.

Também existe uma série de posições intermediárias com relação à palavra *'mente'*, como aqueles que acham que uma máquina por nós construída pode não ser pensante, mas, dentro de certos limites, agirá como se fosse, o que praticamente dá no mesmo. A estes chamarei de formalistas porque, para poder tentar construir tal máquina, aceitam a ideia de que o método de raciocínio humano pode ser captado por um conjunto de regras para manipulação de símbolos, que denominam por Sistema Formal.

Essa ideia de construir Sistemas Formais para simular nossa razão teve como um dos pioneiros Aristóteles (384- 322 a.C.) com seus silogismos, as regras válidas de dedução.

Aceitando esta ideia, em 1985, o governo japonês anunciou pesados investimentos para produzir em cinco anos o Computador de 5ª geração, a máquina inteligente. O projeto resultou num clamoroso fiasco e hoje[1], passados alguns anos da data prometida, ninguém sequer toca no assunto.

Porém, os formalistas já criaram programas de computador, ditos Sistemas Especialistas, que nos causam a impressão de estarem raciocinando, tirando conclusões. Os Sistemas Especialistas atuais, no entanto, possuem graves dificuldades para reconhecer novos padrões que não tenham sido pré-programados por

[1]Nota da 3ª edição: o texto original foi escrito em 1992 e o comentário a seguir referia-se a tal época. No momento desta 3ª edição (2020), 30 anos depois da data inicialmente prevista, a tecnologia agora apelidada 'inteligência artificial' ressurgiu com novos produtos e com muita mistificação e publicidade que tenta desviar a atenção da 'burrice' ainda visível no desempenho desses produtos.

uma mente humana. Não são capazes de reconhecer nada que não esteja apresentado sob uma forma pré-definida, nada que não se enquadre em seu Sistema Formal, isto é, não são capazes de ver o que não está escrito, de 'ler entrelinhas', não possuem a faculdade de 'inter legere', enfim, não são 'inte ligentes'.

> *Esta dificuldade com relação ao reconhecimento de novos padrões que está sendo enfrentada pelos construtores de robôs (materialistas ou formalistas) pode sugerir que se desenvolva uma linha de pesquisa um pouco mais platônica ou junguiana, baseada na ideia da preexistência de noções puras ou de arquétipos, abandonando a ideia aristotélica de reconhecimento de padrões a partir do nada, mesmo porque o radical 're' da palavra 'reconhecer' pressupõe um conhecimento prévio. Como se vê, a atual Teoria do Conhecimento e da Inteligência Artificial, ainda está envolta com problemas que já foram discutidos 2.500 anos atrás por Platão e Aristóteles.*

Uma outra teoria curiosa sobre o que é a mente é aquela que eu chamaria de atomista. A abordagem que alguns teólogos, como o padre Teilhard de Chardin, ou físicos que se preocupam com a relação entre matéria e mente, como o francês Jean-Émile Charon (livro *O espírito, este desconhecido*) ou a americana Danah Zohar (livro *O ser quântico*), dão ao objeto mente é semelhante à dos atomistas gregos e dos atuais físicos com relação à matéria, isto é, acreditam que a nossa grande mente consciente é o resultado da montagem de um grande número de protomentes elementares que de uma forma ou de outra estão ligadas à matéria.

Charon chegou a desenvolver uma *'Teoria da Relatividade Complexa',* tão consistente em sua formalização quanto a teoria de Einstein, em que as características das partículas subatômicas são descritas por Números Complexos[2] , cuja parte Real se refere às propriedades materiais como massa e carga, e cuja parte Imaginária se refere às propriedades mentais. As designações *'Real'* e *'Imaginária'* das partes dos Números Complexos ficou tremendamente adequada à teoria de Charon.

Explicando a grosso modo as ideias dos atomistas, diríamos que o elétron, além de suas características físicas como massa, carga, *spin*, orbital, que são definidos por seu número quântico ou nível de energia, possuiria também um nível quântico mental que, ao longo da vida do elétron, poderia se alterar conforme as interações mentais a que ele se submetesse. Nas interações mentais as partículas trocam quanta mentais e assim fica mais fácil explicar ou justificar como cérebro e mente se relacionam. Os atomistas, num certo sentido, estão numa posição entre os materialistas e os espiritualistas, quer dizer, nem mente nem cérebro são causas ou consequências e, sim, são coisas que acontecem juntas. Eles conseguiram compatibilizar a *Res Cogitans* e a *Res Extensa* de Descartes, os dois reinos das coisas mentais e materiais se tornam paralelos, simultâneos e interligados como o *Yin* e o *Yang*.

[2]Números Complexos são um tipo de números existentes dentro da Matemática, e são compostos de duas partes, chamadas de Real e Imaginária.

Uma outra forma de se entender a mente é apresentada por aqueles que chamarei de holográficos, como o físico David Bohm e o neurologista Karl Pribram. Uma compilação destas ideias pode ser encontrada no livro *O Universo Holográfico,* de Michael Talbot, em que se diz que o universo é um gigantesco holograma ou holomovimento, no qual Mente e Matéria são suas manifestações. A diferença entre atomistas e holográficos é que estes acham que o universo não está dividido em pequenas partes. Como num holograma, cada ponto do universo estaria indissoluvelmente ligado aos demais, o que na física atual é chamado de *Princípio da Não Localidade*, cuja aceitação não é generalizada. A Teoria Holográfica contorna algumas dificuldades da Teoria dos Quanta, particularmente o paradoxo apresentado por Einstein, Podolski e Rosen a respeito de comunicação em velocidade superior à da luz e ainda cria campo para a explicação científica de vários fenômenos da parapsicologia.

Convém salientar que os nomes que usei para definir estas linhas de interpretação do que a mente é, como materialistas, espiritualistas, formalistas, atomistas e holográficos, são só para uso dentro deste livro, pois não conferem em detalhes com as Escolas Filosóficas que eventualmente levam estes nomes.

Ziriguidum e Balacobaco

Não estou mostrando estas diferentes opiniões sobre o que é a mente porque pretenda defender alguma delas ou outra qualquer. Estas diferentes linhas de

entendimento foram apresentadas, como já dissemos, para ilustrar a dificuldade em se conciliar vários pontos de vista divergentes.

Será possível conciliá-los?

Pode-se pensar que, para resolver discussões sobre a verdadeira natureza de uma coisa, bastaria adotar nomes diferentes para estas diferentes visões do que é a mente. Os materialistas poderiam chamar a sua forma de entender a mente por ZIRIGUIDUM e os espiritualistas chamariam a sua concepção de BALACOBACO, assim, quando um materialista falasse em *'ZIRIGUIDUM do computador'*, o espiritualista não precisaria contestar, pois ZIRIGUIDUM seria diferente de BALACOBACO.

Este é um truque ao qual precisarei me referir posteriormente e então vou definir:

ZIRIGUIDUM - é a técnica de dar nomes diferentes a percepções diferentes de uma mesma coisa observada.

Por exemplo, Freud criou uma divisão de nossa mente em Inconsciente e Consciente, e outra divisão sobreposta em Id, Ego e Superego. Jung veio a seguir e criou outras divisões, parcialmente sobrepostas, falando em Inconsciente Coletivo, Arquétipo, Persona, Animus, Anima.

A Persona não era o mesmo que Id ou Ego ou Superego e, assim, Jung poderia falar de suas propriedades sem contrariar Freud.

Mesmo assim Freud não gostou e o desentendimento foi tão grande que Freud acabou expulsando Jung da Sociedade de Psicanálise. Neste

caso a técnica do ZIRIGUIDUM não adiantou, talvez porque tanto Freud quanto Jung acreditavam que Id, Ego, Persona eram coisas reais, que existiam de fato e não eram apenas noções percebidas dentro da mente de cada um deles.

Normalmente os cientistas modernos não recorrem ao ZIRIGUIDUM. Psicólogos, cientistas da cognição, epistemólogos, linguistas e todos os que se preocupam com a relação entre realidade e aparência, geralmente preferem ficar testando e contestando o que a mente é. Por exemplo, John Searle, filósofo inglês contemporâneo, em seu livro *Mente, Cérebro e Ciência* diz:

> *"... na versão mais extrema desta concepção, que eu chamo por 'Inteligência Artificial forte', o cérebro é um computador digital. É a concepção que refutei no último capítulo..."*

E, assim, o debate sobre o que é a mente, o que é o pensar e o que é a inteligência continua.

O Teste de Turing

Alan Turing foi um matemático inglês que teve destacada participação no trabalho de deciframento de mensagens alemãs durante a Segunda Guerra Mundial e também foi um dos pioneiros da Teoria da Computação. Turing propôs um teste simples para que possamos determinar se uma máquina possui inteligência ou não.

O Teste de Turing, como passou a ser chamado, consiste em estabelecermos uma comunicação verbal

escrita entre o examinador e a máquina em teste, sem que o examinador saiba quem ou o que está respondendo às suas perguntas. Se após uma série de perguntas e respostas o examinador não conseguir descobrir se as respostas partem de uma outra pessoa ou de uma máquina, então esta poderá ser dita inteligente (pelo menos tão inteligente quanto o examinador).

Hoje em dia já se fez programas para computadores que, dentro de certos limites, trabalhando em áreas conceituais restritas, conseguem ludibriar o seu interlocutor por algum tempo, mas ainda não foi feita nenhuma máquina ou programa que passasse incólume por um Teste de Turing completo.

Se entendermos por inteligência algo que não se baseia e não se expressa apenas em termos de comunicação verbal, devemos considerar, também, que o Teste de Turing, em si, não é completo.

Por exemplo, se nós, leigos mortais, jogarmos uma partida de xadrez contra um bom programa de computador, provavelmente perderemos e ficaremos com a impressão de que o computador *'entende'* do jogo. Porém, também notaremos que não adianta tamborilar na mesa ou soprar fumaça de cigarro na cara do oponente, tentando atrapalhar sua concentração, pois o computador não se afeta com isso, bem como ele não muda sozinho seu estilo de jogo levando em conta o nosso histórico enxadrístico ou nossa cara de desespero com o desenrolar da partida. Assim, dentro de certos limites, o computador atuará como se tivesse uma mente que compreende o que é o jogo de xadrez.

São exatamente estes *'certos limites'*, não claramente definidos, que acabam por criar todos os futuros mal-entendidos quando usamos a palavra mente em nossas conversas, já que cada um de nós verá estes limites em posições diferentes e, sempre que alguém falar em mente, o outro entenderá uma coisa ligeiramente (e às vezes radicalmente) diversa.

A babelização

Tudo o que foi dito até aqui a respeito da palavra *'mente'*, serve de exemplo para o conceito de BABEL, agora introduzido:

BABEL - é a confusão que decorre do fato de que as pessoas possuem noções individuais diferentes para uma mesma coisa observada e, comumente, usam uma mesma palavra para expressar tais noções.

O desentendimento ou BABEL que surge em muitas conversas ocorre porque as pessoas se esquecem que, quando falam, estão falando sobre as noções diferentes que cada um tem e pensam falarem sobre a mesma coisa.

Enfim, a BABEL existe porque as pessoas não usam o ZIRIGUIDUM.

A BABEL, como conceito ou como efeito, já apareceu nas mais diversas Escolas ou Tradições de Pensamento, mas é constantemente esquecida porque não é um conceito culturalmente firmado e, por isso, muitas discussões sem sentido são levadas adiante.

Para melhor firmar a ideia, dedicarei o resto deste capítulo à apresentação de alguns exemplos de textos, autores ou situações em que o conceito de BABEL surge evidente, ou por uma citação, ou por sua ação desagregadora. No capítulo seguinte apresentarei uma teoria que serve para explicar o funcionamento do mecanismo que provoca o surgimento da BABEL.

O monoteísmo bíblico

Não foi por acaso que escolhi a palavra BABEL. Da Bíblia é bastante conhecida a história da construção da Torre de Babel (Gênesis 11, 12), cujo cume deveria tocar os céus, e como as pessoas começaram a falar línguas diferentes, passando a não mais se entenderem, resultou na interrupção da obra.

Esta história, quando analisada apenas literalmente, deixa a impressão de ser um fato isolado, ocorrido apenas uma vez, quando Deus puniu os seres humanos que O desafiaram, tentando igualar-se a Ele.

Na Bíblia é frequente o uso de metáforas e parábolas e não é difícil imaginar a história da Torre de Babel como uma metáfora para um fato muito comum, que é o desentendimento que sempre acaba surgindo quando humanos tentam criar uma religião que os aproxime e os leve até Deus.

Os cismas protestantes na Igreja Católica são, sem dúvida, o resultado do desencontro de opiniões a respeito de noções como *'servir a Deus', 'pecado',* etc.

Eram pessoas cheias de boas intenções que tentavam construir a Igreja de Cristo, mas que em suas discussões pareciam falar *'línguas diferentes'*, pois não conseguiram chegar a um acordo.

Eu sei que posso ser taxado inocente ao afirmar que estes cismas se deram por motivos de interpretação religiosa, pois muitos enxergarão motivos econômicos, políticos ou até sexuais por trás de tudo. Este fato só serve para comprovar a BABEL, pois cada um de nós está vendo o mesmo cisma e o descreve de formas conflitantes.

Fiz referência aos motivos religiosos porque o argumento primordial de Lutero e Calvino era as questões religiosas. Se depois outras pessoas, como o Papa e o rei da Inglaterra, utilizaram as divergências em benefício próprio, já é outro assunto. Se todos os católicos de então chegassem a um acordo sobre as noções religiosas, não se criariam as Igrejas Protestantes por simples falta de adeptos e o rei da Inglaterra não precisaria criar a Igreja Anglicana para poder se divorciar.

Aliás, o próprio Cristianismo acabou nascendo como o resultado de um mal-entendido entre judeus. De um lado ficaram aqueles judeus que entenderam de uma forma a Palavra de Deus contida nas Escrituras Sagradas e, ao ouvirem as palavras de Jesus, discordaram, dizendo que eram coisas diferentes. Do outro lado ficaram aqueles que entenderam que Jesus expressava exatamente a Palavra de Deus e que Jesus era o Messias; daí floresceu o Cristianismo.

Só que tanto as Escrituras quanto Jesus eram, cada um deles, um só. Apenas eram vistos de formas diferentes por ambos os grupos que, passados dois mil anos, continuam a discordar. Neste caso, também, as questões políticas e econômicas, que alimentaram a fogueira da discórdia, eram oportunistas, posto que a fogueira foi acesa utilizando-se o argumento religioso.

Assim como as palavras do Profeta Maomé são distorcidas e servem de justificativa para tanto ódio que se encontra em algumas seitas muçulmanas, também a mensagem de Amor de Jesus é mal compreendida por muitos, o que nos deixa sem entender como podem ser usadas como justificativa para a Inquisição, ou para a guerra na Irlanda entre grupos que se autoclassificam como cristãos.

Parece que Jesus sabia da confusão que seria feita com sua mensagem e tinha plena noção daquilo que chamamos por BABEL, como se vê em Suas palavras conforme descrito no Novo Testamento, Segundo São Mateus, cap. 10, vers. 34-35, da Bíblia Cristã:

> *34 Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada;*
> *35 Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra o seu pai, e a filha contra a sua mãe, e a nora contra a sua sogra;*

Em resumo, a história da Torre de Babel talvez não tenha ocorrido apenas uma vez!

As teias de Maya

Dentro da tradição hindu encontramos a ideia de confusão provocada pelas imagens em nossas mentes no conceito denominado *'maya'*, que pode ser grosseiramente traduzido por *'teia das ilusões'*, e da qual devemos escapar para que possamos atingir a iluminação. A BABEL é vista, então, como uma prisão ou labirinto que nos impede de enxergar a verdade.

A parábola do início deste capítulo, sobre os cegos e o elefante, foi baseada em um conto hindu bastante conhecido e é uma tentativa de transmitir o conceito de BABEL.

Uma outra breve versão deste conceito vamos transcrever do livro *Quatro Yogas de Auto-Realização* de Swami Vivekananda, um brâmane vedanta discípulo direto de Ramakrishna, que no final do século XIX iniciou um trabalho de divulgação da cultura hindu entre os ocidentais.

S. Vivekananda tinha um bom conhecimento da cultura ocidental, pois ainda jovem chegou a estudar na Inglaterra. Nos parece ter sido um bom tradutor do '*orientalês'* para o *'ocidentalês*'. Assim falou Vivekananda:

> *"Contai a uma criança uma porção de histórias de fantasmas, e fazei-a sair à rua, pela noite. Existe ali um pequeno toco de árvore. Que vê a criança? Um fantasma, com mãos estendidas, pronto para agarrá-la. Um policial que venha à mesma esquina vê o toco transformado em ladrão. O ladrão o vê como um policial. Trata-se do mesmo*

toco de árvore, que foi visto de várias maneiras. O toco é a realidade e as visões do toco são as projeções das várias mentes."

A classe operária vai ao paraíso

A BABEL não ocorre só com religiões. Falando em política, são históricos e quase folclóricos os famosos rachas entre os militantes das Esquerdas Brasileiras. Desde o primeiro racha entre o *Partido Comunista Brasileiro* e o Partido Comunista do Brasil, uma série de rachas subsequentes provocaram uma *'sopa de letrinhas'* de siglas de novos partidos de esquerda só comparável, em quantidade, às siglas para índices de inflação.

É importante lembrar que estes militantes eram movidos, todos, por uma boa intenção e um sentimento comum de lutar contra injustiças sociais ou coisa parecida. Enfim, eles queriam *'construir uma obra que os levasse aos céus'* — um Estado com plena justiça social — mas no meio do caminho começaram a discordar com relação ao método da Revolução, começaram a *'falar línguas diferentes'*, se desentenderam, se dividiram e perderam todo o efeito sinergético do trabalho em conjunto, permitindo que a reação da Direita os deixasse desarticulados. Enfim, não conseguiram *'completar a obra'*.

Quem já participou da formação e desenvolvimento de partido político que tivesse inicialmente fortes princípios ideológicos e não fisiológicos muito provavelmente sentiu a confusão de ideais que vai se desenvolvendo paralelamente ao crescimento da importância do próprio partido e que acaba levando a profundos rachas ou cismas. A desarticulação de partidos ideológicos, provocada pela BABEL é lenta, mas inexorável, pode levar várias décadas e até séculos para completar o seu ciclo.

Hoje em dia os chamados Partidos Verdes estão no início do ciclo de babelização, a obra ainda é nova e é forte o sentimento de um objetivo comum, mas pequenos sinais de divergência do *modus operandi* já estão aparecendo. Isto é só o início da BABEL. Não sei se em alguns lustros ou se em alguns séculos, mas é só ter paciência e esperar que graves cismas surgirão entre os ecologistas, inevitavelmente.

A velha e a moça

Encontramos, também, no pensamento científico ocidental, vários exemplos de casos ou referências à confusão de ideias provocada por diferentes interpretações dos fatos.

A Ciência e a Filosofia ocidentais são atividades culturais bastante antigas que nasceram na Grécia Clássica. Por exemplo, Bertrand Russell, filósofo e matemático que escreveu em meados do século XX o livro *Wisdom of the West*, diz:

> *"Filosofia e Ciência, como nós as conhecemos, são invenções gregas... Ambos, o Egito e a Babilônia, forneceram algum conhecimento que os gregos tomaram mais tarde. Mas nenhum deles desenvolveu Ciência ou Filosofia." (tradução do autor)*

Em seguida reconhece em Tales de Mileto, aquele que é mais conhecido pelas *'razões de triângulos semelhantes'* e que viveu há uns 2.600 anos, como o primeiro homem que pode ser chamado de filósofo.
Junto com Tales começou a BABEL. Debates *'homéricos'* foram travados entre diferentes Escolas e Sócrates, em especial, sentiu bem o gosto da BABEL, sendo forçado a tomar cicuta por causa de suas opiniões.

Hoje em dia, mais velha, a Filosofia está mais experiente. Os filósofos já conhecem a técnica do ZIRIGUIDUM e procuram dar nomes diferentes para noções diferentes, classificam as Escolas de Pensamento e evitam levar às vias de fato suas divergências.

O mesmo não pode ser dito da Moderna Ciência Ocidental. É comum entender-se que ela nasceu há uns 400 anos com os esforços de Francis Bacon, Leibniz e Descartes em criar um método de análise. Entusiasmado com suas descobertas Leibniz afirmou:

> *"... no futuro..., não haverá mais necessidade de discussão entre dois peritos. Bastar-lhes-ia tomarem seus lápis, sentarem-se às suas ardósias e dizerem-se mutuamente: vamos calcular..." (citado por W. W. Martins no livro Aritmética Qualitativa)*

Menina-moça ainda — quando comparada à Filosofia Clássica — a Ciência Moderna ainda não está totalmente vacinada contra a BABEL. Discussões em altos brados ainda costumam ocorrer, por exemplo, entre biólogos neodarwinistas e neolamarquistas, médicos alopáticos e homeopáticos ou cientistas e parapsicólogos.

O julgamento e a prisão de Galileu, motivados por suas opiniões científicas, são bastante conhecidos, mas não são fatos únicos. Há menos de cinquenta anos, Wilhelm Reich, discípulo dissidente de Freud, fugindo do nazismo e, enxotado pelos comunistas, acabou passando um bom tempo em prisões capitalistas estadunidenses, onde escreveu sua última obra, o livro *Escuta, Zé Ninguém*. Este livro é uma espécie de desabafo de alguém sempre perseguido por suas teorias de Psicologia, que falavam de conceitos controvertidos como economia sexual, couraça muscular e outros.

Os exatos

Dentro da Ciência Moderna, esta jovem de quatrocentos anos, existe uma ala tida como a sua mais límpida exemplar: As Ciências Exatas.

Pois até nas Ciências Exatas, como a Física e a Matemática, a BABEL produz os seus efeitos desagregadores...

Einstein, reconhecido como um dos ápices entre os maiores cientistas do século XX, chegou a dizer que,

depois que os matemáticos formalizaram a sua Teoria da Relatividade, nem ele mesmo a entendia. Referia-se à Teoria dos Quanta em termos bastante agressivos, dizendo que esta teoria lhe sugeria:

> *"... um sistema de ilusões de um paranoico extremamente inteligente, maquinado a partir de elementos de pensamento incoerentes" (citado em O ser quântico de Danah Zohar).*

Sobre o Princípio da Incerteza de Heisenberg, Einstein criticou-o: *"Deus não joga dados"*.

Apesar de todos estes debates nada amigáveis, atualmente, a Teoria dos Quanta e o Princípio da Incerteza são utilizados em conjunto com a Teoria da Relatividade e todas as suas incompatibilidades em qualquer pesquisa da Física moderna.

No início do século XX, Bertrand Russell, já citado, foi um dos pioneiros modernos de uma linha filosófica matemática denominada Logicismo. Ao referir-se a Hilbert, pioneiro de uma linha concorrente chamada Formalismo, Russell acidamente disse:

> *"O matemático formalista é aquele que nunca sabe o que está falando, nem se o que acabou de demonstrar é verdade ou mentira"*.

Hoje em dia Logicismo e Formalismo fundiram-se numa visão matemática mais genérica, apresentada por um grupo de matemáticos franceses, o Grupo Bourbaki.

Este grupo resolveu uma discussão científica, mas participa da criação de outras, como quando classificou como não matemática a Teoria dos Fractais,

de um matemático polonês radicado na França, Mandelbrot, que hoje tem sido usada como modelo matemático para a previsão meteorológica e é citada dentro da Teoria do Caos. Mandelbrot teve que sair da França para ter sua teoria reconhecida.

Os sonhadores

As ciências que têm por objeto o estudo das relações entre mente e matéria, ou entre realidade e aparência, como a Psicologia, a Epistemologia e a Inteligência Artificial, naturalmente estão às voltas com o problema da BABEL.

Curiosamente, o conceito de BABEL é tocado muito superficialmente, ou simplesmente desprezado, nas teorias desenvolvidas por estas disciplinas. Digo *'curiosamente'* porque, na minha atrevida opinião, a BABEL deveria ser um conceito fundamental para estas ciências, nem que fosse por autodefesa, já que a BABEL pode ocorrer dentro do corpo delas próprias, provocando discussões paralisantes entre seus membros. Mas como uma das características da BABEL é o esquecimento, parece que se esqueceram de reservar um espaço para a BABEL.

No capítulo 3 farei uma espécie de revisão da Teoria do Conhecimento e da Teoria da Comunicação, só para ver como ficariam se não nos esquecêssemos da BABEL. No capítulo 5 usarei esta teoria revista para mostrar como é possível uma ciência não ser correta mas, ainda assim, ser válida.

O inconsciente coletivo

A Psicologia, em especial, vive presa a um capcioso ciclo de autorreferência, pois usa recursos mentais humanos — o Logos — para estudar a própria mente humana — a Psique. Lembrando do conceito de BABEL, sabemos que as palavras mente e psique têm um significado diferente para cada estudante de Psicologia. Veja só em que *'imbróglio'* se meteram Pavlov, Freud, seus seguidores e seus críticos: hoje em dia não é fácil encontrar dois que falem a mesma língua.

Certa vez, em conversa com um analista, que dizia seguir a linha freudiana, perguntei a sua opinião sobre o conceito junguiano de Inconsciente Coletivo. Não posso precisar as palavras exatas de sua resposta, mas me lembro bem que ele emitiu uma opinião sobre a ideia de Inconsciente Coletivo, que me pareceu extremamente adequada para ser aplicada às ideias de Freud sobre Eros e Thanatos. Resumidamente ele disse algo como:

> *"... Jung criou um deus com a ideia de Inconsciente Coletivo que ele usa para explicar uma porção de coisas, mas que não passa de uma opinião pessoal não objetiva."*

Este analista não concordava que sua opinião também era aplicável aos conceitos de Eros e Thanatos, ou seja, que os conceitos de Eros e Thanatos *"não passam de uma opinião não objetiva"*. Na ocasião, concluí que ele deve ter tido algumas experiências que lhe mostraram evidências sobre a existência de Eros e de Thanatos,

mas nenhuma experiência pessoal o levava a concluir sobre a existência do Inconsciente Coletivo.

(sem dúvida, não foram as mesmas experiências que Jung passou)

Na moderna Psicologia existe uma nova linha de pensamento, a Programação Neurolinguística (PNL), que é uma derivação da Gestalt Terapia. Aliás, em perfeito respeito à Lei da BABEL, o que não falta em Psicologia é uma nova linha de pensamento, que, como sempre ocorre, possui uma porção de defensores e outra porção de opositores, mas não nos interessa discutir a validade desta nova modalidade.

Apenas considerando que seus criadores são pesquisadores preocupados com as técnicas de tratamento psicanalítico, citaremos um trecho tirado de uma palestra para psicólogos proferida por Richard Bandler e John Grinder, criadores da Programação Neurolinguística, cujo texto se encontra no livro Sapos em *PRÍNCIPES*, que até parece falar do conceito de BABEL:

> *"Existe a ilusão de que as pessoas podem entender-se quando são capazes de repetir as mesmas palavras. Uma vez que tais palavras captam internamente experiências diferentes — e é o que devem fazer — então haverá sempre uma diferença entre os significados."*

Babelizando a BABEL

Mostrei que a BABEL aparece como conceito ou como efeito no pensamento místico, filosófico ou científico. Poderia, ainda, estender muito esta lista de citações, mas, apesar de suas profundas consequências desagregadoras, a BABEL não é um conceito regularmente lembrado e, por isto, quis ressaltá-lo já que estou tentando me comunicar.

Porém, dar um nome a um conceito não resolve o problema de tentar estabelecer uma comunicação dirigida e racional, pelo contrário, agrava-o. Temos todos o péssimo hábito de esquecer o efeito BABEL em nossas conversas cotidianas e continuamos nossas discussões como se nossos interlocutores estivessem entendendo o significado das palavras que empregamos e nós as deles.

Aliás, neste trabalho estou contribuindo bastante para o aumento da BABEL. Esta mania de redefinir palavras já existentes como VIDA, UNIVERSO e outras que virão adiante só serve para aumentar a confusão e, por isto, recomendo que não se discuta com muita seriedade estes novos conceitos com terceiros, mesmo com aqueles que tenham lido todo este livro. Vocês quase nunca saberão se o outro está falando da vida ou da VIDA, da verdade ou da VERDADE.

Uma curiosa característica da BABEL é que ela não ocorre apenas quando existe uma discussão entre interlocutores. A BABEL ocorre, também, quando

interlocutores aparentemente estão concordando. Um exemplo claro desta situação será mostrado no capítulo 4 quando será analisada a *'existência do valor do dinheiro'*.

O pior é que o efeito BABEL ocorre, também, sobre o conceito do que é BABEL. Na definição de BABEL aparecem palavras como 'fato', 'noções', 'coisa observada' que possuem significado diferente para cada leitor. Considerando isto, podemos enunciar um corolário bastante sucinto da definição de BABEL:

BABEL - Não é isto que você está pensando.

Deste corolário e lembrando dos versos de Noel Rosa, que estão no início deste capítulo, sai a segunda grande conclusão deste trabalho:

> *"Com certeza, o que você entendeu por BABEL não é o que eu quis dizer."*

CAPÍTULO 3

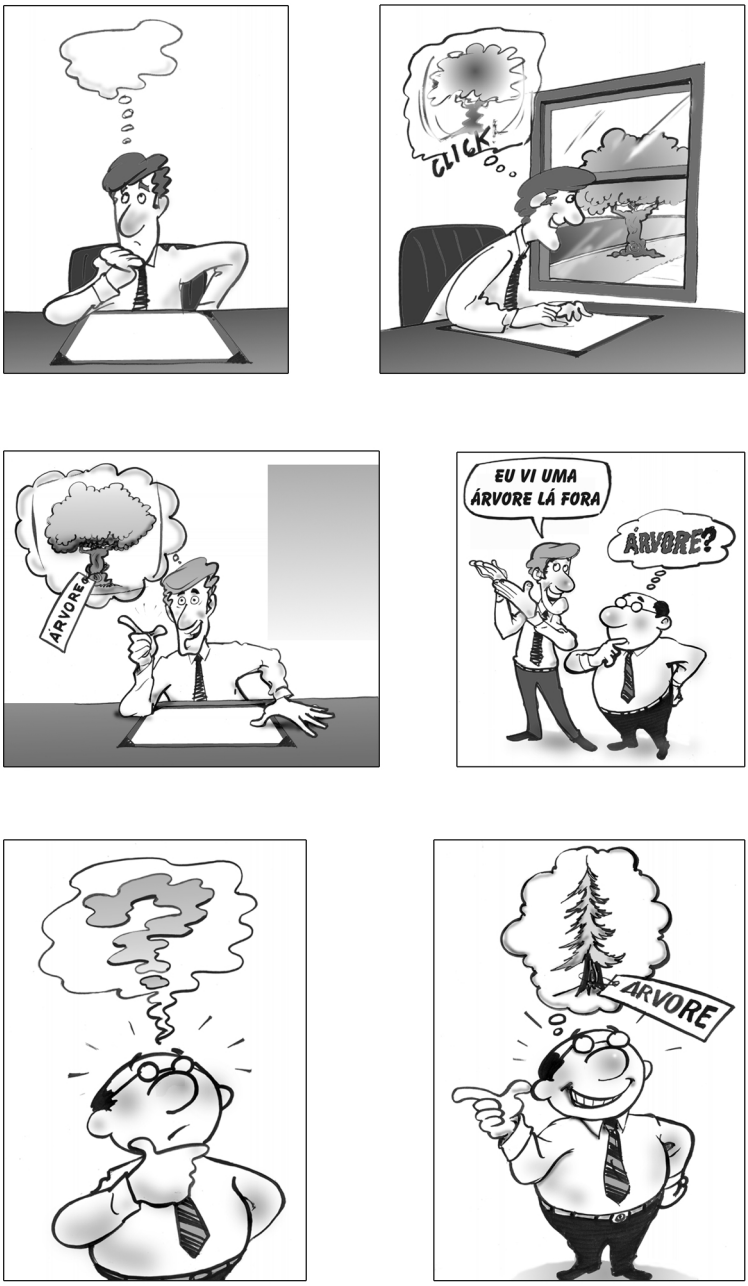
História: As árvores

Texto: IMAGEM

Porque não há nada sem reparação
Sei lá, sei lá,
A vida é uma grande ilusão
Vinícius de Moraes

Homo scientis ego, o que você quer dizer com isso?

AS ÁRVORES



IMAGEM

Palavras-chave: FENÔMENO, IMAGEM, CIÊNCIA, LUZ, ILUSÃO

No capítulo 1, quando escolhi a letra 'M', para representar como o 'V' é visto dentro de nossas mentes e durante todo o capítulo 2, da BABEL, eu estava ressaltando o fato de que o que percebemos sempre é uma cópia imperfeita ou incompleta da realidade ou VERDADE. Avisei, então, que apresentaria uma espécie de revisão da Teoria do Conhecimento que levasse em conta a BABEL.

Esta nova teoria teria, então, que apresentar um modelo que mostrasse como ou onde ocorre alguma modificação nos dados por nós percebidos, que acaba por tornar a BABEL inevitável. Antes, porém, gostaria de ressaltar que a BABEL é como uma estrutura hiperestática — sustentada por mais pilares que o necessário — ou como uma represa alimentada

por vários dutos de água. Não basta remover um pilar ou fechar um duto pois a BABEL continua a resistir, cumprindo seu papel.

Teoria do Conhecimento Babelizável

Para começar a falar a respeito de como as coisas são percebidas em nossas mentes e usando a técnica do ZIRIGUIDUM para diminuir a chance de contestações, vou definir duas novas palavras escolhendo dois nomes para diferenciar aquilo que está dentro de nossas mentes daquilo que está fora.

A palavra grega *'Noûs'*, usada para representar o princípio da mudança, costuma ser traduzida por mente. Juntando o 'N' do *'noûs'* — observe que o 'N' também parece um 'V' fora de foco — com o 'M' da mente, construo uma palavra para me referir a tudo que está dentro de nossas mentes:

NÔMENO - É o local onde estão todos os nomes, as noções, o raciocínio, enfim, tudo que é produto mental.

Para nos referirmos às coisas que estão fora do NÔMENO basta juntar um radical. Normalmente se usa o radical *'ex'* para se dizer que algo está fora, mas fica esquisito falar *'exnômeno'*. Por isso escolhi o próprio 'F', de fora, para juntar ao NÔMENO:

FENÔMENO - É o todo que está fora de nossas mentes.

Propositadamente eu defini FENÔMENO como *'é o todo...' e não como 'é tudo...'*. Definido desta maneira o FENÔMENO acaba sofrendo do mesmo mal da unicidade e da indivisibilidade que a VIDA, o UNIVERSO e o MOVIMENTO possuem.

Só existe um único FENÔMENO e não devemos falar em *'este FENÔMENO'* ou *'aquele FENÔMENO'*. Não existem FENOMENOZINHOS. Depois eu explico por que preferi definir assim.

Note que seu corpo e seu cérebro estão no FENÔMENO, pois o NÔMENO é essencialmente um local abstrato, mental. Não é difícil identificar NÔMENO e FENÔMENO com os *Res Cogitans* e *Res Extensa* de Descartes, ressalvada a indivisibilidade do FENÔMENO.

Brotam paradoxos como cogumelos

Estas duas definições parecem simples e inocentes, fáceis de entender e uma boa base para iniciarmos nossa teoria. Puro engano, são lobos com pele de cordeiro.

O FENÔMENO acima apresentado é uma definição, ou seja, é um produto mental e, portanto, está no NÔMENO. Conclusão: o todo que está fora de nossas mentes (FENÔMENO) está dentro delas!

Já o NÔMENO é uma coisa que ocorre por si só, ele existia antes de pensarmos nele, portanto ele faz parte do FENÔMENO. Conclusão: o NÔMENO está fora de si mesmo!

Até parece não ser possível concluir se NÔMENO e FENÔMENO são coisas excludentes, complementares ou idênticas.

Bom, as duas conclusões acima podem estar erradas, tente você mesmo descobrir um porquê… Provavelmente você não vai tentar nada e está esperando que eu lhe dê a resposta. Então, posso dar uma explicação mais ou menos curta:

> *"NÔMENO e FENÔMENO, assim como TEMPO e ESPAÇO, Yin e Yang, são noções sempre simultâneas, mutuamente geradoras, que nunca podem ser separadas e, juntas, compõem o UNIVERSO, enfim, são duas outras DIMENSÕES do UNIVERSO."*

Mas também posso dar uma explicação mais longa, procurando a razão destes aparentes paradoxos passo a passo.

A noção de FENÔMENO é uma noção e, portanto, está no NÔMENO. Disto não resta a menor dúvida. Mas precisamos lembrar que uma noção de alguma coisa não é a coisa. A noção de uma coisa é rotulada por um nome que demos à coisa e sempre está no NÔMENO. A história em quadrinhos *AS ÁRVORES* tenta mostrar isto. São duas coisas diferentes: a coisa em si e a coisa como é vista.

Karl Popper, filósofo de reconhecida importância no século XX e crítico do Holismo de David Bohm, em seu livro *A Lógica da Pesquisa Científica* aborda o tema da *'coisa em si'* e suas aparências ao analisar as experiências propostas por Heisenberg, para comprovação da

dualidade onda/partícula. Popper chamava essas experiências de armadilhas criadas pelo cientista para captar a verdadeira forma das coisas materiais e então diz:

> *"A coisa em si é inacessível ao conhecimento: só podemos conhecer-lhes as aparências que hão de ser entendidas como resultantes da coisa em si e de nosso próprio aparelho de percepção. As aparências resultam, portanto, de uma espécie de interação entre as coisas em si e nós mesmos. Tal o motivo porque uma coisa pode apresentar-se a nós sob diferentes formas, segundo nossas diversas vias de percebê-la — de observá-la e de interagir com ela. Tentamos, por assim dizer, chegar à apreensão da coisa em si, porém jamais alcançamos êxito: nas armadilhas por nós colocadas só encontramos aparências."*

A coisa em si é que está no FENÔMENO. Por exemplo, quando eu falo em árvore, o que eu penso ao falar e o que você compreende são coisas que estão no NÔMENO, são coisas denominadas. Nós só podemos falar e pensar sobre coisas que estão no NÔMENO. A coisa real, a qual denominamos por árvore, é que está no FENÔMENO, mas esta eu não posso falar nunca! Só posso **falar sobre alguma coisa real**, mas não dá para **falar a coisa real.**

Enfim, como disse Krishnamurti, pensador indiano que esteve muito em moda na década de 1960, em seu livro *O Mistério da Compreensão* e também em outros textos:

> *"... a palavra 'árvore' não é a árvore".*

Quando eu falo em árvore, a árvore não sai da minha boca, o que sai é o nome que dei à noção ou representação incompleta que tenho dela.

Tudo parece funcionar bem enquanto denominamos coisas que estão dentro do FENÔMENO. Mas só parece, pois a BABEL está aí para nos mostrar que não é bem assim. Agora, o negócio começa a enrolar mesmo quando tentamos dar um nome a todo o FENÔMENO, por inteiro (que foi exatamente o que fizemos). Ora, o que chamamos por FENÔMENO é justamente aquele todo que não tem nome, que está fora do NÔMENO. Só podia dar rolo.

Esquecimento - O Primeiro Pilar

Vocês viram que não é tão simples construir a *Teoria do Conhecimento Babelizável*. A lição que tiramos dessa confusão é que devemos ficar atentos o tempo todo para não confundir a coisa com o nome da coisa; o ovo com o *'ovo'*. Devemos sempre lembrar que, quando falamos ou pensamos, estamos falando o nome ou pensando na noção da coisa. Nunca falamos ou pensamos a coisa em si (seja lá o que for que isto signifique).

Você pode achar que eu não precisava gastar tanto papel só para chegar a esta conclusão. Eu também acho, mas eu gastei porque esta conclusão é importantíssima. O seu desconhecimento, ou melhor

ainda, o seu esquecimento é o duto principal que alimenta toda a BABEL. Em outras palavras:

"O esquecimento de que a BABEL ocorre é o Primeiro Pilar que sustenta a própria BABEL."

Não tenho dúvida de que a maioria das confusões e desentendimentos ocorre porque as pessoas acreditam que estão falando coisas e fatos reais (do FENÔMENO) e não sabem, ou se esquecem, que somente podem falar sobre suas noções mentais (NOMÊNICAS). Todas essas discussões simplesmente acabariam se os interlocutores se lembrassem que Deus, o espírito, a matéria, o ego, o átomo, o juiz, o presidente, o amor, a agressão, o bem e o mal de que falam são denominações que possuem e nada é mais natural que a outra parte possuir noções diferentes para estes mesmos nomes, independendo do que seja a realidade ou a verdade.

Aliás, convém lembrar que, ao contrário do MOVIMENTO, que sempre está no NÔMENO, a VERDADE refere-se a algo que está no FENÔMENO e, portanto, não possui uma etiqueta autoexplicativa, contendo o seu nome, donde conclui-se:

"A VERDADE nunca pode ser dita."

(você pode tentar falar a verdade, mas falar a VERDADE não é possível)

Dividindo o divisível

Acima já disse que o FENÔMENO não pode ser dividido em pedacinhos. Mas o NÔMENO pode. As noções, seus rótulos (os nomes) e o próprio raciocínio a partir dos nomes podem ser entendidos como coisas diferentes e podemos dar nomes para cada uma delas. Na verdade, podemos dividir o NÔMENO das mais diversas maneiras, por exemplo, a divisão feita por Freud ou por Jung e tantas outras mais.

Interessa-nos, em especial, criar uma divisão no NÔMENO, que nos permita ver como ocorre a BABEL. Quando escolhi a palavra 'NÔMENO' para designar o NÔMENO juntei as letras 'N' (de *'noûs'*) e 'M' (de mente), já pensando nesta divisão que teria que fazer.

Assim, vou criar uma primeira palavra para designar a representação mental que temos das coisas do FENÔMENO. Estas representações são geradas dentro de nossas mentes. Usaremos a letra 'G' para lembrar que é uma geração, a letra 'M' para se referir a uma coisa mental e o radical 'in' para dizer que tudo isso ocorre dentro da mente:

IMAGEM - É aquilo que nasce dentro de nossas mentes quando nos é dado observar o FENÔMENO.

Note que a IMAGEM não precisa ser necessariamente uma imagem visual. Pode ser olfativa, auditiva e até mesmo abstrata. Para ilustrar o texto

que vem a seguir, nos referiremos normalmente à IMAGEM visual, mas as afirmações apresentadas são válidas para qualquer outra forma de IMAGEM.

Também não se esqueça que IMAGEM sempre é uma coisa do NÔMENO e não têm nenhum sentido expressões como: *'a IMAGEM na tela da televisão',* ou, *'os fiéis carregavam a IMAGEM de Nossa Senhora' (nesses casos deve-se utilizar a palavra 'imagem').*

Uma dimensão a menos

A IMAGEM pode ser entendida como sendo um mapa do FENÔMENO em nossas mentes. Cada ponto da IMAGEM corresponde a alguma coisa do FENÔMENO. O que estiver à direita no FENÔMENO, estará à direita na IMAGEM, não importa o que signifique *'à direita'*.

> *Os holográficos, citados no capítulo anterior poderão tentar discordar desta afirmação, pois dizem que nosso cérebro cria um holograma e não uma fotografia do mundo exterior, mas lembrem-se de que o nosso cérebro está no FENÔMENO e a IMAGEM está dentro do NÔMENO, ela não está amarrada aos nossos neurônios. Seja uma fotografia, ou um holograma, pode-se encontrar uma definição adequada para 'direita' no FENÔMENO e o que seria a correspondente 'direita' na IMAGEM.*

O surgimento destas representações em nossas mentes (a IMAGEM) traz mais algumas complicações para nossa teoria.

Um problema é o fato de que um mapa nunca contém informação completa sobre todos os detalhes da coisa mapeada. Podemos fazer um mapa de uma cidade, com suas ruas, logradouros públicos, mas o mapa nunca conterá o formato do luminoso da Loja do Zé, ou a cor exata da flor na árvore da praça, ou o trinco do portão da minha casa. Além disto, a cidade tem três dimensões espaciais e o mapa só tem duas. Com certeza nunca caberá dentro de um mapa tudo que poderia estar lá representado. Para que o mapa contivesse tudo, ele deveria ter, no mínimo, o mesmo tamanho, a mesma dimensão, da coisa representada e aí perderia a sua razão de ser, perderia toda a sua utilidade.

Costumo dizer que a IMAGEM (o mapa) sempre possui pelo menos uma dimensão a menos ou menor que o FENÔMENO — entenda, aqui, dimensão por uma coisa mais genérica, não necessariamente as dimensões espaciais ou as DIMENSÕES — ou seja, a IMAGEM nunca representa completamente o FENÔMENO, como uma fotografia ou holograma nunca representam completamente o objeto fotografado. A fotografia não mostra como o objeto é por trás, por dentro, seu peso, sua temperatura, etc.

Incompletude - O Segundo Pilar

Essa incompletude, essa dimensão a menos, inerente à IMAGEM é o Segundo Pilar que sustenta a BABEL.

A IMAGEM, sobre a qual construiremos nossas noções, nomes e raciocínios nunca pode representar toda a VERDADE e, por isso, esta nunca pode ser dita. Ao falarmos sobre alguma coisa que possivelmente esteja no FENÔMENO, só podemos falar sobre uma parte dela, nunca sobre ela toda.

Novamente... estejamos falando sobre Deus, o espírito, o ego, a matéria, o átomo, etc., nunca seremos abrangentes ou completos. Sempre é possível formar uma porção de noções diferentes para uma mesma coisa observada. De cada ponto de vista que adotarmos veremos coisas diferentes, que de outros pontos de vista não são percebidas. Por isto a BABEL é inevitável quando nos esquecemos dela. Quando se escapa do primeiro pilar, se tromba com o segundo.

Infidelidade - O Terceiro Pilar

Um outro problema com a IMAGEM, além do fato de ser incompleta, é sua infidelidade.

A Teoria da Comunicação convencional já nos alerta que a imagem formada pelo receptor é o resultado da mensagem emitida pelo emissor, mais um ruído que sempre se insere na comunicação. Este ruído introduz na IMAGEM detalhes que não estão no objeto observado, causando uma distorção. Porém, uma distorção bem pior do que esta que vem de fora é aquela provocada internamente pelo próprio sistema de observação.

Para que possa formar a IMAGEM, primeiro o receptor precisa captar a mensagem com o uso de sensores como nossos olhos, ouvidos ou a pele.

Equipamentos ou órgãos sensores, ou simplesmente sensores, como diz o nome, são coisas sensíveis a alguma outra coisa. Existem sensores de temperatura, de radiação atômica, de radiação eletromagnética, de pressão, de velocidade e de mais uma infinidade de coisas.

Tecnicamente qualquer sensor possui uma faixa de atuação e uma curva de resposta, isto é, qualquer sensor enxerga melhor uma parte da coisa sensoreada e não tão bem as outras partes.

Resumindo, todo sensor é uma espécie de filtro. Uma parte da mensagem, ou dados, que chega ao sensor passa adiante e vai se tornar informação. Outra parte é atenuada ou até jogada fora, não é percebida, não é sensoreada.

(por exemplo, nossos olhos não enxergam a cor infravermelha. Se algum corpo estiver emitindo apenas esta cor, ele não será visto)

Esta inevitável característica de filtragem ou corte dos sensores é responsável pelo surgimento de limites de separação entre corpos dentro da IMAGEM, limites estes que simplesmente não existem no FENÔMENO.

Resumindo, **a IMAGEM (o mapa) possui detalhes que não existem na coisa observada.** Esta é a infidelidade da IMAGEM.

Acho que fica bem claro, e não preciso explicar o porquê, que a infidelidade da IMAGEM é o Terceiro Pilar que sustenta a BABEL.

A IMAGEM, além de não representar tudo que está no FENÔMENO, possui representações de coisas que não estão naquilo que é observado.

A indivisibilidade do FENÔMENO

Já disse que a definição de IMAGEM trazia alguns problemas para a nossa Teoria do Conhecimento. Além da incompletude e da infidelidade da IMAGEM, já vistos, um terceiro problema advém do fato de que o FENÔMENO, representado na IMAGEM é indivisível.

Dentro do FENÔMENO as coisas são uma só, estão todas fundidas. Não possuem formas definidas, não estão separadas, com uma etiqueta pendurada em cada uma delas, dizendo que parte do FENÔMENO pertence a que corpo e qual é o seu nome.

Eu não sou o primeiro a ter esta ideia de indivisibilidade do FENÔMENO. Aqueles físicos que chamei de Holográficos aceitam esta ideia com muita naturalidade, mas, para quem não conhece o Holismo, parece forçado dizer que as coisas no FENÔMENO não possuem forma definida ou não são o que nos parece.

No livro *Tao dos Símbolos* o autor James N. Powell nos mostra que a ideia da indivisibilidade

do FENÔMENO permeia boa parte das filosofias orientais, aparecendo no Bramanismo, no Taoismo e no Budismo. Vivekananda, no seu livro já citado anteriormente, diz:

> *"Se retirardes essas duas diferenças de nome e forma, todo universo é um. Vós e eu somos um. Não há natureza, nem Deus, nem universo — apenas uma existência infinita, da qual, através do nome e da forma, todas essas coisas são manufaturadas."*

Como muitos não pensam assim, a título de ilustração, vou apresentar uma explicação bastante simplificada e mais materialista de como os corpos materiais possam estar fundidos dentro da natureza ou do FENÔMENO, não sendo possível dizer a que parte do UNIVERSO pertence ou está em que corpo.

Nesta ilustração vou evitar recorrer a noções da Física moderna, que não são dominadas por todos os leitores, como a dualidade onda/partícula ou a conhecida fórmula de relação entre massa e energia de Einstein, mas terei que falar em campos energéticos que podem ser entendidos de uma forma intuitiva.

Por exemplo, pensemos na superfície da mesa, na qual estou escrevendo.

Penso que ela está aí porque posso tocá-la e posso vê-la. Mero engano. O nosso tato se dá pelo contato entre os átomos da minha mão e os átomos de mesa. Mas em que local exato do espaço ocorre este contato?

Na verdade não ocorre um contato físico porque os átomos, como conhecidos na moderna

Física, não são as bolinhas fechadas e duras imaginadas pelos gregos atomistas. É melhor entender um átomo como um campo energético muito concentrado em uma região do espaço e que se dilui muito rapidamente conforme nos afastemos dele. Esse campo, em termos exatos, não possui um ponto onde começa ou onde acaba; ele se espalha, ainda que muito suavemente, por todo o universo.

Quando dois átomos se aproximam, são dois campos energéticos interpenetrando-se, interferindo um no outro. Existe uma resistência à evolução desta interferência e a essa resistência costuma-se denominar *'força'*. O ponto onde a aproximação vai parar depende da velocidade (ou da energia) da aproximação. Este ponto pode estar aqui ou a muitos picometros daqui (um picometro = um milésimo de bilionésimo do metro).

O mesmo ocorre com a superfície que vemos. O que vemos são os fótons de luz refletida na superfície. O ponto exato onde se dá a reflexão depende da energia do fóton incidente mas, com certeza, não é o mesmo ponto onde os átomos da minha mão pararam de se aproximar da mesa. Aquela superfície que pensamos que está lá não passa de uma ilusão de ótica. Se os fótons incidentes estivessem muito energizados, como os do raio X e nós os captássemos, veríamos apenas uma nuvenzinha pouco densa no lugar da mesa. E se fôssemos capazes de sensorear neutrinos a mesa seria praticamente transparente ou invisível para nós.

Vamos parar essa explicação por aqui, para não ficar muito chato. Se você ainda não se convenceu que no FENÔMENO não existe separação real entre as coisas, que assim seja. Vou continuar o trabalho de construir a *Teoria do Conhecimento Babelizável* a partir desta concepção, mesmo porque fui eu que defini FENÔMENO como algo indivisível.

(como o FENÔMENO é definição minha, posso defini-lo da maneira mais adequada para continuar meu "passeio intelectual")

Separar a forma do fundo

Vejamos, então, por que a indivisibilidade do FENÔMENO cria um problema para nossa *Teoria do Conhecimento Babelizável*. O problema é que assim que se forma a IMAGEM, as coisas nela representadas também estão misturadas ou fundidas. Os limites que separam as coisas, um corpo de outro, simplesmente não existem.

Aqueles que já trabalharam com o problema de reconhecimento de padrões por um computador sabem como é difícil conseguir extrair as formas contidas numa imagem, que não passa de um amontoado de números numa tabela. A gente acha que aquela tabela contém alguma informação, mas não sabe onde está nem qual é. Este problema não está resolvido pelos cientistas da Inteligência Artificial e, na minha novamente atrevida

opinião, bota século nisso até que se ache alguma solução prática eficiente.

(muito ingênuos aqueles que prometeram construir uma máquina inteligente em apenas cinco anos)

A pesquisa com Circuitos Neurais está se adiantando no reconhecimento de padrões. Por exemplo, já se sabe que existem circuitos capazes de executar algumas tarefas de reconhecimento, complexas para a computação comum, mas são circuitos incapazes de acertar a soma de 2 mais 2. Também, ainda não se sabe por que estes circuitos reconhecem, nem o que reconhecerão.

Apesar de ainda não se ter ideia de como fazer um computador detectar formas não pré-definidas, contidas em um fundo dentro da imagem e, em seguida, atribuir um nome adequado à forma detectada, fazemos isto o tempo todo e imediatamente em nossas mentes com a IMAGEM.

Praticamente mal olhamos para uma nova cena e já somos capazes de enxergar e denominar uma porção de objetos. Nossa capacidade de fechamento de formas sobre fundos é tanta que vemos até o que não existe. São as chamadas ilusões de ótica.

(tenho certeza que quando se construir Circuitos Neurais capazes de reconhecer padrões úteis, automaticamente eles apresentarão também o 'defeito' da ilusão de ótica)

Tirei da Gestalt Terapia a expressão *'fechamento das formas sobre um fundo'* usada acima. Mesmo existindo

há um bom tempo como conceito, as pesquisas de fechamento de formas em laboratório têm sido pouco conclusivas. O que tenho conhecimento são mais curiosidades que foram descobertas sobre este processo do que um modelo que o explique.

O gravurista M. C. Escher era mestre em criar figuras que permitiam um duplo fechamento da IMAGEM, ou seja, ao olhar a gravura você podia ver pássaros ou então sapos. Na sua gravura Sol e Lua — não apresentada aqui por ser a cores — que pode ser vista no livro *The Graphic Work of M. C. Escher*, fica bem evidente que os dois possíveis fechamentos, ou um sol ou uma lua atrás de uma porção de pássaros voando, nunca são simultâneos; quando se vê o sol não se vê a lua e vice-versa. Como o próprio Escher diz, neste seu livro (tradução minha):

> *"São noções representadas num mesmo lugar, embora não simultaneamente, estando separadas por um lapso da mente."*

Outro exemplo de duplo fechamento é a figura 3.1a, criada por W. E. Hill em 1915, denominada *Minha esposa e minha sogra*. Olhando com atenção pode-se ver um rosto de uma moça ou o de uma idosa — o queixo da jovem é o nariz da idosa — mas não se consegue vê-las simultaneamente.

Fig. 3.1a - Minha esposa e minha sogra

Estas percepções, ou instanciações de ciência não simultâneas sugerem que o princípio de fechamento de formas talvez esteja ligado à noção de TEMPO em nossas mentes.

Subjetividade - O Quarto Pilar

Outra curiosidade sobre o fechamento de formas em nossas mentes é seu caráter vicioso, repetitivo.

A figura 3.1b, abaixo, contém uma conhecida ilustração chamada *Quem me vê jamais me esquece*, que apresenta um monte de borrões pretos sobre um fundo branco. Depois de um tempo, olhando a gravura, surge como por encanto a figura de um rosto de um homem, seu cabelo, seus olhos, o nariz, o queixo.

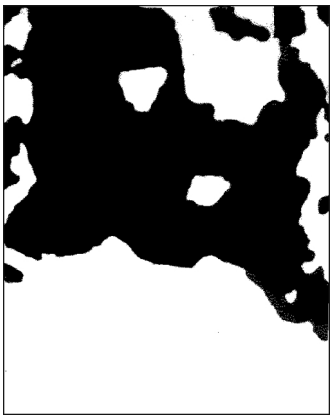


Fig. 3.1b - Quem me vê jamais me esquece

O interessante desta gravura é o tempo que demoramos para conseguir o primeiro fechamento e também chama a atenção o fato de que, depois que tivermos o primeiro fechamento, não conseguimos mais *'não ver'* o rosto. Fica quase impossível voltarmos a enxergar apenas os borrões.

Esta característica de vício, ou tendência de se repetir um mesmo fechamento já obtido anteriormente, parece estar ligada ao surgimento da memória e de nossa história pessoal. Na Psicologia o *Teste de Roscharch*, que consiste em se apresentar papéis com borrões coloridos ao paciente, que passa então a descrever que coisas ou sentimentos aquelas figuras lhe evocam, se vale desta tendência de se repetir fechamentos anteriores para avaliar o paciente.

Mas a consequência mais marcante desta tendência de repetição dos mesmos fechamentos é que

acaba se tornando o Quarto Pilar da sustentação da BABEL.

Aquelas coisas que perceberemos dentro da IMAGEM são um resultado de um processo fortemente ligado à nossa história pessoal, são subjetivas. Quer dizer, a forma que fechamos (percebemos) é o resultado do estímulo externo que nos é dado, mais toda a nossa experiência de fechamentos anteriores. No final, o que percebemos acaba sendo mais influenciado pela nossa história pessoal do que pelo próprio estímulo externo. Fica em aberto a pergunta:

> *"Será que é possível termos ciência objetiva de alguma coisa?"*

Separando as coisas

Vimos que a IMAGEM, a primeira coisa que ocorre em nossas mentes ao observar o FENÔMENO, causa problemas para a nossa percepção do mundo. Porém a IMAGEM sozinha não basta para explicarmos o Conhecimento e a Comunicação. Também é necessário o fechamento das formas. Vamos, então, dar um nome para este processo que ocorre dentro do NÔMENO.

A principal característica do fechamento de formas é que ele provoca a separação das coisas, é como se recortássemos as figuras de seus fundos. Assim escolhemos o radical *'sci'* — que significa corte

ou separação, como em cisão, cissiparidade, *scissors* (ing., tesoura) — mais o radical *'ens'*, que significa *'o ente'*, *'o ser'*. Juntando os dois radicais, teremos:

CIÊNCIA (lat. scientia) - Aquele que extrai a forma do fundo ou que separa o todo em partes; é o ente separador.

O resultado da CIÊNCIA sobre a IMAGEM é o surgimento das formas separadas, recortadas do fundo. Esta definição de CIÊNCIA é muito abrangente e coloca sob seu domínio todo pensamento humano. Por se tratar de um assunto amplo dedicarei todo o capítulo 5 ao estudo da CIÊNCIA.

Faça-se a luz

Por ora, é importante lembrar que as formas obtidas pela CIÊNCIA estão no NÔMENO, não existem no FENÔMENO. Vou, então, construir outra palavra para designar estas *'formas separadas'* dentro da IMAGEM, uma palavra que ressalte que o produto da CIÊNCIA está no NÔMENO.

Preciso, primeiro, de uma letra para designar a separação que surge entre forma e fundo. Vou usar a letra 'L'.

Por quê? Por causa da palavra luz.

E o que a luz tem a ver com separação?

Bom, procurando num dicionário o significado da palavra luz, descobre-se uma variedade enorme de significados, mas que podem ser classificados em quatro

grupos por afinidade. Assim, hoje em dia, a palavra luz pode ser utilizada com significados do tipo:

1. Luz - Fenômeno físico, ondas eletromagnéticas, fótons.

2. Luz - Fenômeno psíquico, entendimento, discernimento, etc.

3. Luz - Nascimento (dar à luz).

4. Luz - Separação no espaço, distância existente entre dois corredores em uma corrida, espaço entre duas paredes numa construção, etc.

Viu a separação? Você pode argumentar que luz significando *'separação'* ou *'espaço entre'* é pouquíssimo usado; na verdade, é um significado quase desconhecido. Só que, me parece, este último significado de luz é mais fundamental e serve para explicar os outros três. Quer ver?

a) Sem as ondas eletromagnéticas que impressionam nossa retina, fica, para o observador, tudo escuro e ele não consegue mais enxergar ou destacar os objetos presentes à sua frente. A esta coisa que permite-nos separar os objetos foi dado o nome de *'luz'* — aquilo que separa as coisas —, que milênios depois foi identificada com as tais ondas eletromagnéticas.

b) Entendimento, discernimento, é justamente saber separar alhos de bugalhos. Na história do *Passeio no circo* dissemos - e todos entenderam - que os cegos tinham poucas ideias que lhes iluminassem as mentes. E quando é que sentimos esta luz em nossa mente? É quando conseguimos discernir, separar as coisas, a confusão (ou trevas)

se vai. Uma pessoa iluminada é aquela que enxerga a verdade, que sabe discernir, separar as coisas certas das erradas.

c)Uma fêmea dá à luz justamente quando se cria uma separação entre filho e mãe. A rigor não se deveria falar que *'a mãe deu à luz'* e sim que *'deu-se a luz'* entre mãe e filho. A primeira expressão se justifica porque entre todos os animais, fora o ser humano civilizado, normalmente a mãe tem seu filho, ou separa seu filho, sozinha.

Assim, defino:

LUZ - É aquilo que separa duas coisas, aquilo que fica entre duas coisas separadas.

TREVAS - É aquilo onde está tudo misturado, fundido numa coisa só, confuso. Onde não há LUZ.

Podemos agora entender as expressões *'fazer a LUZ'* e *'dar à LUZ'*, como sendo: colocar algo entre, que separe as coisas.

A primeira ordem dada por Deus — *Fiat Lux* — quando só existia o caos (desordem) e as TREVAS (fusão, confusão) no mundo, poderia significar: *'Crie-se aquilo que separa'* ou *'Faça-se a LUZ'* (pois vou começar a ordenar as coisas separadas). E a LUZ (separação) foi feita para vencer as TREVAS (fusão, confusão). Na verdade, a primeira ordem só podia ser esta pois, como se vê na figura 1.1 do Ciclo VITAL, é preciso que primeiro se separem as coisas para em seguida se iniciar a sua ordenação.

LUZ e TREVAS são conceitos complementares sendo, portanto, duas outras DIMENSÕES do UNIVERSO. Mas isto não interessa muito. O importante é que agora podemos dizer, só aqui para nós, que o 'L' simboliza a LUZ. Uma porção de palavras que levam o 'L' — como logos, feliz, ângelus (anjo), Lúcifer, ludo (jogo) — podem ser explicadas a partir da LUZ. Mas, interessa-nos em especial uma palavra que designe que o resultado da CIÊNCIA, do ato de criar LUZ entre as formas e os fundos, está dentro de nossas mentes, no NÔMENO. Então defino:

ILUSÃO - Surge ao se criar LUZ internamente em nossa mente. É o que resulta da CIÊNCIA, quando ao se dar LUZ à IMAGEM cria-se mentalmente uma separação entre formas e fundo.

Desta forma, tudo o que percebemos ou compreendemos, inclusive as DIMENSÕES, são ILUSÕES.

Não estou dizendo que tudo que sabemos são ilusões, disse apenas que são ILUSÕES, ou seja, formas obtidas por um processo mental de subdivisão ou recorte da IMAGEM.

Como o resultado da nossa CIÊNCIA é inevitavelmente sempre uma ILUSÃO, fica claro que acreditar que uma ILUSÃO é a VERDADE é sempre uma ilusão, um engano. A ILUSÃO sempre se torna uma ilusão quando não sabemos (ou esquecemos) que a ILUSÃO (que está apenas no NÔMENO) não é a VERDADE (que está no FENÔMENO também).

(Tente falar para alguém que a ILUSÃO pode se tornar ilusão, ele vai dizer que você está é ficando muito besta.)

Dando nome aos burros

Vamos recapitular, para ver onde estamos. Primeiro dividimos o UNIVERSO em duas DIMENSÕES, o NÔMENO e FENÔMENO (assim como já o tínhamos dividido em TEMPO e ESPAÇO). Em seguida, começamos a dividir o NÔMENO e criamos a IMAGEM, a CIÊNCIA e a ILUSÃO. Só que esta divisão ainda não está completa, pois IMAGEM e ILUSÃO não são conceitos simultâneos mutuamente geradores como TEMPO e ESPAÇO, ou NÔMENO e FENÔMENO.

IMAGEM, CIÊNCIA e ILUSÃO são conceitos sequenciais — um acontece depois do outro — de uma cadeia de vários passos.

O próximo passo consiste em darmos um nome a cada uma das ILUSÕES que obtivemos após nossa CIÊNCIA. Os nomes que damos são como rótulos que penduramos nas formas obtidas pela nossa CIÊNCIA.

(Humm... que nome eu poderia dar a estes nomes?... Já sei.)

NOME - É o rótulo que colocamos em cada uma de nossas ILUSÕES, nos produtos de nossa CIÊNCIA.

Como vimos, os NOMES obtidos após a IMAGINAÇÃO e posterior ILUSÃO são frutos de processos mentais incompletos, infiéis e subjetivos. Só podia dar em BABEL.

Neologismo - O Quinto Pilar

Além dos quatro pilares da sustentação da BABEL já citados — esquecimento, incompletude, infidelidade e subjetividade — existe um Quinto Pilar representado pelo neologismo.

Um neologismo é o que resulta do hábito de se criar significados novos para palavras ou NOMES antigos.

Como disse no final do capítulo anterior, esta mania de redefinir o significado de palavras já existentes só aumenta a confusão na comunicação, pois nem sempre os interlocutores conhecem todos os significados da palavra usada.

A redefinição de significados pode ocorrer propositalmente, como no caso das palavras redefinidas neste livro, ou por descuido (moda, ignorância, etc.).

Também existem os Neologismos Radicais — quando o novo significado é totalmente diferente do anterior — e os Neologismos Graduais — quando o novo significado é apenas ligeiramente diferente do anterior.

Os Neologismos Graduais são os mais perigosos para efeito da BABEL mas, de qualquer maneira, um neologismo acaba por criar mais confusão ou TREVAS, provocando a BABEL.

Só para ilustrar vamos citar adiante alguns casos de neologismos e suas confusões.

As Revoluções de Copérnico

Um caso marcante de neologismo ocorreu quando o uso coloquial deu novo significado a uma palavra de uso na Matemática.

A palavra *'revolução'* era usada pelos matemáticos para significar a trajetória de corpos que circundavam outros; a cada volta se dava uma re-volução. Foi assim até que Copérnico (1543 d.C.) escreveu sua obra As *Revoluções das Órbitas Celestes*, na qual sugeria que os planetas giravam em torno do sol, o Sistema Heliocêntrico e se opunha ao Sistema Geocêntrico que prevalecia.

O Sistema Geocêntrico estava profundamente enraizado no Ocidente. Baseado em ideias de Aristóteles (350 a.C.), construído por Ptolomeu (150 d.C.), adaptado ao Cristianismo por Tomás de Aquino (1250 d.C.), dizia que as estrelas giravam em torno da Terra.

A obra de Copérnico causou um tremendo rebuliço nos anos subsequentes. Por defendê-la, Giordano Bruno foi queimado por heresia e Galileu foi preso e exilado.

Nada adiantou essa reação. Crentes do Geocentrismo tiveram que aceitar o Heliocentrismo e toda uma cosmogonia tradicional, de origem helênica e bíblica, teve que ser alterada por causa das *Revoluções* de Copérnico.

A partir daí a palavra *'revolução'* passou a significar também uma profunda mudança de hábitos e costumes sociais, por vezes justificando o uso de violência, o que é diferente de *'dar mais uma volta'* do significado original.

Hoje em dia, muitos nem conhecem o significado original e o mais interessante é que, com o desenvolvimento da Mecânica por Newton (1700 d.C.), o conflito entre Geocentrismo e Heliocentrismo simplesmente deixou de existir — pluft, desapareceu no ar — tudo passou a depender do referencial adotado e se entendeu que nem a Terra nem o Sol eram centro do universo!

Enfim, o livro *As Revoluções* de Copérnico não precisava causar a revolução que causou, e a palavra *'revolução'* não deveria significar revolução (de costumes). Entendeu?

O horizonte é o limite

Agora, vejamos uns casos de neologismo em que a Matemática emprestou novo significado a palavras de uso corrente na linguagem popular.

Primeiro vejam uma confusão com a palavra *'limite'*. Limite sempre significou o final de alguma coisa, o lugar onde algo acaba.

Os matemáticos, ao estudarem as chamadas séries infinitas, que essencialmente querem dizer séries sem fim, perceberam que em algumas delas, se fosse possível somar seus infinitos termos, o resultado nunca ultrapassaria um determinado valor calculável.

Chamaram este valor de limite da soma da série infinita e assim criaram um neologismo para a palavra *'limite'*. Desta forma, o limite matemático passou a significar algo que nunca se atinge, que nunca se chega lá, o que é bem diferente e quase oposto ao significado original. Enquanto o limite (coloquial) remete ao fim de algo, o limite matemático se refere a um processo que não tem fim!

Uma palavra mais adequada para este caso teria sido *'horizonte'*. Se no lugar de *'o limite da soma'* os matemáticos dissessem *'o horizonte da soma'*, expressariam bem melhor a ideia e confundiriam menos os leigos e os aprendizes de Matemática.

Calculando ou atirando pedras

A palavra *'cálculo'* como a entendemos hoje também é o resultado de um neologismo. Desde muito antigamente, chineses, babilônicos, etruscos e mesmo incas e astecas utilizavam pequenas pedras para auxiliar nas suas contas, primeiramente para representarem a unidade e posteriormente em ábacos e sorobans.

A palavra latina que significava *'pequena pedra'* era, justamente, *'calculus'*. Quando os pitagóricos (500 a.C.) contavam, somavam ou dividiam, era um tal de jogar pedra pra cá e pedra pra lá até que esta brincadeira dos pitagóricos passou a ser chamada de jogar pedras ou, mais tarde, calcular.

Somente após a invenção — ou seria descoberta? — do número Zero por matemáticos hindus (100 a.C.) e da criação dos algarismos arábicos, por um senhor chamado Al-Khwarizmi (800 d.C.), foi possível criar regras para executar uma soma, diferença, multiplicação ou divisão que dispensavam o uso das pedrinhas ou ábacos.

Por extensão, estas regras ganharam o NOME *'calcular'*.

Hoje em dia, quando um médico fala em cálculos renais, tem gente que fica pensando:

> *"O que é que ele quer dizer com isso? Será que o rim está tentando fazer contas como se fosse um cérebro? Humm... isto deve doer!"*

Está virando um Caos

Atualmente a Matemática está importando uma outra palavra de fora de sua seara e está lhe atribuindo um novo significado que chega até a doer em alguns ouvidos mais sensíveis.

É a palavra *'caos'*, que no original quer dizer *'abismo'* e também era utilizada para se referir a uma completa falta de ordem. *A nova Teoria do Caos*, que cita os *Fractais* e que, sem dúvida, é uma obra útil como pode-se ver no livro *Caos* de James Gleick, fala sem a menor cerimônia em *'caos determinístico'* como se esta expressão fosse sensata, algo do tipo: a desordem organizada.

Estes neologismos matemáticos acabam criando uma cascata de mal-entendidos. Os fractais e o caos determinístico, simplificadamente, nada mais são que o efeito provocado pela tentativa de tornar real (colocar no papel) um tal de *Número Real*.

O deslumbramento de algumas pessoas com os *Fractais* e com a *Teoria do Caos* decorre de não perceberem que *Número Real* é outro neologismo matemático absurdo.

Um *Número Real* é uma idealização matemática de algo que nunca pode ser escrito, ou seja, nunca é possível transportar um *Número Real* qualquer do Campo Imaginário (NÔMENO) para o mundo real ou concreto (FENÔMENO) de forma completa.

Quando se tenta fazer isso produz-se um fractal diferente para cada precisão adotada no processo.

Na computação digital é comum falarem em variáveis do tipo *Real*, como se fosse possível representar ou escrever (tornar real) os *Números Reais*.

Os números representados pelas variáveis do tipo *Real* na computação são, na realidade, *Números Racionais*. Tentar tornar real um *Número Real* só podia dar em *'caos determinístico'* mesmo.

Kronecker, matemático, professor e crítico de Cantor, no final do século XIX, já dizia: *"Deus criou os Números Naturais e os Racionais, os outros são invenções dos homens"*. Acho que ele queria dizer que *Números Reais* eram qualquer coisa, menos reais.

Pilares viram dutos

Já falei de cinco pilares de sustentação da BABEL. Para facilitar a visualização do funcionamento deste conjunto apresento o fluxograma da figura 3.2, no qual os cinco pilares aparecem sob a forma de dutos que alimentam a BABEL.

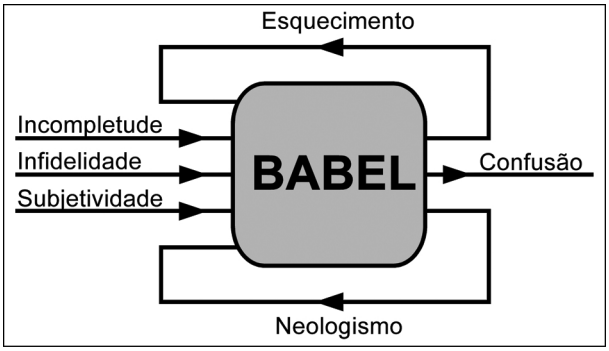


Fig. 3.2 - Fluxograma da BABEL

A Incompletude, a Infidelidade e a Subjetividade provêm do processo de formação da IMAGEM e da ILUSÃO. O Neologismo e o Esquecimento provêm da própria BABEL, realimentando-a. O resultado inevitável da BABEL é a confusão na comunicação verbal, as línguas diferentes entre si.

Convém salientar que os pilares ou dutos da BABEL não são só cinco. Eu só falei de cinco, mas se você procurar um pouco achará mais uma porção. A entonação das palavras, o momento em que são ditas, a segunda intenção, o duplo sentido, são exemplos de outros candidatos a pilares para a BABEL.

Em especial, a possibilidade do surgimento de frases de duplo sentido (uma mesma frase com dois significados diferentes), frases de sentidos paralelos (duas frases diferentes com significados equivalentes) e de sentidos duplos mas paralelos, pode dar um estudo deveras interessante.

O que você acha do verso de Caetano Veloso:

"Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais."

ou será:

"Os Tons, os Miltons, seus sons e seus dons geniais."? (neste caso faz referência a Tom Jobim e Milton Nascimento)

Não importa, é uma espécie de frase de duplo sentido cujos dois sentidos são paralelos, isto é, têm o mesmo valor dentro do espírito geral da canção; qualquer interpretação é válida.

Chega. Já tá bom.

Vou parar por aqui esta revisão da *Teoria do Conhecimento.* As palavras FENÔMENO, IMAGEM, CIÊNCIA, ILUSÃO e NOME já são suficientes para explicar a BABEL e para dar continuidade a esta excitante novela *O que você quer dizer com isso?*.

É claro que a teoria não está completa. Você esperava que eu criasse uma *Teoria do Conhecimento Babelizável* completa em apenas um capítulo?

Não dá, precisaria de um livro inteiro só para ela. Falta muito ainda o que falar. Para não o deixar na mão vou citar rapidamente como poderia ser o resto da teoria. Veja a figura 3.3 e me acompanhe com atenção.

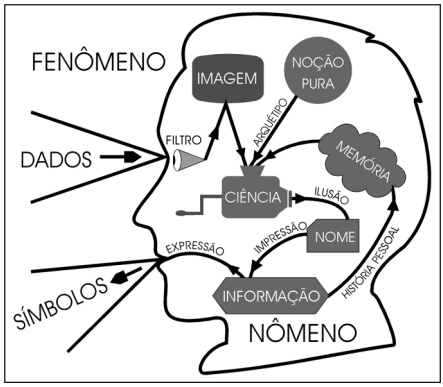


Fig. 3.3 - Esquema da Teoria do Conhecimento Babelizável

Os DADOS que nos são apresentados vêm do FENÔMENO, passam pelo FILTRO, responsável pela infidelidade e vão ser representados na IMAGEM que, por sua vez, possui a característica da incompletude. O ARQUÉTIPO, que provém das NOÇÕES PURAS e a HISTÓRIA PESSOAL, que vem da INFORMAÇÃO anterior, juntam-se à IMAGEM e passam pela CIÊNCIA — representada por um moedor de carne pois depois dela tudo sai picadinho, o bem separado do mal — produzindo as ILUSÕES, que já carregam consigo a subjetividade da HISTÓRIA PESSOAL. A cada ILUSÃO é atribuído um NOME. Estes são, então, empurrados para dentro, a IMPRESSÃO e se tornam as INFORMAÇÕES (formações internas) que, ao serem empurradas para fora, a EXPRESSÃO, retornam ao FENÔMENO como SÍMBOLOS. A realimentação das INFORMAÇÕES, via HISTÓRIA

PESSOAL, cria um efeito similar à MEMÓRIA, como em circuitos eletrônicos.

Olha, em um parágrafo só, introduzi umas dez palavras novas em maiúsculas. Se necessário, releia esta explicação da figura 3.3, pois a apreensão deste mecanismo poderá ajudar a compreensão de algumas conclusões que virão adiante.

Se por acaso você não gostou dos nomes que dei a cada pedaço do NÔMENO, você pode trocá-los. Por exemplo, troque as NOÇÕES PURAS por *HARDWARE*, o NOME e a INFORMAÇÃO por CONCEITOS, a ILUSÃO por SIGNIFICADO, a EXPRESSÃO por PALAVRA e assim vai, à sua vontade.

Acho especialmente interessante a troca da palavra CIÊNCIA por MÁGICA.

Atente a um detalhe, apesar do FILTRO ser representado por um olho, não quer dizer que nossos olhos são os FILTROS. Nossos olhos e ouvidos são materiais e estão no FENÔMENO, enquanto o que chamei de FILTRO está no NÔMENO, não é material.

Cadê a BABEL?

E onde está a BABEL no meio disto tudo?

A BABEL não surge enquanto alguém está tomando conhecimento do mundo que o cerca. Ela vai surgir quando duas ou mais brilhantes cabecinhas,

iguais a essa aí da figura 3.3, resolverem construir uma obra intelectual, como uma teoria científica, política ou religiosa e, ao conversarem, se esquecerem que os SÍMBOLOS de sua conversa carregam junto de si uma porção de coisas que os DADOS não possuem.

A BABEL vai se apoiar neste esquecimento e em todos seus outros pilares, para provocar toda desagregação a que tem direito: as línguas diferentes.

Para entender o que são estas línguas diferentes veja as definições que seguem:

LÍNGUA EXPRESSA - São as várias línguas que se usa numa comunicação verbal como Português, Inglês, etc.

LÍNGUA IMPRESSA - É o conjunto de NOMES criados a partir das IMAGENS e ILUSÕES próprias e peculiares de cada ponto de vista.

Compreenda que cada ponto de vista, adotado numa observação, possui suas próprias IMAGENS, ILUSÕES e NOMES. Pode-se dizer que cada ponto de vista possui sua própria LÍNGUA IMPRESSA ou *'língua diferente'*, ainda que se EXPRESSEM na mesma LÍNGUA EXPRESSA, Português, por exemplo.

Por isto esta teoria se chama *Teoria do Conhecimento Babelizável* e não *Teoria do Conhecimento Babelizado*. A confusão surge quando duas LÍNGUAS IMPRESSAS, diferentes entre si, são confrontadas num diálogo, numa mesma LÍNGUA EXPRESSA.

Treinando novamente

Para acabar este capítulo, vamos treinar o uso dos conceitos apresentados, criando alguns pensamentos.

"NÔMENO e FENÔMENO, LUZ e TREVAS, como o TEMPO e ESPAÇO, são DIMENSÕES do UNIVERSO."

"FENÔMENO é o NOME daquilo que não tem NOME."

"O FENÔMENO é indivisível, não existe LUZ entre coisas dentro dele."

"Quando eu falo 'árvore', a árvore não sai da minha boca."

"A VERDADE nunca pode ser dita."

"A CIÊNCIA só cria ILUSÕES."

"A BABEL é inevitável se nos esquecermos dela."

"A ILUSÃO se torna ilusão quando, por não a conhecer ou por esquecimento, passamos a acreditar que alguma ILUSÃO é a VERDADE."

"Pode-se ter muitas IMAGENS, ILUSÕES e NOMES diferentes, ou línguas diferentes, para uma mesma coisa observada, basta mudar de ponto de vista."

"Não deveis acreditar nas IMAGENS."

"Cuidado para não confundir a coisa com o NOME da coisa."

"O SÍMBOLO expressa o NOME da coisa (que é incompleto, infiel e subjetivo) e não a coisa em si."

"A coisa percebida e seu NOME são mais função de nossa HISTÓRIA PESSOAL do que dos DADOS."

"Se no princípio eram as TREVAS, a primeira ordem tinha que ser: Faça-se a LUZ."

"LÍNGUAS IMPRESSAS diferentes podem ser EXPRESSADAS numa mesma LÍNGUA EXPRESSA, provocando a BABEL."

Onde está a VERDADE?

Dividimos o NÔMENO, o lugar das coisas mentais, em IMAGEM, CIÊNCIA, ILUSÃO, NOME e mais outros pedaços. Esta divisão, ou melhor ainda, esta CIÊNCIA não parece ser nem um pouco compatível com outras CIÊNCIAS nossas conhecidas que falam em Instinto, Pulsão, Id, Ego, Consciente, Inconsciente, Recalque, Arquétipos, Couraças, Âncoras e assim por diante.

Qual é a CIÊNCIA certa?

As divisões, ou teorias, de Freud, Jung, Adler, Reich, Perls e tantos outros têm provocado discussões sobre qual está mais correta, qual é a teoria verdadeira. A princípio quem participava destes debates acreditava na existência de uma teoria verdadeira e, por isto, havia tanta discriminação dentro de Sociedades Psicanalíticas.

Hoje em dia já se encontram vozes defendendo a ideia de que teorias heterodoxas, ou apenas diferentes, podem ser válidas, desde que se adaptem bem ao analista e ao analisado, produzindo resultados satisfatórios.

À primeira vista, a teoria, ou melhor, o esboço da *Teoria do Conhecimento Babelizável* apresentado, pode parecer não servir para fazer psicanálise e não servir de modelo para as modernas teorias de neurocomputação.

Por outro lado ela é bastante útil para evitar que entremos em discussões desnecessárias, pois dela se depreende que teorias contraditórias, igualmente válidas conforme a aplicação desejada, podem perfeitamente

coexistir. Uma aplicação aparentemente boa para o conceito de BABEL e da *Teoria do Conhecimento Babelizável* está no desenvolvimento de uma *Ciência de Traduções*.

Com o avanço da computação, muito se tem procurado fazer com relação à tradução automática de textos. Me parece tremendamente adequado que tal teoria leve em conta as ideias da BABEL e das LÍNGUAS IMPRESSAS, trabalhando num universo do tipo hipertexto, no qual um mesmo NOME esteja ligado a vários significados diferentes e até contraditórios, conforme o ponto de vista ativado.

Além disso a *Teoria do Conhecimento Babelizável* tem uma característica interessante, que demonstra a sua honestidade. Se ela for levada a sério tira-se a grande conclusão deste capítulo:

> *"Todas, mas todas mesmo, teorias e explicações místicas ou científicas, inclusive a própria Teoria do Conhecimento Babelizável, por serem construções mentais humanas, são pura ILUSÃO."*

CAPÍTULO 4

História: O Castelo Transparente

Texto: EXISTIR

O sonho que se sonha só
é só um sonho que se sonha só.
O sonho que se sonha junto,
é a realidade
John Lennon

(será mesmo...?)

O Castelo Transparente

Agenor tinha crescido. Não era mais menino, já era homem feito. Três Córregos continuava, como sempre, pequena e pacata.

Em Três Córregos tudo caminhava devagar. As pessoas andavam a pé ou a cavalo, trabalhavam com enxada, nada de máquinas e coisas modernas. Plantavam, colhiam e comiam. O excedente era vendido para as vilas próximas mas não sobrava muito dinheiro para se comprar aqueles *'luxos'*.

Havia pouca diversão. Em dezembro, depois da semeadura, e em junho, depois da colheita, tinham as festas. Em abril, durante a colheita, época de fartura, por uma quinzena tinha o circo lá no Mangue, e era só. Ao entardecer os homens se encontravam no botequim do Mané para um bate-papo e um jogo de truco. Nas conversas, de vez em quando, alguém reclamava da rotina, do dinheiro curto, daquela mesmice. Não faltavam aqueles que contavam das *'maravilhas'* que tinham visto na cidade tal ou tal. Aí surgia a pergunta:

> — *O que se poderia fazer para trazer mais dinheiro e todas aquelas maravilhas para Treiscórgo?*

Existia a ideia de construir um belo hotel ecológico no Mangue, para trazer turistas da cidade grande, daqueles que gostam de ficar olhando sapos, garças e lagartixas. Mas, e o dinheiro para construir e promover o hotel?

Até as águas dos rios fluíam devagar em Três Córregos. O Mangue, quando não tinha circo, continuava vazio e largado para o mato tomar conta. Sempre que Agenor passava pelo Mangue lembrava do passeio no circo com seus amigos cegos. Ele teve um bocado de trabalho para acabar com a discussão entre eles por causa do elefante.

Aquela tinha sido uma boa lição. Desde então, Agenor começou a notar como é comum as pessoas discutirem sobre coisas que nenhuma delas está vendo. Parece que elas gostam disto.

Pensando nisso, foi que Agenor teve uma grande ideia!

Construiria um castelo invisível no Mangue! Uma grande e bela obra que ninguém pudesse ver. Iria chamá-lo de *Castelo Transparente*.

Se é verdade que pessoas gostam de discutir sobre o que não veem, elas viriam até Treiscórgo só para não perder uma boa discussão. Construir um Castelo Transparente é bem mais fácil e mais barato do que um confortável hotel.

Logo foi contar sua ideia a seus conterrâneos. Nem precisa dizer o vexame.

Agenor era respeitado como um homem prestativo e trabalhador, que conhecia os segredos da boa lavoura, mas todos acharam que sua ideia era uma bobagem. Riram..., mas Agenor não desanimou. Com ênfase e paixão, Agenor, contava os detalhes da construção que começaria já no dia seguinte.

Então, Agenor pegou algumas ferramentas, a enxada, uma escada, colocou na carroça e tocou para o Mangue. Chegando lá, escolheu uma ilhota, cercada pelos braços do rio e começou a capinar, limpando a área.

Logo a boateira teve início:

— *O Agenor ficou louco.*

— *Ele acha que está construindo um Castelo Transparente.*

— *Tadinho do Agenor, moço tão bom!*

Foram todos ao Mangue para ver, talvez pegar o Agenor, trazê-lo de volta para casa, cuidar dele. Mas quando lá chegaram viram que Agenor não estava louco, talvez um pouco excêntrico mas não louco.

Agenor ficou alegre quando os viu chegando, parou a limpeza do terreno e disse que estava um pouco cansado.

Pediu um pouco de água. Ninguém tinha trazido...

Quando lhe contaram o boato sobre sua loucura, compreensivo, deu uma bela risada. Isto acalmou os amigos de Agenor e, já que estavam ali, ficaram por ali mesmo, batendo papo.

Agenor voltou a explicar sua ideia só que, desta vez, começou a explicar de modo diferente. Contou uma fábula que *'inventara'* sobre quatro meninos cegos e um elefante...

Explicado deste modo, seus amigos não riram de imediato. Começaram a debater a ideia de construir o Castelo Transparente para atrair turistas.

Talvez desse certo...

Quando alguém disse que aquilo nunca daria certo, Agenor sorriu — aquele mesmo sorriso das minhoquinhas namorando — sua ideia já estava começando a surtir efeito. O prazer de se discutir sobre o que não se vê estava contaminando a todos. Então disse:

— Claro que funciona, vocês já não estão todos aqui, discutindo por causa do Castelo Transparente? Hoje o bar do Mané está vazio, ele não vai faturar nada. Se ele quiser vender alguma coisa, tem que vir até aqui. Esta frase calou a todos.

Começaram a pensar melhor — o dinheiro, as maravilhas... — e logo alguns se ofereceram como voluntários para ajudar Agenor.

Foi um rebuliço. No outro dia tinha uma porção de homens ajeitando as margens da ilhota, pois ali era o fosso que circundava o Castelo. Outros carregavam pedras *'transparentes'* para levantar as paredes do Castelo. Ver o Agenor, no alto da escada, segurando o martelo, pregando um prego transparente na parede transparente, era cômico.

Ou era verdade que tinha gente construindo um Castelo Transparente ou era uma epidemia de loucura. E muitas, muitas pessoas foram até o Mangue só para ver que raio de história era essa, e por lá ficavam discutindo o que era e o que não era.

Seu Manoel, o dono do bar, logo percebeu que o Castelo Transparente podia não existir, mas já estava lhe causando prejuízo.

O bar estava vazio e o Mangue cheio de gente com sede. Não teve mais dúvidas, encheu um barril com suco de abacaxi e outro menor com pinga e tocou para o Mangue.

Lá estavam mulheres e crianças além dos homens, os habituais fregueses do bar. Seo Mané vendeu tudo em menos de vinte minutos. Ficou eufórico. Na volta para o bar passou pela marcenaria e encomendou uma barraca. Uma barraca simples porque era urgente. Cobriria a despesa para montar a barraca com o lucro extra da *'filial do Mangue'*. Passou, também, no mercado para comprar laranjas para o suco do dia seguinte.

Dona Maria, que fazia uns doces deliciosos, também se ligou. Correu até a marcenaria e encomendou, com urgência, um tabuleiro com pés desmontáveis, depois foi até a granja comprar mais ovos.

João, o marceneiro, também ficou eufórico. Tinha mês que recebia um pedido só e, agora, dois pedidos em um só dia! E podia cobrar um tanto mais porque eram pedidos urgentes. A madeira para o tabuleiro ele tinha, mas para a barraca precisava comprar e logo. Meteu a mão na caixa de economias, chamou o filho José e mandou-o ir rápido pegar a madeira com o Carlos, o madeireiro.

O Carlos não estava... Tinha ido ao Mangue! José tinha pressa, pegou a madeira que precisava e disse

que depois voltava para pagar. Quando Carlos voltou, achou ótimo, poderia tentar cobrar um bom preço, já que José levou e usou a madeira e nem perguntou o preço. Como seu estoque já estava ficando pequeno, resolveu pôr mãos à obra e foi cortar mais madeira.

No dia seguinte, Seu Manoel e seu genro foram cedinho para o Mangue, desmatar uma área para montar a barraca. Escolheram um local plano e seco, um pouco mais alto e que ficava bem em frente à ilhota do Castelo. Mal começaram o trabalho chegou também Dona Maria, acompanhada do Tonico, o velho artesão que esculpia madeira. Também queriam arrumar um local para instalarem suas mesas. Resolveram ficar todos próximos, como num *'xopincenter'*, que eles já tinham ouvido falar.

Tonico contou que passou a noite em claro esculpindo uma porção de torres de madeira e que ia vender dizendo que era o modelo da torre do Castelo. Ele já tinha conversado com o Agenor, que gostou da ideia. Aliás, Agenor prometeu comprar uma para ajudá-lo e para servir de exemplo aos outros.

Dirigindo-se à Dona Maria, Tonico falou:

— E minha mesa, Dona Maria? Eu mesmo vou fazê todim em madera trabaiada. Vai ficá muito mais bunita qui a que o Juão fez pru cê. Eu não uso serrote e prego, é tudo esculpido e montado. Piriga inté di eu vendê ela.

— Faiz mal não, Tonico. Os fregueis vão procurá o meu barraco é por causa do chero das minha comida e não por causa da belezura da mesa.

— Ora poish — se intrometeu Seu Manoel — Não é preciso discutir, vamos nos ajudar. Tonico, quanto tu queres para fazer uma bela placa com os dizeres 'Bar Castelo de Trás-os-Montes'?

— Pro cê, seu Mané? Vô cobrá nada não. Só vô por meu nome no cantin, tá? Ocê me ajuda limpá o terreno aqui e fala pros fregueis comprá minhas torre e os otros trem. Num tá bão ansim?

Dois dias depois, o trabalho de *'retificação do fosso'* continuava a todo vapor, quando apareceu o Dr. Pedro, o prefeito de Três Córregos. Ia passando e cumprimentando o povo, tanto os que estavam trabalhando no Castelo quanto os que estavam lá só para olhar, passear e discutir. Matreiro, Pedro já tinha entendido o potencial da ideia de Agenor, e foi até o Mangue para conversar melhor com Agenor e Manoel. Depois de uma longa conversa, Pedro subiu numa carroça e mandou um discurso:

— Gente boa de Trescórgo. — todos olharam para ele — Olá dona Mirtes, como vai a família. Oh, Dom José, tudo bem com essa fortaleza, tudo bem...

e começou:

— Meu povo, subi neste palanque, mais uma vez, para lhes trazer boas novas. Vosso prefeito sempre soube que o maior sonho de todos vocês é ver Trescórgo crescer, progredir. E agora chegou o momento. O grande Projeto de Urbanização do Mangue, o PUM, totalmente idealizado em nosso mandato, inicia-se agora com a construção do Castelo Transparente, mas é muito mais que isto que vocês

estão vendo hoje. Eu sei que alguns ainda não estão vendo, afinal o Castelo é invisível, mas logo todos verão. Aqui, bem aqui de onde vos falo, será construída e urbanizada uma praça. Uma bela praça. Terá coreto, passeio calçado e jardins. Daquele lado ficará o comércio, e daquele outro lado os bancos de cimento e as mesas para jogo de truco, de dominó e de dama. Espalhado por toda a praça construirei palanques, para que as pessoas possam subir e falar sobre o Castelo Transparente, defender suas opiniões, democraticamente. Quem quiser poderá falar. É só subir em algum palanque e falar. Amanhã mesmo começará o trabalho de melhoria da estrada do Mangue. E eu conto com a imprescindível ajuda de todos vocês. Continuem trabalhando, construindo o Castelo, vindo aqui passear. Tragam seus parentes, seus amigos, seus tabuleiros e seus produtos e, principalmente, tragam suas opiniões. Domingo, às dez horas será lançada a pedra fundamental da Praça da Discórdia, com festa, banda e arrasta-pé. Conto com vocês. Com sua ajuda Três Córregos vai aparecer no mapa!

Como Pedro era amigo de quase todos os comerciantes, não teve problema de combinar uma forma de cobrar uma taxa de licença, pois era preciso dinheiro para levar o PUM adiante e dar uma pequena ajuda a estes bravos homens que estavam construindo o Castelo Transparente.

Seu Manoel e mais alguns comerciantes, que já tinham encomendado suas barracas para o João prometeram ao prefeito que mandariam imprimir uns cartazes para anunciar a festa de domingo, e que

espalhariam os cartazes em todas as vilas da redondeza. Todos sabiam que era preciso atrair dinheiro de fora de Três Córregos.

A festa de domingo foi um sucesso. Veio gente de todas as vilas próximas. Passearam, brincaram, dançaram, comeram, beberam e, principalmente, discursaram e discutiram.

Afinal, existia ou não o tal Castelo Transparente?

Um grupo de estudantes inventou uma curiosa brincadeira. Sempre que algum estranho descia do palanque, um deles era escolhido para fazer um discurso contra o último. Não importava o tema ou a posição defendida pelo último orador, tinha que ser contra. Isto só acirrava os ânimos. Ganhava aquele que fosse mais convincente e recebesse mais aplausos do público. No final tudo acabava num trago no Bar Castelo de Trás-os-Montes.

Os comerciantes e artesãos venderam todos seus estoques. Tonico não só vendeu todas as torres de madeira como pegou uma porção de encomendas.

Na segunda-feira, o jornal *A Tribuna de Três Córregos* publicou uma pesquisa sobre a grande discussão. A tiragem esgotou. As opiniões estavam divididas, mas a maioria ainda achava que o Castelo não existia, que tudo não passava de golpe de publicidade. Alguns, mais exaltados, prometeram voltar só para discursar contra aquele abuso. Também não faltavam os puxa-sacos que subiam no palanque para tecer elogios ao Dr. Pedro e ao Agenor, agradecendo a nova praça e o centro democrático, esta nova opção de lazer.

Na terça-feira, a *Tribuna de Três Córregos* trouxe a notícia de que haveria nova festa e nova feira no próximo domingo e, assim que a Praça da Discórdia ficasse pronta, a Feira seria permanente. Noticiava, também, a repercussão da pesquisa, o surgimento do centro democrático e entrevistas com Dr. Pedro e Agenor. A tiragem foi aumentada e distribuída pelas cidades vizinhas.

As notícias sobre o Castelo Transparente de Treiscórgo se espalhavam mais e mais... boca a boca... Até que chegou aos ouvidos do Dr. Aparecido, o Deputado Estadual que tinha bastante votos na região. No domingo seguinte lá estava o Dr. Aparecido. Ele também era um político matreiro e ambicioso e logo a importância do Castelo Transparente cresceu diante de seus olhos.

Depois de ouvir alguns discursos de elogios ao grande trabalho do Dr. Pedro, Dr. Aparecido não resistiu. Tinha que aproveitar aquela oportunidade para cair na boa língua do povo.

Conversou com Pedro e prometeu que conseguiria, com o governador, ajuda para o asfaltamento da Estrada do Mangue e das ruas em torno da Praça da Discórdia. Bastava apenas que este fato fosse devidamente 'explicado' àqueles discursadores, fervorosos defensores do progresso, que tão brilhantemente falavam nas tribunas. Depois seguiu com Pedro até a prefeitura para conhecer mais detalhes do Plano de Urbanização do Mangue, o PUM.

O tempo foi passando e o burburinho em torno do Castelo Transparente ia crescendo...

Três anos depois…

Quem conhecia Três Córregos, e não tivesse passado por lá nos últimos três anos, não a reconheceria. A população residente tinha quase dobrado e a população flutuante era outro tanto.

Seu Manoel tinha enriquecido com a especulação imobiliária. Agora possuía uma fazenda, um prédio de apartamentos, duas pensões, quatro restaurantes e uma fábrica de guloseimas em sociedade com Dona Maria. João, o marceneiro, agora tinha uma fábrica de móveis rústicos bastante conhecida e, volta e meia, vinha gente de outras cidades encomendar móveis para o João.

O Tonico ficou famoso e suas esculturas alcançavam altos preços nas galerias da capital. Mas ele continuava a morar em Três Córregos, nunca sairia dali. Agora sua casa era bem maior, toda rústica, com uma enorme torre de um dos lados.

(aliás, em Três Córregos se desenvolveu um estilo arquitetônico peculiar cuja característica era a presença de torres de todos os tamanhos nas fachadas das casas novas)

Tonico mantinha sua casa cheia de trabalhos seus e de outros artesãos, que vieram morar em Três Córregos para vender suas obras na *Feira da Praça da Discórdia.* Era uma verdadeira coleção de obras de artesanato e folclore que já tinha sido artigo de uma revista de arte internacional.

A cidade estava toda modificada. Tinha o prédio do seu Manoel, o *'Edifício Vasco da Gama'*. Tinha o *Cine Teatro Paraíso*, que toda semana passava um filme novo e aos sábados trazia algum cantor famoso. As casas maiores da *'Cidade Velha'* tornaram-se pensões ou pequenos hotéis. A antiga *'zona'* agora tinha boates e saunas com letreiros de neon e se chamava B*airro do Luxo*; lá, Dr. Theófilo abriu uma grande farmácia supermercado que abastecia até hospitais da região.

Dr. Aparecido tinha conseguido, com a Assembleia Estadual, elevar Três Córregos para a categoria de Estância e, assim, levantou com o governador mais verbas para a drenagem e a canalização do Mangue.

Bom, o Mangue agora não se chamava mais Mangue, era a *Cidade Náutica*. Uma parte tinha sido drenada e aterrada. Alguns braços dos rios foram retificados e canalizados. Mas um lado do Mangue foi deixado ao natural, pois lá já existia um Clube de Pesca e já estava sendo construído o *Grande Hotel Ecológico* por um consórcio no qual Dr. Aparecido e o Dr. Pedro, o prefeito, estavam envolvidos, ninguém sabia bem como.

A antiga estrada do Mangue agora chamava-se *Avenida do Pensamento* e estava toda cercada de lojas, restaurantes e escritórios de agências de turismo. A *Avenida do Pensamento* desembocava na *Praça da Discórdia*, que ficava em frente a um espaço vazio cercado por um fosso intransponível, o *Largo do Invisível*.

E o *Largo do Invisível* com seu fosso abrigava o segredo da enorme vitalidade de Três Córregos, o *Castelo Transparente*...

Era o segredo que ninguém podia ver, mas que estava presente na fala de todos que subiam nos palanques da Praça da Discórdia. Existia uma certa confusão entre o Castelo Transparente e o também famoso Castelo de Trás-os-Montes. Tinha turista que chegava pensando que o Castelo não podia ser visto porque ficava atrás de algum morro.

Três Córregos agora tinha um Hino da Cidade. Não é qualquer cidade que tem um hino oficial. E o Hino Oficial de Três Córregos era bastante conhecido por todos que lá moravam e sempre acabava sendo ouvido pelos turistas. Tocava constantemente na *Rádio Difusora de Três Córregos*, na verdade tornara-se o tema da Rádio. O povo vivia assobiando o hino até sem perceber. A letra dizia:

"O sonho que se sonha só,
é só um sonho que se sonha só.
O sonho que se sonha junto,
é a realidade."

A *Tribuna de Três Córregos*, agora com impressão em *offset*, publicava todos os domingos o resultado da pesquisa de opinião a respeito da existência do Castelo Transparente.

As opiniões continuavam divididas, mas agora a maioria pendia para o lado dos que afirmavam que o Castelo era real.

Para estes, o Hino não deixava mais dúvidas. Comparavam a cidade de hoje com a de cinco anos atrás. Dizer que o Castelo era feito de nada era um

absurdo; como o PUM poderia causar tantas mudanças, surtir tanto efeito se tivesse saído do nada?

E o Agenor? Como é que estava o nosso Agenor?…

Agenor tinha se tornado a figura mais popular de Três Córregos. Era admirado de uma forma intensa, que beirava as raias da veneração. A seu respeito se contavam histórias fantasiosas. Coisas confusas que falavam de pé de feijão, formigas, cegos e elefantes.
Ficou famosa a sua peregrinação solitária, quando fora chamado de louco por aqueles que não compreendiam suas palavras. Estava se tornando quase uma lenda viva, um mito.

E não adiantava Agenor dizer para os turistas e repórteres que o procuravam que a história não era bem assim, pois a coisa tinha escapado de seu controle. Chegou, então, a época das eleições.

Dr. Aparecido e Dr. Pedro queriam alçar voos maiores. Aquele a deputado federal e este a deputado estadual.

E para prefeito, quem seria um bom candidato?

Isso mesmo, para Agenor essa eleição estava no papo. Pesquisas prévias mostravam que Agenor teria, pelo menos, setenta e cinco por cento dos votos válidos. Difícil seria arrumar alguém que quisesse disputar contra ele.

Mas sempre existe quem é do contra. Agenor sabia bem disso e antes que confirmasse sua candidatura surgiu seu oponente. Seu nome era Genésio.

Genésio era bem mais moço que Agenor. Jovem, fogoso, era um excelente orador, falava muito e de forma envolvente. Havia ganho alguma fama com convincentes discursos na Praça da Discórdia. Dizia, das tribunas, que Agenor não passava de um contador de histórias, um contador de lorotas.

Agenor até que concordava com isso. Para Agenor, tanto ele quanto Genésio eram grandes faladores, contadores de histórias. A diferença é que Agenor sabia disso. Já Genésio negava. Dizia que da boca de Genésio o povo só ouviria verdades.

Genésio dizia que o Castelo Transparente era um engodo criado por Agenor e, quando fosse prefeito, mandaria uma motoniveladora destruir o fosso e acabar com o Largo do Invisível. Lá construiria a Biblioteca Municipal, o Templo da Verdade.

E você, leitor, acha que o argumento de Genésio era forte?

Acha que o Genésio conseguiria ganhar votos dizendo que destruiria o Castelo?

(bom, eu não sei qual é a sua opinião, leitor, por isto vou continuar esta historinha com a minha opinião sobre a tática eleitoral do Genésio)

Pois é, a tática eleitoral de Genésio foi um fracasso. Perdeu a eleição. Mesmo aqueles que achavam que o Castelo Transparente não existia não queriam sua *'destruição'* e votaram contra Genésio. Eles sabiam que o Castelo Transparente era a causa central da vida da cidade.

É claro que ficava meio esquisito essa história de dizer que não queriam ver destruído o que nem sequer existia. Mas era melhor conviver com o paradoxo que cortar esse veio subterrâneo e invisível cuja água vinha jorrar em suas fontes (de renda).

E Genésio começou a pensar na lição das urnas.

— *Como é que pude ser derrotado por um Castelo Transparente que não existe?*

— *Eu sei que não existe...*

— *… Ou será que existe?...*

EXISTIR

Palavras-chave: EXISTIR, INSISTIR

— *Ser ou não ser? Eis a questão.*
— *Penso, logo existo.*
— *Deus existe ou não?*

Ser, existir, são as grandes dúvidas existenciais humanas. É só alguém parar de falar um pouco, e começar a pensar mesmo, que logo surgem perguntas, que passarei a chamar de *'dúvidas existenciais'*, e que levam o seguinte jeitão:

— *Afinal, tal coisa existe mesmo ou é só ilusão minha?*

É verdade que nem todas as pessoas desejam ou conseguem parar para pensar em questões existenciais. Nossas cabeças são como verdadeiras matracas que não param de repetir sempre a mesma HISTÓRIA PESSOAL — a já vista subjetividade da ILUSÃO — e de produzir ruído em nossas mentes. Assim, fica difícil se concentrar.

Muitas técnicas são ensinadas ou recomendadas para ajudar um indivíduo a conseguir parar sua mente. Para diminuir o barulho das matracas utiliza-se o jejum, a meditação, a concentração, ficar em silêncio por um tempo, etc., que são técnicas bastante populares, que às vezes surtem efeito e às vezes não.

Para se interromper a eterna repetição das mesmas HISTÓRIAS PESSOAIS em nossas cabeças — os mesmo fechamentos ou ILUSÕES — podemos usar técnicas de mudanças do ponto de vista.

Estas técnicas são facílimas de se compreender mas são pouquíssimo praticadas. No filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, o professor de uma escola muito conservadora faz seus alunos ficarem em pé sobre a mesa da sala de aula olhando a classe por uns bons segundos. Esta prática simples, utilizada uma só vez, já é capaz de mudar nossa ILUSÃO completamente, alterando a visão que alguém tem de si mesmo e do resto do mundo (os demais alunos no caso).

Vamos lá, tente este exercício! Suba numa mesa da sua sala, quando lá estiverem algumas pessoas (é bom avisá-las antes para não as assustar) e as olhe uma a uma por uns segundos, ficando sério, com a respiração pausada.

Se você conseguir terminar o exercício sem antes cair na risada ou morrer de vergonha (sinais que sua matraca não consegue ficar quieta), você verá como muitas coisas mudarão, quantos pensamentos novos e surpreendentes surgirão na sua cabeça.

Técnicas de mudança de ponto de vista como esta e outras são comumente praticadas em ritos de iniciação de escolas ocultistas. Mudar de ponto de vista nada mais é que ter uma nova CIÊNCIA para os mesmos DADOS, resultando em uma outra ILUSÃO diferente da anterior, modificando a LÍNGUA IMPRESSA.

Pode-se conseguir uma efetiva mudança de ponto de vista fazendo nossa CIÊNCIA atuar sobre uma IMAGEM diferente — subindo na mesa — ou recorrendo a outros ARQUÉTIPOS ou outras HISTÓRIAS PESSOAIS, diferentes das normalmente utilizadas.

Mas quem é que pratica rotineiramente a troca de pontos de vista, além dos *'aprendizes de bruxos'?*

Muitas pessoas chegam a compreender que existem outros pontos de vista, mas acabam voltando e mantendo-se agarradas às suas já velhas e repetitivas ILUSÕES. Até existe um certo reforço a este comportamento quando se elogia as pessoas de opinião firme, que não hesitam em manter seus pontos de vista.

Técnicas de mudança de ponto de vista, quando praticadas com frequência, produzem tantas ILUSÕES diferentes que podem nos levar a um estado no qual não mais conseguimos dizer quem ou o que somos, quem ou o que existe. Ficamos mudos, por ter muito o que falar e, frequentemente, quem está nesta situação acaba sendo chamado de hesitante, por não afirmar nada com convicção, ou de ambíguo, por afirmar coisas contraditórias.

Como sempre, imagino que a virtude está no meio. Penso que não devemos ficar sempre apegados a um único ponto de vista, mas também devemos evitar ficarmos mudos por não conseguirmos parar de flutuar entre posições opostas. Conseguindo um equilíbrio não seremos intransigentes ou dogmáticos e,

ainda, poderemos nos comunicar com flexibilidade e compreensão.

As questões existenciais somente crescem para quem não está fixo a um único ponto de vista e a tentativa de superação destas dúvidas é que leva a pessoa a criar e a desenvolver todas as grandes teorias científicas ou místicas. Todos os grandes descobridores tiveram que praticar, de um jeito ou de outro, técnicas de mudança de ponto de vista para romper os antigos valores e conceitos e propor novos valores em substituição.

Estas dúvidas existenciais que surgem quando damos o primeiro passo em direção ao silenciamento da matraca de nossas mentes, são uma derradeira tentativa da matraca, já agonizante, que não quer parar de falar. O problema é que a maioria das pessoas que conseguiram chegar a este ponto perde a concentração e, por força do hábito, não resiste à tentação de procurar respostas a estas questões. Enfim, elas dão o primeiro passo, mas não conseguem continuar a caminhada. Ficam enroladas na procura da resposta.

Note bem, quem encontrou uma resposta verbalizável a uma questão existencial, seja na religião ou na ciência, caiu na última armadilha da matraca, ou seja, da nossa CIÊNCIA que não quer parar com suas ILUSÕES.

Assim, o segundo passo em direção ao silenciamento de nossas mentes consiste em superar as questões existenciais sem respondê-las.

Neste capítulo proponho um exercício que consiste em dar estes dois primeiros passos: não ficar preso a um único ponto de vista e, o segundo, não ficar preso às questões existenciais. Para conseguir dar dois passos de uma vez só, vamos brincar de trocar de ponto de vista a respeito da própria questão existencial.

Existem vários 'existem'!

No momento em que se deparam com as questões existenciais, as pessoas costumam procurar as respostas seguindo caminhos místicos ou caminhos científicos, conforme sua afinidade. Partem em busca de vestígios da presença do Eu, de Deus ou da Verdade. Elas querem saber o que é que existe mesmo.

Mas há uma pergunta anterior, mais fundamental que qualquer pergunta existencial. Antes de sabermos se algo existe ou não, é preciso saber o que é existir!

Fazendo uma análise sobre o uso da palavra existir, na nossa linguagem cotidiana, pode-se notar que ela é usada com vários significados, às vezes conflitantes. Apresento a seguir quatro formas diferentes de se entender a existência. Estes quatro entendimentos diferentes não esgotam todas as possibilidades e não são precisos, apenas servem de exemplo para mostrar que existem vários *'existem'* nas conversas das pessoas.

No final do capítulo apresentarei uma definição pessoal de EXISTIR e INSISTIR e veremos onde se encaixam.

Você, leitor, deve ter uma compreensão própria sobre o que é existir, o que é necessário para algo existir ou não. Sugiro que, ao longo da apresentação de outros pontos de vista, que você não os repila de imediato. Procure adotá-los, encarná-los, tente ver a questão como ela seria vista daquele ponto de vista. Evite tentar traduzir estas novas visões para sua posição original.

O Castelo Transparente não existe

Muitas pessoas, que passarei a chamar de realistas, entendem que existir é o mesmo que estar no FENÔMENO. Dizem que as coisas que existem são reais, em contrapartida àquilo que passa em nossas mentes, ou que está no NÔMENO, que são coisas da imaginação.

Para os realistas existem, no FENÔMENO, coisas concretas e coisas abstratas. O que querem dizer com as tais coisas concretas é mais fácil de entender, são coisas como este papel que vocês estão lendo, sua roupa, o chão e mais toda essa tralha de coisas com corpo ou com peso ou com temperatura. Sobre essas coisas concretas não costuma haver discussão e quase todos concordam sobre sua existência.

Com as coisas abstratas já complica um pouco. Coisas abstratas não possuem corpo, não podem ser tocadas, podendo ocorrer, inclusive, que um observador desatento não perceba a existência delas.

Um pensamento daquele que estou chamando de realista poderia ser o seguinte:

"A Atração Gravitacional é uma coisa abstrata mas existe, está lá dentro do FENÔMENO atraindo corpos de um lado para o outro. A Atração Gravitacional não é percebida facilmente, o ser humano só a percebeu depois de Newton, trezentos anos atrás. Mas não é porque as pessoas antigas não a percebiam que quer dizer que ela não existisse."

Para este tipo de realistas, uma coisa abstrata não é uma coisa palpável, mas pode ser percebida pelos seus inegáveis efeitos sobre coisas concretas.

A maioria dos cientistas é realista, mas não só eles. Muitos espiritualistas também são realistas, já que acham que Deus e espíritos existem, são entes abstratos, mas reais que estão acontecendo lá no FENÔMENO. Outro exemplo de pensamento realista é aquele que diz:

"Em Três Córregos desenvolveu-se um estilo arquitetônico peculiar, onde se nota o uso de torres com frequência."

O tal estilo arquitetônico é algo abstrato, mas que existe segundo um realista, está lá nas casas de Três Córregos, é só notar. Quem tem um pouco de noção de arquitetura percebe com facilidade.

Uma característica destes realistas é que esta percepção de coisas abstratas exige uma mente um pouco mais evoluída ou, pelo menos, mais treinada. Seres como cachorros ou pessoas incultas, podem estar incapacitados para percebê-las.

Com relação às coisas que estão no NÔMENO, as coisas apenas imaginadas, o realista é bastante radical e as classifica em dois tipos: As coisas imaginadas que

não existem dentro do FENÔMENO, por exemplo quando penso num unicórnio e as coisas imaginadas que existem dentro do FENÔMENO, por exemplo quando penso num cavalo.

O realista é como o Genésio, afirma taxativamente que o Castelo Transparente não existe, é só uma imaginação impossível de se tornar real, impossível de ser construída. A princípio, um sonho individual e que depois tornou-se coletivo, devido ao poder de convencimento e manipulação de Agenor.

O Castelo Transparente existe

O fato de que, segundo os meus realistas, as coisas abstratas precisam de uma mente mais evoluída para percebê-las, levou algumas pessoas a acharem que processos intelectuais, mentais, de alguma forma também estão ligados às coisas ditas reais. Muitas coisas que eu posso imaginar eu não consigo tornar realidade, mas, por outro lado, eu posso imaginar coisas que a princípio não existem, mas que posso transformar em coisas reais com meu trabalho ou esforço. Assim como as coisas abstratas dos realistas, existem coisas só imaginadas que podem ser percebidas pelos seus inegáveis efeitos no FENÔMENO.

Pronto, demos de cara com a BABEL.

A forma da torre, que Tonico esculpia foi, em princípio, idealizada em sua mente, depois a madeira foi esculpida segundo esta forma ideal e pôde ser

vista por todas as pessoas, que começaram a construir suas casas com torres *'iguais à do Castelo'*. Para algumas pessoas, que passo a chamar de idealistas, a forma ideal da torre já existia quando foi pensada por Tonico, pois lhes parece absurdo pensar que algo pode de repente surgir do nada, algo que não existia de repente passar a existir.

Entenda bem, a forma ideal já existia e, por isto, pôde ser materializada pelas mãos do Tonico. Esta materialização nunca é perfeita, sempre contém algumas imperfeições, e, assim, duas torres esculpidas nunca são perfeitamente idênticas. Mas, ainda assim, a torre esculpida é capaz de despertar em terceiros o reconhecimento da forma ideal que, depois, voltam a materializar nas fachadas das suas casas.

Os idealistas dizem que a forma ideal possui existência própria e, por isso, pode ser reconhecida por uma mente atenta. É esta forma ideal que caracteriza o tal estilo arquitetônico, tão fácil de se perceber.

O interessante destas formas ideais é que nunca podem ser materializadas em sua plenitude, de maneira completa e perfeita.

Assim, são coisas que existem apenas dentro de nossas mentes, nunca estão no FENÔMENO, apenas no NÔMENO.

Esta maneira dos idealistas entenderem a existência, de certa forma inverte aquela ideia de que imagens são mapas incompletos das coisas do FENÔMENO. Agora, as coisas do FENÔMENO,

por exemplo a torre esculpida, é que passam a ser representações incompletas ou infiéis das formas ideais. Para minha explanação, o que importa é que para os idealistas, ao contrário dos realistas, coisas apenas imaginadas também podem existir.

Sem dúvida, foi do ponto de vista de um idealista que foram escritos os versos do Hino de Três Córregos; para eles o Castelo Transparente existe e impulsionou todo o desenvolvimento da cidade.

O Castelo Transparente não existe

As posições ou pontos de vista dos que chamei de realistas e de idealistas são as mais comuns entre as pessoas, mas não são as únicas. Existem outras posições bem menos populares, como a dos ultrarrealistas que apresento a seguir.

O ultrarrealista é aquele que diz que só existem as coisas concretas, que podem ser percebidas por qualquer mente, independente de treinamento ou especial capacidade. As coisas abstratas, que requerem uma mente evoluída para compreendê-las, simplesmente não existem, são imaginações e não pertencem à categoria do que é real.

Para caracterizar melhor a posição de um ultrarrealista analisemos, por exemplo, esta nota de dinheiro que tenho no meu bolso. Poucas pessoas que a vissem discordariam sobre a sua existência.

Praticamente todas diriam que ela existe.

(até meu cachorro parece concordar, pois se mostro a nota para ele, ele vem cheirá-la)

Mas, e o valor desta nota? A respeito do seu valor, um ultrarrealista poderia dizer:

"Se eu estou com fome, pego minha nota que vale tantos dinheiros, vou até o bar do seu Mané, aí na esquina, troco a minha nota por um churrasquinho delicioso e mato minha fome. Tanto eu quanto o seu Mané sabemos que a nota tem um valor de troca, aceito por todos, e vale um churrasquinho. Mas, este tal valor de troca existe mesmo? Se meu cachorro estiver com fome e eu lhe der a nota de dinheiro, ele vai cheirá-la, não vai comê-la, não vai levá-la ao bar e vai continuar com fome, porque para meu cachorro a nota, a coisa concreta, existe, mas o seu valor, a coisa abstrata, não. O valor da nota é puro sonho coletivo humano, tanto que a inflação está aí para provar que não existe, é só dar o devido tempo que o valor desaparece como que por encanto."

Para um ultrarrealista o Castelo Transparente não existe e ainda *'um sonho que se sonha junto é só um sonho, não é a realidade'*.

O Castelo Transparente existe

Há um outro ponto de vista com relação à palavra *'existir'* menos usado ainda que o ultrarrealista. Chamarei de ultraidealista.

Para um ultraidealista só existem as coisas imaginadas, que estejam no NÔMENO. Admitir que exista qualquer coisa no FENÔMENO é puro engano.

Esta é uma posição que aparentemente resolve qualquer problema existencial pois, como tudo que falamos são etiquetas para noções mentais que possuímos, só podemos falar de coisas que existem, que já foram imaginadas. Assim, se eu falo em Deus, então, para mim, Deus existe.

Talvez por esta razão a posição ultraidealista é pouco adotada. Às vezes tenho a impressão de que as pessoas se sentem como se ficassem nuas quando não mais possuem dúvidas existenciais e, por isto, fogem do ponto de vista ultraidealista.

O ultraidealista pode dar respostas estranhas a respeito da existência de coisas, ele pode dizer:

> *"O copo sobre esta mesa existe apenas quando eu o percebo, mas o copo em si, não existe."*

Ou ainda:

> *"O trovão que cai numa ilha deserta não faz barulho, pois não tem ninguém para escutá-lo."*

E, também:

> *"O Castelo Transparente existe."*

A posição ultraidealista surge com mais frequência entre pensadores místicos de cultura oriental, mas recentemente tem surgido também entre alguns físicos modernos, como no *Princípio Antrópico Forte* do físico franco-britânico Brandon Carter (citado no livro

The Anthropic Cosmological Principle de J. Barrow), que afirma que as constantes físicas fundamentais — como a constante de gravitação ou a carga do elétron — têm os seus valores atuais só porque um ser humano está observando-as.

Isto é, segundo o Princípio Antrópico Forte, o universo é como nos parece porque se fosse diferente não teriam se desenvolvido os seres inteligentes, com o nosso tipo de compreensão, para observá-lo e descrevê-lo da nossa maneira. É praticamente o mesmo que dizer que as coisas só existem para um ser consciente que as observa.

Vamos malhar

Não ficou claro, né?

Então, para esclarecer, vamos fazer um curioso exercício de mudança de ponto de vista com respeito a três conceitos, que são: o Valor do Dinheiro, o Castelo Transparente e Coisas Concretas. Vamos tentar ver se estas coisas existem ou não conforme estejamos enxergando-os de uma maneira ou de outra.

Para fazer este exercício você não deve olhar com espírito crítico as afirmações feitas a seguir, tente apenas enxergar como tais conceitos ficam a partir de cada ponto de vista.

Da posição do ultrarrealista, para quem só coisas concretas existem:

"O valor do dinheiro não existe, nada mais é que um sonho coletivo entre mentes iludidas."

"O Castelo Transparente não existe, é só atravessar o fosso e ver que ele não está lá."

"Coisas concretas são as únicas coisas que realmente existem."

Da posição realista, para quem coisas concretas ou abstratas existem desde que estejam no FENÔMENO:

"O valor do dinheiro existe, é abstrato, mas está preso à nota de dinheiro. Aonde a nota for, levará junto de si o seu valor que será percebido por qualquer pessoa capacitada."

"O Castelo Transparente não existe; assim como um unicórnio, ele não existe, é pura imaginação que não pode ser construída. Se no seu lugar for construído um prédio real, por exemplo uma boa Biblioteca Municipal, continuará o desenvolvimento da cidade."

"Coisas concretas obviamente existem e é pelo efeito sobre elas que podemos perceber as coisas abstratas."

Da posição idealista, para quem noções também são coisas que podem existir:

"O valor do dinheiro existe, é um conceito abstrato, mental, independente da nota, e que pode ser percebido por nós e é por nós materializado ao colocarmos aqueles desenhos num pedaço de papel."

"O Castelo Transparente existe, ninguém pode negar que é a causa primeira do desenvolvimento da cidade. Ele está materializado no próprio aspecto da cidade nova. É só comparar uma fotografia da cidade antiga com a nova que logo se 'vê o castelo'."

"Coisas concretas existem e, até, podemos materializar sobre elas ideias que a princípio só existem em nossas mentes."

Da posição ultraidealista, para quem só as coisas imaginadas existem:

"O valor do dinheiro existe para os capazes de percebê-lo."

"O Castelo Transparente existe para os que o afirmam e, também, para todos que o negam."

"Se 'coisas concretas' quer dizer coisas que estão no FENÔMENO, então elas não existem, pois nem sequer podem possuir um NOME."

Não se preocupe se, adotando algum ponto de vista, você tirou conclusões diferentes destas aí em cima. Estas posições não estão claramente definidas e você pode ter chegado a posições próximas, mas diferentes. O importante é conseguir praticar a mudança. Se quiser, releia este trecho para treinar mais um pouco a mudança de ponto de vista.

Um acordo BABELIZADO

Tente compreender a diferença entre os realistas e os idealistas. Para aqueles, o valor do dinheiro existe e está junto da nota, no FENÔMENO, aonde um for o outro vai atrás. É uma forma de compreensão bastante comum e fácil de entender.

Já para os idealistas, o valor do dinheiro tem existência própria como conceito puro anterior à sua materialização, a qual só por isto é possível. O valor do

dinheiro é algo que existe e está no NÔMENO, não no FENÔMENO. Uma defesa bastante convincente de uma posição semelhante a esta pode ser vista no livro *A Cabala do Dinheiro*, do rabino Nilton Bonder.

Esta divergência de visões entre realistas e idealistas serve de exemplo para um fato muito interessante a respeito da BABEL. Quando qualquer um deles diz: *"o valor do dinheiro existe"* o outro imediatamente concorda, mas está entendendo uma coisa completamente diferente do que o primeiro quis dizer, mostrando que a BABEL ocorre não só quando pessoas divergem, podendo ocorrer, também, quando interlocutores concordam! Este é um belo exemplo de como a EXPRESSÃO de LÍNGUAS IMPRESSAS diferentes provoca a BABEL.

O que você quer dizer com isso?

Como já dissemos, estes quatro pontos de vista não são posições estanques, perfeitamente definidas. É bastante comum algumas pessoas oscilarem entre uma e outra posição, às vezes recorrendo a uma e outras vezes a outra.

Com tantas maneiras de se entender a existência, só podia ficar difícil de se encontrar respostas às tais questões existenciais.

Suponha que chega alguém e atira a pergunta: *Existem espíritos?*

Como respondê-la?

Primeiro, eu não sei o que ele quer dizer com espíritos. Seguramente o que eu entendo por espírito não é o mesmo que ele entende, lembre-se do quarto pilar, a subjetividade da ILUSÃO. Se eu disser que meus *'espíritos'* existem ou não, de qualquer jeito eu não responderia à pergunta a respeito dos *'espíritos'* dele, como ele os entende.

Segundo, eu não sei que significado ele atribui à palavra *'existe'*. Provavelmente nem ele deve saber, pois nunca se preocupou em saber o que é existir; normalmente as pessoas querem saber o que existe e não o que é existir.

Como se vê, numa pergunta simples com apenas duas palavras, eu não posso entender o que querem dizer exatamente as duas palavras e, assim, não posso saber o que ele quer me perguntar.

É por este motivo que alguns mestres do Zen-Budismo recorrem a respostas paradoxais, atirando de volta a pergunta a quem a fez, na esperança de fazê-lo ver que qualquer resposta é relativa e que a VERDADE não pode ser dita.

Para responder à pergunta sobre a existência de espíritos, um mestre Zen pode simplesmente responder:

— *Quem está fazendo esta pergunta?, ou ainda:*

— *As árvores dão frutos e as aves voam.*

Mudando de brincadeira

Tendo compreendido que questões existenciais não possuem respostas absolutas podemos deixá-las para lá, já que nunca vamos resolvê-las. Vamos partir para outra brincadeira intelectual; nossa conhecida brincadeira de construir novas palavras.

Tenho repetido diversas vezes que no FENÔMENO tudo está fundido, misturado; que lá não há LUZ entre os corpos concretos ou abstratos. A LUZ é dada pela CIÊNCIA e só então os corpos surgem destacados do resto, dentro do NÔMENO.

Como, em uma conversa, eu posso querer me referir a um corpo depois de alguém ter tido CIÊNCIA dele (que esteja no NÔMENO) e, outras vezes, posso querer me referir ao corpo como é enquanto DADOS (um corpo que esteja no FENÔMENO), nosso exercício, agora, será construir duas palavras que indiquem em que lugar está o corpo ao qual estou me referindo.

Uma palavra vai me indicar que o corpo de que estou falando já está aqui dentro de minha mente, já foi extraído, separado de seu fundo. A outra palavra indicará que o corpo ao qual me refiro está lá no FENÔMENO, ainda não foi destacado do seu meio, está junto de si próprio, no seu lugar próprio.

Eu poderia usar as palavras ZIRIGUIDUM e BALACOBACO, para designar estes dois *'lugares'*, NÔMENO e FENÔMENO, em que está a coisa

à qual me refiro. Mas são palavras muito esquisitas e ficaria estranho dizer:

"Penso, logo BALACOBACO", quando quisesse dizer: "Penso, logo estou dentro do FENÔMENO."

Por isto construirei estas novas palavras utilizando os radicais gregos e latinos, como é comum em nossa língua, pois será importante ter estas duas palavras bem definidas para que possamos tentar nos entender melhor daqui para a frente.

Para designar o corpo concreto ou abstrato das coisas temos o radical grego *'ster'* e que quer dizer *'dar corpo, peso ou volume'*, como nas palavras estereofônico e estereovisão.

Para especificar a ideia de *'próprio'* ou *'em si mesmo'* usaremos o radical grego *'sin'* ou *'sis'* que quer dizer *'junto a si'* ou *'em si próprio'*, como em simpatia ou símbolo.

Usaremos os radicais latinos *'ex'* e *'in'* para referir os lados de fora e de dentro respectivamente.

Pronto, já podemos construir nossas palavras:

INSISTE (lat. insistere) - IN + SIS + STER, refere-se a quando um corpo está no seu lugar próprio, junto a si mesmo, no FENÔMENO.
EXISTE (lat. existere) - EX + SIS + STER, refere-se a quando um corpo já foi extraído do seu lugar próprio, já está fora de si mesmo, dentro do NÔMENO.

Segundo estas definições, coisas só EXISTEM quando já foram percebidas por alguém, quando já possuem forma e NOME. Enfim, recaímos na posição ultraidealista, para quem as Coisas Concretas INSISTEM e só passam a EXISTIR quando estamos pensando nelas, certo?

Outra curiosidade destas definições é que não tem sentido falar que algo não EXISTE, pois se a estou falando então já lhe atribuí um NOME e, portanto, a coisa já EXISTE.

Já quanto à INSISTÊNCIA de alguma coisa nunca posso ter certeza, pois assim que eu a percebo, a coisa passa a EXISTIR e fico sem saber se INSISTE ou não.

Em outras palavras, não adianta ficar discutindo sobre a INSISTÊNCIA de uma coisa, pois esta é uma questão sem resposta. Sempre que se afirma a INSISTÊNCIA de alguma coisa, nada mais é que uma suposição. Também não é preciso discutir sobre a EXISTÊNCIA de qualquer coisa já que, se estou falando nela, ela certamente EXISTE.

Não é estranho que juntando radicais eu tenha construído uma palavra cujo significado é oposto ao usado pela maioria das pessoas?

Será que quem construiu pela primeira vez a palavra *'existere'* pensava assim?

Eu não sei e até acho que não, mas de qualquer forma, só aqui para nós, a EXISTÊNCIA só acontece após a CIÊNCIA.

Se, no final do capítulo anterior, dissemos que todas as teorias místicas ou científicas são ILUSÕES, agora podemos ir mais adiante, dizendo que:

"Tudo que EXISTE, para cada um de nós, é ILUSÃO.", que, traduzindo para a linguagem coloquial, quer dizer que cada coisa que percebemos está exclusivamente em nossa mente e é o resultado de um processo subjetivo de extração de uma forma sobre um fundo.

Penso, logo...

Que tal tentarmos entender, agora, o que Descartes queria dizer com seu famoso *"Cogito, ergo sum"*.

Esta frase normalmente é traduzida para: *"Penso, logo existo"* e normalmente é entendida como*: "Penso, logo INSISTO"*, pois, normalmente, as pessoas não estão na posição ultraidealista.

Se foi isto mesmo que Descartes quis dizer, eu não vejo por que se tornou uma frase tão célebre, já que não passa de uma evidente redundância.

A palavra *'logo'* sugere que se trata de um raciocínio lógico, do tipo aristotélico, que a partir das premissas consideradas verdadeiras se tira alguma conclusão nova e válida. Neste caso as premissas estão contidas na expressão *'penso'*, que tem o sujeito *'eu'* oculto.

São duas as premissas:

Premissa 1 — existe um *'eu'*

Premissa 2 — este *'eu'* pensa

Sim, é isto mesmo. O sujeito *'eu'* oculto no *'Penso'*, leva junto de si a pressuposição, ou premissa, de que existe um eu.

Ora, supondo-se que estas premissas sejam verdadeiras pode-se concluir imediatamente:

Conclusão — eu existo

A Conclusão é a própria Premissa 1!

Ainda que seja uma conclusão válida, não tem nada de criativo ou genial, nem me permite ficar sabendo se existo mesmo, pois é o mesmo que dizer:

"Supondo-se que a Terra é plana e acaba num abismo, conclui-se que a Terra é plana."

Este pensamento está corretíssimo do ponto de vista lógico, mas só com ele eu não posso saber se a Terra é plana ou não!

Será que foi só isso mesmo que Descartes quis dizer?

Ele poderia estar na posição ultraidealista, pensando:

"Antes de poder falar 'Eu penso', tenho que saber o que é o 'eu' e o que é 'pensar'. Como ao saber qualquer coisa essa coisa passa a EXISTIR, então eu EXISTO pois, para poder falar 'Eu penso' tenho antes que reconhecer o 'eu'."

Neste caso a melhor tradução seria:

"Penso, logo EXISTO."

Mas, talvez, Descartes não fosse um ultraidealista de carteirinha como eu e quisesse mesmo dizer algo do tipo:

"Se eu penso qualquer coisa, então este ente pensador deve ocupar algum lugar no universo",

Se foi isso que Descartes quis dizer, uma melhor tradução de sua frase seria:

"Penso, logo INSISTO"

que, como já disse, não passa de uma simples redundância sem nada de criativo.

O que será que Descartes quis dizer com isto? — já que parece que nem ele nem seu tradutor usavam duas palavras com definições similares às que dei acima para diferenciar a coisa como é percebida (que está em nossas mentes e já tem um NOME) da coisa em si (que não tem NOME).

CAPÍTULO 5

História: O Nada que soltou um Pum

Texto: CIÊNCIA

Às vezes, um charuto é só um charuto.
Sigmund Freud

É sempre bom lembrar
que um copo vazio está cheio de ar.
Gilberto Gil

O Nada que soltou um Pum

(uma paródia à Teoria do Big Bang)

Era uma vez um Nada.
Um Nada beeeem grande.
Tão grande que ocupava todos os lugares.
E não cabia mais Nada em lugar nenhum.
De repente.... Não mais que de repente...
(e eu, também, não sei por que,
talvez porque o Nada tivesse comido algo estragado)
O Nada soltou um Pum!

Como o Nada era muito grande,
o Pum também era muito grande.
Foi o Grande Pum.

Foi um Pum tão forte que o seu cheiro se espalhou por toda parte.
E não ficou sem cheiro, lugar algum.
Em qualquer lugar que porventura estivesse alguém
(e não me pergunte de onde surgiram as pessoas, pois eu não sei e isso não importa)
era possível sentir aquele budum.
Era um cheiro tão forte que todos o sentiam.

Foi então, muito irritadas, que as começaram a se acusar:

— *Foi você que soltou o Pum!*

— *Não, não fui eu. Foi você.*

— *Eu não. Acho que foi ele.*

— *Sim, deve ter sido ele.*

Só dizendo que foi ele, as pessoas concordavam.

Então, ele foi ficando cada vez mais falado e famoso

e acabou ganhando um nome: Ele.

Tudo que acontecia, de bom ou de ruim, era culpa d'Ele.

O zum-zum-zum era tanto que o juiz (um homem que sabia muitas coisas), pensou que talvez ninguém fosse culpado, resolveu pôr panos quentes e disse:

— *Não foi ninguém que soltou o Pum. Quem soltou foi o Nada.*

Ninguém acreditou no juiz. Isto não fazia o menor sentido.

Como que o Nada podia soltar um Pum?

Este juiz (que sabia de muitas coisas) devia ter inventado aquela história de que foi o Nada que soltou um Pum, só para proteger o culpado.

Ah! Então ele sabia quem era o culpado!

E como será que ele sabia quem era o culpado?

Ah aaah... Só podia ser o próprio juiz que soltou o Pum.

— *Foi o juiz que soltou o Pum.*

— *Eu não. Foi o Nada.*

— Que Nada? Foi ele mesmo. Foi ele e não Ele.
— Ele, quem?
— Ele.
— Nãoooo Ele. Foi ele.
— Mas foi o que eu disse!
— O que você quer dizer com isso?
— Que foi ele.
— Mas eu já disse que foi o Nada.
— Que nada!
…

CIÊNCIA

Palavra-chave: CIÊNCIA

No capítulo 3, foi dito que a CIÊNCIA seria estudada com mais detalhes. Vejamos, novamente, a definição que dei então:

CIÊNCIA (lat. scientia) - Aquele que extrai a forma do fundo ou que separa o todo em partes; é o ente separador.

Na figura 3.3, aquela da cabecinha com um fluxograma da *Teoria do Conhecimento Babelizável* dentro dela, a CIÊNCIA foi representada por um moedor de carne para lembrar que ela, a CIÊNCIA, é responsável por dividir um todo em muitas partes, introduzindo LUZ na IMAGEM, produzindo todas as nossas ILUSÕES que resultam na EXISTÊNCIA das coisas.

Fica fácil notar que, definida desta maneira, a CIÊNCIA abrange todo o pensamento humano, seja ele científico, religioso, político ou filosófico. Qualquer frase que enunciarmos, como *'matéria atrai matéria'*, *'Deus criou o mundo em sete dias'* ou *'a religião é o ópio do povo'*, estaríamos fazendo CIÊNCIA e afirmando uma ILUSÃO.

Esta definição serve, também, para esclarecer-nos sobre o fruto proibido a Adão. Seria o fruto da árvore da CIÊNCIA do Bem e do Mal que Adão deveria evitar para não ser expulso do paraíso da VIDA eterna? Voltarei a falar sobre isto no capítulo 6.

Ciência e mitologia

Certa vez, em 1932, Freud escreveu uma carta a Einstein, e expressou uma dúvida existencial que o assaltara:

> *"Não será verdade que cada Ciência, no fim, se reduz a um certo tipo de mitologia?"*

mostrando que, no final de sua carreira, começava a duvidar das suas próprias teorias.

Freud quanto Einstein criaram importantes teorias e as defenderam com denodo e, pelo menos no início de suas carreiras, acreditavam que suas teorias expressavam a verdade.

Nós já sabemos que, com certeza, suas teorias não EXPRESSAVAM a VERDADE, porque esta nunca pode ser dita. Sabemos mais, sabemos que cada CIÊNCIA se reduz a um certo tipo de mitologia, especialmente quando nossa ignorância da ILUSÃO a transforma em ilusão.

Disse, desde o início deste trabalho, que os conceitos que apresentaria, entre eles os de VERDADE e de CIÊNCIA, não eram novidades e já tinham sido citados por inúmeras pessoas das mais diversas linhas

de pensamento. Freud parece não se incluir neste grupo. Pelo menos até 1932 não parece que Freud tenha conseguido apreender os conceitos de VERDADE e de CIÊNCIA. Como dissemos no capítulo anterior, ele conseguiu dar o primeiro passo para silenciar sua matraca mental e produziu a dúvida existencial aí acima; resta saber se conseguiu completar a sua caminhada e recuperar o paraíso perdido no meio da BABEL.

As ciências atuais

Hoje em dia a palavra *'ciência'* possui outros significados, diferentes dos que defini. Basicamente são dois estes significados correntes atualmente. Vou apresentá-los, mas para poder deixar evidente a qual estarei me referindo na sequência do texto, vou grafá-los de formas diferentes:

ciência (todo em letras minúsculas) - é usado para se dizer que sabemos ou percebemos alguma coisa, por exemplo: 'estou ciente dos termos deste contrato' ou 'tomei ciência de sua petição'.

Ciência (com a inicial maiúscula) - é um conjunto de teorias ou enunciados desenvolvidos com a finalidade de se estudar um determinado assunto, por exemplo: as Ciências Exatas, as Ciências Humanas.

Estes conceitos, obviamente, são discutíveis. É comum se falar *'consciência'* no lugar de simplesmente *'ciência'*, por exemplo:

"Tenho consciência da gravidade dos fatos."

Devia-se dizer apenas:

"Tenho ciência da gravidade dos fatos."

A consciência é um pouco diferente da ciência. Ela se refere a algo que aparece ao lado, ou que esteja junto da ciência, caracterizado pelo radical *'com'*. No capítulo seguinte voltaremos a falar sobre a consciência.

O significado da palavra Ciência também passa por debate. O filósofo austríaco Karl Popper, já citado, dando continuidade a Descartes, a Kant e a Hume, entrou neste debate e procurou definir em quais condições uma teoria poderia ser chamada de Ciência.

Popper sugeriu que, para uma teoria ser classificada como Ciência, deveria ser falseável, o que quer dizer que a teoria deveria permitir a criação de experimentos — as armadilhas — que pudessem mostrar sua inexatidão, se assim fosse o caso. Por exemplo uma teoria que diz:

"Deus onipotente é o criador do universo e de todos fenômenos da natureza",

não poderia ser chamada de Ciência, pois não é possível criar experiências que evidenciem estar esta teoria errada caso ela realmente esteja. Qualquer que seja o resultado de nossas experiências, ele seria explicado como: *'é assim porque o Deus onipotente quis'*.

Ainda, segundo Popper, uma Teoria Científica jamais pode ser provada como verdadeira pois, caso suas previsões não sejam negadas pelo experimento, resta a hipótese de ter sido coincidência.

Gostaria de ressaltar que o conceito de CIÊNCIA que defini abrange tanto a 'Ciência' quanto a 'ciência'. Tanto para que se tenha ciência de alguma coisa, quanto para se fazer uma Ciência sobre tal coisa é sempre necessário o uso da CIÊNCIA. Assim, ao longo deste capítulo, chamarei de CIENTÍFICA qualquer Ciência ou teoria, seja ela científica, mística, religiosa, metafísica, etc.

Dedicarei o resto do capítulo a analisar curiosidades da Ciência com o objetivo de ressaltar seus aspectos enganosos, que muitas vezes acabam por contribuir para a BABEL.

Teoria errada também dá certo

No livro *Filosofia da Ciência*, o autor Rubem Alves, um filósofo e teólogo protestante, conta um caso acontecido antes que se conhecessem os micro-organismos e a assepsia.

Naquela época, no Hospital Geral de Viena, se notou que na ala de parturientes atendidas por médicos e estudantes ocorriam bem mais casos de febre puerperal que na ala das enfermeiras. Depois de algumas tentativas infrutíferas de resolver o problema, o médico Ignaz Semmelweis imaginou que a *'matéria cadavérica'* (restos de sangue, etc.) que ficava mas mãos dos médicos após as aulas de anatomia em cadáveres na faculdade, era a responsável por causar a doença nas parturientes atendidas por estes. Propôs que os

médicos lavassem adequadamente as mãos antes dos partos. Dito e feito, deu certo. O número de casos de febre puerperal diminuiu consideravelmente, apesar de Semmelweis não ter a menor ideia da existência de bacilos, bactérias ou outros bichinhos, que chegavam às mãos dos médicos por diversos meios. As enfermeiras simplesmente eram mais higiênicas que os médicos e, apesar de errada, a *Teoria da Matéria Cadavérica* de Semmelweis deu certo e, na época, foi considerada verdadeira.

Outro exemplo de teoria errada que dava certo encontramos em Euclides (300 a.C.), o autor de *Os Elementos*, livro matemático mais editado de todos os tempos. Euclides também escreveu um livro chamado *Óptica*, no qual estudava a perspectiva e apresentava a curiosa teoria da emissão de raios visuais que partiam dos olhos até atingirem os objetos. Para efeito de perspectiva, tanto esta teoria quanto a sua oposta — de que raios de luz partem do objeto em direção aos olhos — produzem o mesmo resultado.

Nos últimos três séculos, depois do Mecanicismo de Newton, e reforçada pelo Positivismo de Comte, prevaleceu uma tendência de se acreditar que a Ciência poderia chegar a explicar todo o universo, seria só uma questão de tempo.

Cita-se até um interessante caso de um diretor do Departamento de Patentes dos Estados Unidos — Charles H. Duell — que, em meados do século XIX, pediu demissão de seu cargo e que teria dito:

"... tudo que poderia ter sido inventado já foi inventado" e seu trabalho não tinha mais sentido.

Sempre que uma teoria antiga era derrubada por uma nova se entendia que se estava dando mais um passo para a criação da *Teoria Científica Completa e Perfeita* ou, como eu gosto de chamá-la, da mais *Judiciosa Explicação Objetiva Vital e Absoluta*, abreviadamente, J.E.O.V.A.

Convém salientar que Pitágoras, Kepler, Galileu, Descartes, Newton, Darwin e Einstein indicavam aceitar a existência de Deus, ainda que não saibamos o que era Deus para cada um deles, mas esta parte de suas observações foi ligeiramente esquecida passando a impressão de que acreditavam apenas na J.E.O.V.A.

De minha parte, sempre tive a impressão que acreditar na existência da J.E.O.V.A. era um misticismo idêntico a acreditar na existência de Deus. Não estou criticando o misticismo, apenas digo que a J.E.O.V.A., assim como Deus, explica tudo e, segundo a classificação de Popper, a J.E.O.V.A. ou a *Teoria Cientifica Completa*, não seria uma Ciência.

Como diz Rubem Alves, citado anteriormente:

"No dia em que o cientista vir o original, face a face, a Ciência terá chegado ao fim."

Eu diria mais, que só quando a CIÊNCIA chega ao fim alguém pode ver o original face a face.

Vários detalhes me levavam a crer que as Ciências jamais poderiam EXPRESSAR a VIDA e o UNIVERSO de forma completa e fiel. Um destes

detalhes é a própria BABEL do conhecimento humano, com sua inerente incompletude e infidelidade.

Um outro detalhe sobre as Ciências é que elas podem nos enganar sempre, parecendo estar corretas mesmo quando estão absolutamente erradas, como no caso da *Teoria da Matéria Cadavérica* de Semmelweis e da *Teoria da Emissão de Raios Visuais pelos Olhos* de Euclides.

Para apresentar mais alguns exemplos de que uma teoria errada pode dar certo, vamos analisar as mais populares teorias relativas ao movimento e queda dos corpos que são: a *Teoria do Lugar Natural*, a *Teoria da Atração Universal* e a *Teoria da Relatividade Geral*.

O Lugar Natural

Durante dois mil anos, a partir de Aristóteles (350 a.C.), prevaleceu o *Geocentrismo* que, além de dizer que a Terra era o centro do universo, dizia que os corpos caíam em direção à Terra porque esta era o *'lugar natural'* de todos os corpos. Uma vez afastados da Terra os corpos tendiam espontaneamente a retornar a ela.

Usando essa teoria Arquimedes (250 a.C.) — aquele que deu o grito: Eureka! — descobriu a densidade dos corpos e explicou porque alguns corpos flutuavam na água e outros não.

Todas as obras de engenharia e outras engenhocas que se construíam até Galileu (1600 d.C.) e Newton (1700 d.C.) baseavam-se nesta teoria de Aristóteles e de Arquimedes.

As cartas náuticas e celestes e os navios que permitiram a Colombo chegar à América foram produzidos tendo o Geocentrismo como base. Aquedutos, fontes permanentes e até clepsidras (relógios d'água) eram construídos segundo os mandamentos do Geocentrismo.

Até Galileu, que contestou que a Terra estava fixa no centro do universo, não se opunha à ideia de que a Terra era o 'lugar natural' dos corpos que caíam. A Teoria do Lugar Natural era suficiente para Galileu explicar suas descobertas a respeito do movimento do pêndulo e dos corpos nos planos inclinados.
Por não ter que contestar a teoria válida então, esta parte do trabalho de Galileu é menos conhecida e famosa que sua descoberta dos movimentos dos planetas em torno do sol, mas foram experiências fundamentais para que Newton pudesse criar sua Mecânica.

Hoje em dia o *Geocentrismo* e a *Teoria do Lugar Natural* nos parecem caricaturas ingênuas de Ciências, quase ridículas. Mas, ainda hoje, é possível construir uma clepsidra baseando-se apenas na *Teoria do Lugar Natural* e ela vai funcionar perfeitamente.

Este é o aspecto enganoso das teorias científicas e de todas as teorias CIENTÍFICAS também. Apesar de erradas, elas podem dar certo para determinadas aplicações. Por este motivo, Popper dizia que uma experiência que dá certo não serve para comprovar que uma dada teoria esteja certa.

A Atração Universal

Continuando nossa análise das teorias científicas a respeito do movimento dos corpos, em substituição ao Geocentrismo e sua *Teoria do Lugar Natural*, surgiu a *Teoria da Atração Universal* ou *Teoria da Gravitação Universal*, proposta por Newton.

Esta teoria afirma que os corpos caem porque possuem *'massa'* e que *'massa atrai massa'*.

Esta atração à distância passou a ser chamada de Gravidade. Ainda, segundo Newton, as coisas são assim porque Deus o quis.

A *Teoria da Atração* conseguiu explicar todas as experiências e cálculos astronômicos de Tycho Brahe, Kepler e Galileu que não se encaixavam bem no *Geocentrismo*, além de continuar explicando tudo aquilo que se encaixava na *Teoria do Lugar Natural*, como as ideias de Arquimedes e o movimento do pêndulo.

Foi um verdadeiro sucesso. Por 200 anos a *Teoria da Atração* foi tida como exemplo claro de que, pela Ciência, o ser humano estava alcançando a J.E.O.V.A.

Nós já sabemos que toda Ciência é fruto da CIÊNCIA e, portanto, é uma ILUSÃO. Sabemos, também, que uma ILUSÃO se torna ilusão quando não conhecemos o que é uma ILUSÃO.

E muitas pessoas não conheciam!...

Estes não reclamavam que a tal da Gravidade era uma entidade absolutamente mágica e metafísica, capaz de mover corpos à distância sem tocar neles, tipo *'abracadabra'*. Tais cientistas passaram a acreditar

que a *Teoria da Atração* era verdadeira, que existia a tal Gravidade.

Einstein, comentando sobre a teoria de Newton, por quem possuía profundo respeito, diz, em seu livro *Como Vejo o Mundo*:

> *"A prática e o enorme sucesso da teoria (de Newton) o impedem, a ele e a aos físicos dos séculos XVIII e XIX, de entender que o fundamento de seu sistema repousa em base absolutamente fictícia."*

O modelo mágico de Newton era tão bom e prático de se usar que serviu de inspiração para se criar outro modelo muito parecido que explica as forças elétricas e o magnetismo. Também nestes casos se criaram forças mágicas que agem à distância.

Mas alguns cientistas se davam conta de que não ficava bem para uma Ciência Exata ficar usando forças mágicas.

Para contornar o problema, lá por volta de 1830 foi completado o desenvolvimento da *Teoria dos Campos*, apoiando-se nas ideias de Faraday e Maxwell. Criada primeiro para explicar o formato das linhas de limalhas de ferro próximas a um ímã, a *Teoria dos Campos* foi estendida às forças elétricas e gravitacionais.

Com esta teoria surgiu o grande vilão científico do século XX: as ondas e seus fenômenos ondulatórios. Infelizmente, a *Teoria dos Campos Ondulatórios* só adiou, e não resolveu, o problema da mágica.

Para se explicar o que era um *Campo Ondulatório* sempre se recorria à imagem de um lago calmo, no qual se jogava uma pedra. Formavam-se, então, as ondas. A superfície da água era uma espécie de *Campo Ondulatório*,

onde as ondas se propagavam. Feitos os cálculos e encontradas as fórmulas matemáticas, tudo parecia ir bem com a *Teoria dos Campos*. A Gravidade, o Magnetismo e a Eletricidade se propagavam pelos seus campos sem maiores problemas, até que alguém perguntou:

"Que raio de matéria compõe este Campo?"

As ondas no lago correm num campo formado pela água, a água é o meio. O que compõe o tal meio do Campo Gravitacional se a gravidade se propaga no vácuo?

Pronto, a mágica reapareceu!

Ninguém sabia o que compunha tal Campo, mas devia existir alguma coisa.

Como resolver o problema?

Simples, dando um NOME a esta coisa que compunha o *Campo Gravitacional*. Já vimos, no capítulo 4, que basta dar um NOME para garantir que algo EXISTE.

Bom, não era bem isso que os cientistas de então queriam, eles não eram ultraidealistas. O NOME escolhido foi Éter, mas não bastava que o éter EXISTISSE, eles precisavam descobrir do que o éter era feito, afinal ele não tinha peso nem temperatura.

Começou a Temporada de Caça ao Éter. Os físicos Morley e Michelson criaram armadilhas — os experimentos, segundo Popper— e se saiu por aí tentando aprisioná-lo. Não deu certo!

As experiências não acharam o éter e, ainda por cima, revelaram resultados incompatíveis com a *Teoria da Atração Universal*. A velocidade da luz não dependia do referencial adotado! Tinha algum furo nas teorias de Newton e de Maxwell!

Os engenheiros não se preocuparam nem um pouco com isso e continuaram usando a Teoria de Newton pois, baseados nela, construíam pontes, motores, fábricas e veículos e tudo funcionava perfeitamente bem.

A Relatividade Geral

Os crentes da J.E.O.V.A. não perderam a fé. Primeiro se pensou que umas poucas adaptações à *Teoria da Atração Universal* seriam suficientes para contornar o problema da velocidade da luz.

Não foi isto o que aconteceu. No início do século XX, o jovem Einstein anunciou as suas *Teorias da Relatividade Especial e Geral,* que serviam para explicar por que a velocidade da luz não dependia do referencial adotado. Mais ainda, dizia que a velocidade da luz era absoluta e a máxima possível dentro do universo.

> *(Na verdade, levando a Teoria da Relatividade a uma interpretação extrema, chega-se à conclusão de que a velocidade da luz é a única que existe, já que matéria, que se move a velocidades inferiores, nada mais é que energia compactada, isto é, seriam fótons girando à velocidade da luz confinados num pequeno espaço.)*

E por que, se ele descobriu que a velocidade da luz era absoluta, a teoria chamava-se Relatividade?

Pois é, para resolver o problema da luz, Einstein teve que desancar toda a base da **Teoria da Atração**. Nesta, Tempo e Espaço eram coisas independentes,

lineares, bem comportadas. Como se diz hoje entre os físicos, o espaço era *Euclidiano,* no qual uma reta é reta e retas paralelas nunca se encontram.

Na *Teoria da Relatividade*, Espaço e Tempo são relativos entre si, ligados pela massa e velocidade do observador e do objeto. Lembrando da frase de Kant, já citada, de que Tempo e Espaço são conceitos fundamentais e apriorísticos para qualquer Ciência, a teoria de Einstein está baseada em concepções de Tempo e Espaço totalmente opostas às de Newton. Por isto estas duas teorias são absolutamente diferentes e é um engano pensar que a *Teoria da Relatividade* é apenas uma generalização da *Teoria da Atração.*

Fundamentalmente, na *Teoria da Relatividade*, a atração gravitacional deixa de existir. Massa não mais atrai massa, e sim massa distorce o Espaço-Tempo ao seu redor, criando um espaço não Euclidiano no qual retas (geodésicas) são curvas e paralelas podem se encontrar.

Mágica por mágica, por que não substituir a *'massa atrai massa'* por *'massa distorce o espaço-tempo'*?

Com a Teoria de Einstein, a atração entre massas não passa de uma ilusão, pois as trajetórias dos planetas em torno do sol só nos parecem curvas, mas são retas (geodésicas) num espaço hiperbólico. Enfim, os planetas continuam caminhando em linha reta sem tomar conhecimento do sol e de sua atração. É o espaço-tempo que está torto!

Simples né?

Eu sei que não é simples, pelo menos não é intuitivo. Para melhor ilustrar a distorção do espaço-tempo, imagine uma superfície elástica, como um fino manto de borracha, esticada na horizontal. Se você jogar uma bola de *ping-pong* sobre a superfície, a bola rolará seguindo uma linha reta. Se, então, colocarmos uma bola de chumbo parada e suficientemente pesada para deformar (afundar) a superfície, a bola de *ping-pong* em movimento mudará sua trajetória reta, começando a deslizar em direção à bola de chumbo. Como se estivesse sendo atraída. Mas não existe nenhuma atração entre as bolas, é só aparência, é a superfície que está torta.

A *Teoria da Atração Universal* apenas parecia dar certo porque não tínhamos boa precisão em nossas medidas. Novamente o aspecto enganoso das teorias CIENTÍFICAS.

A J.E.O.V.A. começa a revelar suas garras e a BABEL a se instalar.

E a *Teoria da Relatividade*? Está certa? Ou, se não está, onde está seu erro?

Hoje em dia não se sabe bem onde está o erro da *Teoria da Relatividade*, mas se imagina que deve ter algum porque EXISTE uma outra teoria, a *Teoria dos Quanta* que, como já dissemos, não é totalmente compatível com a Relatividade, mas é necessária para explicar certos fenômenos que ocorrem com as partículas subatômicas.

> *(aliás, você já notou que, uma vez que a palavra 'átomo' significa sem partes ou indivisível, a expressão 'partículas subatômicas' literalmente quer dizer: 'as partes internas daquilo que não tem partes'? Mais ou menos como o FENÔMENO que é o NOME daquilo onde não tem NOME.)*

Para a Teoria dos Quanta EXISTEM quatro tipos de forças no universo, entre elas a gravitacional. Bem, não é bem assim, na verdade, não são forças e sim interações, troca de partículas subatômicas.

As partículas trocadas nas interações de força, como o gráviton e o glúon, são chamadas de partículas virtuais, em oposição às partículas reais, como os elétrons e os quarks, pois suas interações não implicam troca de massa ou energia, podendo ser emitidas eternamente.

Fantástico, não? Do ponto de vista de um materialista ou realista, as partículas virtuais nem sequer existem, mas sem elas, segundo a *Teoria dos Quanta*, o mundo não funcionaria!

Mágica por mágica…

Teorias válidas

Nós já sabíamos que nenhuma teoria científica, religiosa ou metafísica, enfim, nenhuma teoria CIENTÍFICA, poderia EXPRESSAR a VERDADE. Agora ficamos sabendo que nunca é possível identificar se uma teoria expressa a verdade ou não. Ela pode estar nos enganando.

E agora, como eu faço para saber se uma teoria é válida?

É fácil, é só mudar o NOME e parar de entender a validade como verdade e passar a entendê-la como utilidade. Assim, podemos definir:

VALIDADE (de uma teoria) - Uma teoria CIENTÍFICA qualquer será VÁLIDA quando for útil para alguma finalidade.

Muitos já tiveram esta mesma ideia, mas ela nunca vingou. Por exemplo, Poincaré, matemático francês famoso, do final do século XIX, cujo trabalho é citado na moderna *Teoria do Caos* e de quem já se disse que por muito pouco não anunciou a *Teoria da Relatividade* antes de Einstein, certa vez falou:

> *"A hipótese científica nunca é autêntica, não pode ser senão útil." (citado por L. Pauwels & J. Bergier no livro O Despertar dos Mágicos)*

Hoje sabemos que a teoria de Newton não está certa. Tempo e Espaço não se relacionam como Newton pensava e os fenômenos nucleares que hoje se conhece seriam impossíveis segundo a *Teoria da Atração Universal*. Mas, na maioria dos projetos de engenharia atuais, até mesmo na construção de centrais nucleares, se utiliza a teoria de Newton, que é mais que suficiente para o sucesso do projeto. Assim, eu digo que a *Teoria da Atração Universal* é VÁLIDA, ainda que não seja verdadeira.

O mesmo pode ser dito da **Teoria da Relatividade** e sua concorrente, a *Teoria dos Quanta*. Ambas são úteis e dão certo nos respectivos campos de aplicação, mas são incompatíveis entre si. Pelo menos uma deve estar errada, mas ambas são VÁLIDAS!

Coexistência pacífica

Uma vez que está claro que uma teoria CIENTÍFICA não pode EXPRESSAR a VERDADE e, sim, apenas ILUSÕES e que estabelecemos que uma teoria é VÁLIDA quando tem alguma utilidade para quem a usa, fica fácil perceber o que foi dito ao final do capítulo 3, onde apresentei a *Teoria do Conhecimento Babelizável*.

Disse que esta teoria ajuda-nos a compreender como outras teorias, mesmo contraditórias entre si, podem coexistir sem maiores problemas, pois não precisamos mais nos preocupar se uma teoria é verdadeira ou não. Basta saber se ela pode ser útil para alguma coisa já que, como disse Einstein em seu já citado livro:

> *"Os contrastes e as contradições podem coexistir de modo permanente numa cabeça, sem provocar nenhum conflito."*

Desta forma, perde sentido qualquer discussão a respeito de quem criou o mundo ou qualquer outra questão equivalente, já que tudo que EXISTE para cada um de nós são ILUSÕES.

Como se vê, a *Teoria do Conhecimento Babelizável* ajuda a acabar com qualquer dúvida existencial sem precisar respondê-la e não é tão inútil quanto poderia parecer a um ouvinte desatento. Ela tem alguma utilidade ou VALIDADE.

Desde que nos lembremos nos casos e momentos adequados, a BABEL não é tão maligna e destrutiva.

Teorias contraditórias que concordam

Como consequência da BABEL permitir a EXISTÊNCIA de teorias CIENTÍFICAS contraditórias mas VÁLIDAS, surge um outro aspecto interessante das teorias CIENTÍFICAS, além do aspecto enganador das teorias erradas que dão certo.

Este novo aspecto é a possibilidade de termos teorias paralelas. Por teorias paralelas eu quero dizer teorias CIENTÍFICAS desenvolvidas a partir de pontos de vista diferentes — o que resulta em ILUSÕES, NOMES, EXPRESSÕES e SÍMBOLOS diferentes — mas que abordam o mesmo FENÔMENO. Ou seja, elas tentam contar uma mesma história, mas usam sua própria LÍNGUA IMPRESSA, as línguas diferentes; são como versões da mesma história.

Um exemplo de teorias paralelas muito fácil de se perceber são as histórias do *Passeio no circo* do capítulo 2 e sua outra versão, citada no próprio capítulo 2 e tirada do livro de S. Vivekananda, que fala a respeito de um tronco de árvore e suas várias interpretações.

Estas duas histórias são versões, com palavras diferentes, para o mesmo fato. Ambas tentam descrever *'Maya'* ou a BABEL. Elas não são contraditórias. Quem concorda com uma concorda com a outra também. Elas não estão em línguas diferentes, apenas as palavras são diferentes.

Mas, ainda pode ocorrer o caso em que, apesar do fato descrito ser o mesmo, as duas versões da mesma história não serem aceitas por uma mesma pessoa. Quando isto ocorre digo que as versões estão

em LÍNGUAS IMPRESSAS diferentes, são como duas teorias contraditórias que falam da mesma coisa.

Vamos agora fazer uma comparação entre duas teorias diferentes sobre um mesmo fato, que é o surgimento do universo e de tudo que hoje o habita. Verificaremos que, mesmo parecendo contraditórias e excludentes, são teorias CIENTÍFICAS paralelas.

A primeira teoria CIENTÍFICA a respeito da criação do mundo que abordarei é o *Criacionismo* na versão judaico-cristã contida no livro Gênesis da Bíblia ou da Torá, atribuído a Moisés (1300 a.C.) e seus sucessores.

A segunda teoria a ser abordada será o ponto de vista Científico Moderno do século XX, genericamente chamado de *Evolucionismo*. Neste segundo caso teremos que fazer uma composição de três teorias científicas atuais que são: a *Teoria do Big Bang,* a *Teoria da Sopa Biológica* e a *Teoria da Evolução de Darwin.*

Como mais de três mil anos separam estas duas versões da criação do universo e do ser humano, é natural e até mesmo esperado que falem em línguas diferentes. Cabe a cada um de nós fazer um esforço para tentar entendê-las de forma a encontrar seus paralelos.

Esforços para tentar compatibilizar estas duas teorias já foram feitos por muitos teólogos e cientistas, como se vê no livro *Criação e Evolução*, do geneticista brasileiro Newton Freire-Maia. Aí vai minha contribuição ao debate.

A Teoria Criacionista Mosaica

Uma primeira coisa a se considerar quando se lê a Bíblia é a máxima: *"Traduttore, traditore"*.

As versões da Bíblia que acesso resultam de traduções diversas. Do Hebraico antigo e do Aramaico para o Grego e o Latim, destes para o Inglês e, finalmente, para o Português. Devemos levar em conta que é impossível que todos detalhes da mensagem inicial da tradição judaica estejam intactos no texto atual. Mas, vamos dar uma listada na sequência de eventos segundo a Bíblia que possuo:

No princípio eram as trevas, o caos e o Espírito de Deus que se movia.
No primeiro Dia, Deus dá sua primeira ordem: Fiat Lux.
No segundo Dia, Deus separou os céus da Terra.
No terceiro Dia, Deus criou a terra, os mares e as plantas.
No quarto Dia foram criados o Sol e a Lua, para marcarem o dia e a noite.
No quinto Dia Deus criou os peixes, os répteis e as aves.
No sexto Dia, Deus criou os mamíferos e o homem, e lhes deu as plantas por alimento.
No sétimo Dia, Deus descansou.

Pessoalmente eu gosto muito desta descrição. É claro que se tentarmos olhar esta versão da Criação com os olhos de um cientista moderno, positivista e materialista, poder-se-ia fazer muitas críticas, por exemplo: se o Sol e a Lua só foram criados no quarto Dia para marcar o dia e a noite como se poderia saber que já era o quarto Dia?

Esta até que é fácil responder:

"Por isto mesmo Ele era Deus."

Sabe-se lá o que Moisés queria dizer com *'Dia'* quando ainda, segundo ele próprio, não existia o dia. Moisés nunca disse que eram vinte e quatro horas.

Outra crítica muito comum aos *Criacionistas* — ou *Fixistas* segundo a nomenclatura de Freire-Maia — é que esta teoria supõe, sem esconder, a existência de um poder mágico. Esta crítica para mim é totalmente inócua, pois, até hoje, não conheci uma teoria científica sequer que não contivesse uma *'magiquinha'* escondida entre seus conceitos.

Dizer que matéria distorce o espaço-tempo, que os traumas são recalcados para o inconsciente ou que a mente surge do funcionamento do cérebro é muito mais mágico que científico.

A única diferença é que os *Criacionistas* admitem isto e seus oponentes, os *Evolucionistas*, não, mas ambos só afirmam ILUSÃO. Mais ou menos como Genésio e Agenor, este dizia que ambos eram contadores de lorota, enquanto aquele jurava que só dizia verdade.

Por outro lado, nota-se alguns pontos bastantes coerentes na versão de Moisés. No princípio havia trevas, caos e o Espírito que se movia. Tudo isto quer dizer, estava tudo fundido (TREVAS), sem ordem (caos) e havia a VIDA (aquilo que se move). Nesta situação, como já vimos no capítulo 3, a primeira coisa a acontecer só poderia ser que a VIDA trouxesse a LUZ para dar continuidade ao Ciclo VITAL. E, então,

a primeira ordem de Deus foi: *Fiat Lux* (faça-se a LUZ, crie-se aquilo que separa as coisas).
A respeito do Espírito que se movia no Princípio, está bem de acordo com aquela ideia de que: *No princípio era o VERBO.*

O Nada que soltou um Pum

Não existe uma única teoria científica moderna que explique a criação do universo até chegar ao ser humano. Teremos que fazer uma composição de três teorias atuais.

Primeiro a *Teoria do Big Bang*, que vai do Início até o surgimento da Terra. Em segundo lugar a *Teoria da Sopa Biológica*, que pega a Terra em seu estado bruto e vai até o surgimento das primeiras células vivas. Finalmente a *Teoria da Evolução de Darwin*, que explica desde aquelas primeiras células vivas até chegar ao Homo sapiens sapiens.

(é isso mesmo, muito modestamente o homem se autoclassifica como 'apenas' duplamente sábio)

A Teoria do Big Bang foi desenvolvida no século XX, apoiada no desvio para o vermelho no espectro de radiação captado de galáxias distantes, pelo astrofísico Hubble (1930 d.C.) e não surgiu para substituir nenhuma outra teoria. Antes disso, o assunto '*surgimento do universo atual*' não era abordado pelos cientistas modernos, sendo deixado para os filósofos e religiosos.

Uma das possíveis explicações para este desvio para o vermelho era que as tais galáxias estavam se afastando muito rapidamente de nós na Terra.

Poder-se-ia pensar em outras explicações para o tal *'desvio para o vermelho'*, como a variação no Espaço-Tempo das constantes universais ou uma perda (diminuição) de frequência ao longo do caminho, mas eu não sei bem por que os físicos insistiram em ficar só com a explicação do afastamento ou *Expansão do Universo*, apesar das conclusões fantásticas que daí se tirava.

Como só se encontrava desvio para o vermelho e nunca desvio para o azul — que indicaria uma galáxia se aproximando — se concluiu que todo o universo estava em expansão com suas partes sempre se afastando umas das outras. Revertendo o raciocínio se concluiu que o universo, muito antigamente, já esteve todo agrupado num único lugar.

Tal concentração de massa e energia seria altamente explosiva e daí para a grande explosão inicial, o *Big Bang* ou *Grande Pum,* foi um pulo.

Em 1964, com medições feitas por Arno Penzias e Robert Wilson, constatou-se a existência de uma radiação de fundo presente em todas as direções de universo que se observava e se entendeu que isto corroborava a *Teoria do Big Bang*.

Em resumo, a *Teoria do Big Bang* ficou mais ou menos assim:

"No princípio tinha um Nada muito grande. De repente, ninguém sabe o porquê e também não interessa, o Nada soltou um Pum muito forte, e o cheiro do Pum se espalhou por todos os lugares, de forma que qualquer um pudesse senti-lo."

Parece um conto da carochinha, não é? Eu não vejo muita melhora em se substituir a *Teoria do Lugar Natural* por essa aí.

A *Teoria do Big Bang* é cheia de mágicas, pois só ela não explica como, se está tudo se afastando, a matéria se reuniu para formar as estrelas, os planetas, as galáxias e seus aglomerados. Precisava de alguma outra perturbação.

O físico e sucessor da Cátedra de Newton, Stephen W. Hawking, em seu livro *Uma Breve História do Tempo*, aborda o que teria acontecido nos primeiros trilionésimos de segundo após o *Big Bang*, para justificar a existência das concentrações da matéria, inclusive da Terra, num universo em expansão. São ideias fantásticas, Hawking fala coisas tipo *Expansão Inflacionária Caótica*, que curiosamente tratam o tempo de forma absoluta em oposição à *Teoria da Relatividade*. Em nenhum momento Hawking diz qual a velocidade do observador de tais eventos já que, segundo a *Teoria da Relatividade*, não tem sentido se falar em sincronia ou sucessão de eventos sem que se explicite a velocidade relativa do observador.

Uma teoria concorrente à *Teoria da Expansão Inflacionária*, chamada *Teoria das Super Cordas* é tão

fantástica quanto aquela e fala de *"dimensões espaciais enroladas"* e outros conceitos mirabolantes.

Outro detalhe curioso da *Teoria do Big Bang* é que se pode ir do início até o fim do universo, do *Big Bang* até umas tais partículas elementares, quando tudo acaba depois de alguns bilhões ou trilhões de anos, sem se falar uma só linha sobre mente, consciência ou coisa que o valha. É como se nada disto existisse.

Enfim, a *Teoria do Big Bang* não explica de onde surgiram uma porção de pessoas discutindo sobre a radiação de fundo ou o cheiro do Grande Pum. Para isto deveremos recorrer a outras teorias científicas.

Como observação final sobre a *Teoria do Big Bang*, gostaria de lembrar que no final do século XX foram lançados alguns telescópios espaciais em satélites artificiais, um deles chamado Hubble, que deverão colher muitas informações sobre a distribuição de matéria no universo. Também o astrofísico George Smoot, analisando dados do satélite COBE, anunciou que as tais radiações de fundo não são tão uniformes quanto seria o ideal para uma *Teoria do Big Bang* mais simples. Tornou-se necessário dar mais uma complicada na teoria dizendo, agora, que o universo é uma espécie de estrutura fractal que apresenta invariância de escala na distribuição da radiação de fundo, e por aí vai.

> *(eu não consigo deixar de ter a intuição de que a Teoria do Big Bang, ou da grande explosão inicial do universo, que foi desenvolvida a partir da contribuição do físico Hubble, deverá ser derrubada ou modificada com as contribuições do telescópio Hubble)*

A Sopa Biológica

Como disse acima, para explicar cientificamente o surgimento do ser humano no universo do *Big Bang* teremos que recorrer a outras teorias científicas. Depois do planeta Terra ter surgido no meio do *Big Bang* precisamos explicar cientificamente o surgimento de organismos vivos neste planeta e, para isto recorreremos à *Teoria da Sopa Biológica*[3] .

A Teoria da Sopa Biológica é a menos desenvolvida das três teorias científicas que abordaremos. Existem vários pontos não confirmados e é mais uma especulação que uma teoria. Como outras teorias concorrentes, por exemplo a Panspermia do Prêmio Nobel sueco Svante Arrhenius, no momento são menos aceitas que a Teoria da Sopa Biológica. Ficarei com esta para tentar explicar como teriam surgido os seres vivos na Terra.

A *Teoria da Sopa Biológica* está localizada bem no meio de uma porção de buracos do conhecimento científico. Trata de fenômenos como a catálise, a osmose, a replicação de moléculas, a capilaridade, a estericidade e a adsorção; todos fenômenos moleculares sem explicação científica claramente estabelecida.

Antes da *Teoria da Sopa Biológica* existia a Teoria da Geração Espontânea, que dizia que os seres vivos surgiam da matéria orgânica espontaneamente e rapidinho. Moscas nasciam da carne putrefata e ratos do lixo. Apesar de ter vigorado por dois mil anos, a *Teoria*

[3]A Teoria da Sopa Biológica também é chamada de Sopa Primordial

da Geração Espontânea, hoje, nos parece tão ingênua e bobinha quanto a *Teoria do Lugar Natural*.

(no texto a seguir usarei muito a palavra catálise. Caso você não a conheça sugiro procurar o seu significado em um dicionário ou simplesmente entender catálise por ajuda e catalisar por ajudar, que dá certo)

A *Teoria da Sopa Biológica* começa com a Terra em estado bruto, sem seres vivos, e se supõe que então a atmosfera e os mares não eram como hoje. Não havia tanto oxigênio e gás carbônico no ar, que devia ser uma mistura rica em vapor de água, metano e amônia produzidos por erupções vulcânicas. O metano é composto de hidrogênio e carbono. O carbono é um elemento curioso que participa de reações químicas múltiplas, criando longas cadeias de átomos, as chamadas macromoléculas. Estas moléculas mais complexas iam se formando e ficando dispersas nos mares, fossem o que eles fossem naquela época.

A parte da teoria que explica a agregação dessas moléculas em certas formas preferenciais se chama *Teoria dos Agregados* e tem algo a ver com a *Teoria dos Fractais* e a *Teoria do Caos*.

Se entende que cada vez mais as moléculas se agrupavam em diversas estruturas bem organizadas, cada uma com propriedades físicas e químicas bem peculiares. Este emaranhado de moléculas carbônicas, água e ar formava a tal *Sopa Biológica*. Aqueça-se com um pouco de radiação solar e tempere-se com umas pitadas de descargas elétricas e a receita estava pronta para produzir os seres vivos.

Primeiro se teriam produzido os açúcares e as gorduras que, ao fermentarem, começaram a encher os mares de gás carbônico. Em seguida foram produzidos os aminoácidos que, ao se agruparem, produziam as proteínas e as enzimas. Com a catálise das enzimas, as proteínas foram também se reunindo até que surgiram as macromoléculas replicantes, que tinham a capacidade de catalisarem a formação de cópias de si próprias, desde que estivessem em um meio apropriado, com bastantes proteínas e enzimas em volta, dando sopa. Alguns tipos de ácidos ribonucleicos (RNA) são exemplos de macromoléculas replicantes.

A organização destas substâncias replicantes foi se tornando cada vez mais complexa e começaram a se formar agrupamentos delas e de outras moléculas mais simples. Estes agrupamentos, mais que catalisarem a si mesmos, conseguiam reproduzir todo o microambiente necessário para a continuidade das mesmas reações químicas.

Nesse instante passaram a existir os agrupamentos moleculares reprodutores, que se reproduziam por autocatálise desde que estivessem em um ambiente propício, como os atuais vírus.

Mais um agrupamento destes microambientes autorreprodutores comandados pela catálise e pela *Teoria dos Fractais* e chegamos às células, que já são chamadas de seres vivos. Formaram-se os primeiros seres unicelulares, que se reproduziam assexuadamente pelo crescimento e subdivisão, desde que estivessem

em um meio adequado, como algumas algas e bactérias, por exemplo.

A receita não acabou por aqui. As células começaram, também, a se agrupar, aproveitando as vantagens da simbiose — que é uma espécie de catálise (mútua ajuda) em outro nível — e começaram a formar os primeiros seres pluricelulares, capazes de se reproduzir. Estes seres pluricelulares também foram se tornando cada vez mais complexos e diferenciados.

Primeiro teriam surgido seres que continham uma macromolécula bastante útil, a clorofila, que era capaz de usar a energia do sol para combinar o gás carbônico — que nesta altura já existia em abundância na Sopa — com água e produzir oxigênio, carboidratos e calor. Os carboidratos, o calor e parte do oxigênio eram usados para as outras reações internas e o oxigênio que sobrava era liberado para os mares.

Este excesso de oxigênio acabou se acumulando na atmosfera e formou a Camada de Ozônio, que trouxe a vantagem de filtrar os raios ultravioleta do sol, permitindo que as células pudessem chegar mais perto da superfície dos mares e até serem jogadas para fora, sem serem torradas. Concomitantemente, a atmosfera ia perdendo o gás carbônico e outros componentes úteis às células. Nesta altura o ambiente propício, ou meio adequado, já tinha se tornado a própria Terra inteira, com seus mares e atmosfera formados simultaneamente com os seres vivos clorofilados.

Vimos que os seres vivos, de um jeito ou de outro, cuidam naturalmente para a formação e preservação do seu meio ambiente. Este cuidado é automático e faz parte do processo que é ser vivo.

Se continuasse como estava, ia acabar o gás carbônico, então algumas células, que no lugar da clorofila com seu átomo de magnésio possuíam uma macromolécula muito parecida, mas que tinha átomos de ferro, começaram finalmente a se dar bem.

Esta molécula semelhante à clorofila se chama hemoglobina e é capaz de captar o oxigênio livre do ar e entregá-lo para outras reações químicas internas que produzem gás carbônico e calor, sem a presença da luz solar. Os seres com hemoglobina repunham o gás carbônico na atmosfera, mas precisavam obter o carbono em alguma fonte e passaram a roubar carbono dos seres com clorofila, pois estes o tinham em abundância.

Assim, os seres com clorofila começaram a conviver e servir de alimento para os que tinham hemoglobina, neste macroambiente que se tornou a Terra.

Esta parte da história, ou da teoria, às vezes, é chamada de *Hipótese de Gaia*, que diz que a Biosfera da Terra é uma espécie de organismo vivo coletivo que se autoproduz e se autocontrola.

Bom, você já deve ter percebido que os seres pluricelulares com clorofila que surgiram primeiro, simultaneamente ao início da formação dos mares e

da atmosfera, formam o Reino Vegetal e que os seres com hemoglobina que vieram depois e reequilibraram a formação da atmosfera são os do Reino Animal.

Pronto, estes seres são o prato final desta receita da *Sopa Biológica*, são chamados de seres vivos e foram entregues de bandeja, prontos para a *Teoria da Evolução das Espécies*.

(você percebeu que a Teoria da Sopa Biológica não passa de uma Teoria da Geração Espontânea, só que mais lenta? E tem gente que acha a Geração Espontânea pura bobagem!)

A *Teoria da Sopa Biológica*, como a *Teoria do Big Bang*, faz vista grossa à mente e à consciência, na esperança de que a explicação para estas coisas surja mais adiante; uma posição semelhante aos *'materialistas'* do capítulo 2.

A Evolução das Espécies

A *Teoria da Evolução,* primeiro apresentada por Charles Darwin, em seu livro A origem das espécies e que no século XX foi um pouco corrigida, passando a chamar-se *Teoria Sintética da Evolução*, é bastante conhecida e não será preciso me estender demais para explicá-la.

Esta teoria diz que os organismos vivos competem entre si por alimento e outras coisinhas mais e que os mais aptos, e certas vezes os mais sortudos, se reproduzem com maior frequência.

Diz, também, que existe uma mutação genética natural, gradual e constante, que permite que descendentes eventualmente tenham melhores aptidões para a competição. Esses mecanismos (competição e mutação) acabam criando a *Seleção Natural*, que permite aos seres vivos melhor se adaptarem e evoluírem.

Estudos posteriores afirmam que primeiro surgiram os seres unicelulares, em seguida os pluricelulares vegetais e, finalmente, os pluricelulares animais. Neste ponto empata com a *Teoria da Sopa Biológica,* a qual também poderia ser entendida como uma *Teoria da Evolução das Substâncias Químicas Orgânicas.*

Os seres animais evoluíram para dois grupos, ambos marítimos, os invertebrados primeiro e os vertebrados depois. Dos vertebrados marítimos, os peixes, derivaram por evolução os anfíbios, os répteis e as aves, nesta ordem. Posteriormente, ainda por evolução dos anfíbios, surgiram os mamíferos.

Conversa vai, conversa vem, evolui pra lá, evolui pra cá — tipo Escola de Samba — eis que, senão quando, surge o humano.

Evolucionistas aceitam que primeiro surgiram alguns primatas que se dividiram em dois grupos que resultaram nos atuais macacos e no nada modesto *Homo sapiens sapiens*.

Recente estudo sobre a composição dos genes chegou à surpreendente conclusão de que a *'distância genética'* entre o ser humano e o chipanzé é menor que entre este e o gorila.

Darwin, pessoalmente, nunca afirmou que o ser humano descende de macacos, pode ler o seu livro de cabo a rabo que você não encontrará esta afirmação exata. Como já disse, Darwin aceitava a Ciência, mas também afirmava acreditar em Deus.

Uma outra teoria da evolução, chamada *Lamarquismo*, é geralmente descartada pelos Darwinistas como teoria não científica. Me parece uma atitude um tanto precipitada, pois a bioquímica atual conhece muito pouco sobre o fenômeno da estericidade e o efeito de campos elétricos nas reações químicas para afastar a hipótese Lamarquista de que o uso de órgãos possa induzir à mutação genética dirigida.

Mas a principal crítica que eu faço ao Darwinismo é que ele, assim como a *Teoria da Sopa Biológica* e a *Teoria do Big Bang*, também não diz nada a respeito da mente e da consciência. Enfim, as teorias científicas a respeito da Criação simplesmente se abstêm de explicar o surgimento da mente e da consciência.

Procurando os paralelos

Da maneira que apresentei as duas teorias, Criacionista e Evolucionista, considero fácil encontrar os paralelos entre elas.

Tem muita gente, que não conhece a BABEL, que prefere discutir sobre as incompatibilidades destas teorias. De minha parte considero que, se ambas tentam descrever o mesmo fato, ambas merecem

nossos créditos, desde que lembremo-nos da BABEL e saibamos que não passam de CIÊNCIAS e ILUSÕES. Cada uma delas é VÁLIDA e tem sua utilidade dentro do contexto em que se aplicam.

Saltam à vista as coincidências entre estas teorias, ainda que estejam em *'línguas diferentes'*. Entendendo que o NOME *'Dia'* da Teoria Mosaica pode não ser o tempo entre dois nascimentos do Sol ou da Lua, mesmo porque nos três primeiros Dias ainda não existia o Sol e que também não era um espaço de vinte e quatro horas, pois esta notação só foi inventada muito tempo depois de Moisés e entendendo, também, que a constância das Constantes Universais — como a meia-vida do carbono 14 usada na datação dos fósseis — criadas pelas Ciências é mera suposição jamais provada, fica facílimo notar os paralelos entre as duas *'línguas'*.

O *Big Bang* e o *Fiat Lux* são o mesmo momento, o primeiro e grande evento, o início da separação. Segundo S. W. Hawking, já citado, até o Papa João Paulo II concorda com isso.

Em seguida, as duas teorias dizem que se separaram os céus das terras, é onde entra a tal expansão inflacionária do universo, dizendo como as matérias começaram a se aglutinar, formando as galáxias, os astros celestes e os planetas, inclusive a Terra.

No terceiro Dia vieram a terra, os mares e as plantas, exatamente como diz a *Teoria da Sopa Biológica*.

No quarto Dia, o Sol e a Lua. Isto deve ter alguma coisa a ver com a atmosfera que ainda não estava bem formada e era densa e nebulosa, como Vênus atualmente, impedindo que se visse qualquer coisa além das nuvens.

Depois se seguem os peixes, os répteis, as aves e os mamíferos, na mesma ordem em ambas teorias. Finalmente, o Ser Humano!

Oh...! É tudo igual!

Para mim estas duas teorias são versões da mesma história, em *'línguas diferentes'* e ambas VÁLIDAS.

Eu vou até mais longe e digo que a *Teoria Mosaica* e a *Teoria do Big Bang*, mais que teorias paralelas, são teorias equivalentes, ou seja, são teorias que possuem a mesma VALIDADE ou que têm a mesma utilidade. Nenhuma das duas serve a um engenheiro que queira construir alguma engenhoca, ou médico que queira criar um novo remédio, pois ambas servem apenas para tentar aliviar o Ser Humano de suas dúvidas existenciais.

Explicando

Neste capítulo já dediquei muito espaço aos aspectos enganosos das Ciências, como as teorias erradas que dão certo e as teorias contraditórias que falam a mesma coisa, mas ainda existe um terceiro aspecto enganador nas Ciências.

Usamos várias vezes a expressão: tal teoria explica tal fato. Esta expressão é, também, enganadora, pois

é muito comum as pessoas entenderem que, quando uma teoria ou Ciência explica alguma coisa, a teoria é a causa do fato. Por exemplo, acho que a maioria dos meus leitores concordaria que:

"Se eu levantar e soltar uma pedra, a pedra cai porque existe a gravidade", dando a entender que a gravidade é a causa e a 'pedra cai' é a consequência e, também, diz-se que:

"A gravidade explica a queda da pedra."

Surge uma curiosidade. Quando algo é a causa de outra coisa, também se costuma falar que aquela implica esta, ou seja:

"A gravidade implica a queda da pedra."

Vocês perceberam a curiosidade? De repente, explicar e implicar parecem sinônimos.

Mas, será que são sinônimos mesmo?

Eu acho difícil. Não importa o que significa o radical *'plicar'*, mas o *'ex'* e o *'im'* são antônimos, têm significados opostos, aquele significa *'para fora'* e este *'para dentro'*. Duvido que, juntando prefixos antônimos a um mesmo sufixo, possamos construir palavras sinônimas. Pelo contrário, explicar e implicar devem ser palavras antônimas, em algum sentido!

Viu só que interessante?

Se explicar e implicar são antônimos decorre que, se a gravidade explica a queda da pedra, então a queda da pedra é a causa e a gravidade é a consequência! Esta conclusão não me surpreende. Eu sempre achei que, como uma explicação é sempre uma ILUSÃO nossa, nada mais óbvio que ela ocorra depois do FENÔMENO ter sido observado e, assim, nunca poderia ser a causa daquilo que é explicado.

Como já foi dito, devemos sempre estar atentos para não confundir a coisa que pretensamente INSISTE (a gravidade em si) com o nome da coisa ou a coisa que EXISTE (a gravidade como a percebemos, pensamos e falamos).

Enfim, a relação de causa e efeito é justamente o contrário do que normalmente se pensa, pois:

"A gravidade EXISTE por causa da pedra que cai", e não:

"A pedra cai porque a gravidade EXISTE."

Ou, em outras palavras e mais bem explicadinho:

"A gravidade que pretensamente INSISTE, implicaria a queda da pedra, porém, a gravidade que EXISTE (que é percebida) apenas explica tal queda."

Resumindo, a Teoria da Gravitação Universal é uma ferramenta bastante útil para as pessoas exercerem o seu poder sobre a natureza, por isso é uma teoria VÁLIDA. Mas tenha muito cuidado ao afirmar que a pedra cai por causa da gravidade, pois você e seu interlocutor só podem falar, com certeza, das coisas que EXISTEM, e a gravidade que EXISTE não é a causa da queda da pedra e, sim, sua consequência.

Treinando mais uma vez

Este capítulo foi prolixo em criar frases de efeito. Como nas outras vezes, vamos treinar um pouco o uso das novas definições:

"Todo pensamento humano é fruto da CIÊNCIA e, portanto, resulta em ILUSÃO."
"Toda teoria científica, religiosa, filosófica, política ou metafísica é uma teoria CIENTÍFICA."
"A J.E.O.V.A., a teoria completa, é um mito".
"Teoria errada pode dar certo."
"Teorias contraditórias podem estar falando a mesma coisa."
"A Teoria do Conhecimento Babelizável permite a coexistência pacífica de teorias contraditórias."
"A VALIDADE de uma teoria se mede pela sua utilidade."
"As teorias científicas são omissas sobre o surgimento da consciência no UNIVERSO."
"Uma história ou teoria que explique um fato é consequência, e não causa, do fato."

Princípio da Distração Universal

Agora que sabemos que a J.E.O.V.A. não é alcançável, pois uma teoria é uma ILUSÃO e, por isso, incompleta na EXPRESSÃO do FENÔMENO, devemos sempre lembrar que qualquer teoria pode ser aumentada ou complementada, pois sempre faltarão coisas do UNIVERSO que não estarão representadas dentro dela.

Só para exemplificar, irei propor uma extensão à *Teoria da Atração Universal*, para incluir uma parte do FENÔMENO que foi esquecido por Newton.

Segundo se conta, foi vendo uma maçã que caía, que Newton despertou para a *Teoria da Atração Universal*. Ele deve ter pensado:

"O que faz esta maçã cair?"

E acabou criando sua teoria para explicar a queda da maçã.

Mas este acontecimento que preocupou Newton é só metade da história. Parece que em nenhum momento ele cogitou explicar como a maçã subiu antes até a ponta do galho.

Afinal a maçã não estava naquele lugar desde a criação do universo. Ela foi parar lá de algum jeito, alguma força física empurrou aqueles átomos da maçã para cima!

Quando questionado a respeito, Newton dava a explicação tradicional dizendo que tinha algo a ver com a VIDA ou com Deus.

(como se queda também não tivesse a ver!)

Esta omissão de Newton marcou toda a sua teoria de maneira característica e irreparável e se propagou por todas as teorias que nela se inspiraram. Tornaram-se teorias aleijadas ou manetas.

Uma evolução da *Teoria da Atração Universal* é a Termodinâmica. Nesta descobriram-se duas leis fundamentais. A primeira lei da Termodinâmica, *Lei da Conservação de Energia*, é fácil de se entender, é mais ou menos a *Lei de Lavoisier*, que diz que na natureza nada se cria nada se perde, tudo se transforma, misturada

com a equação de Einstein de conversão de massa em energia. Esta 1ª Lei nada mais é que uma afirmação da INSISTÊNCIA da VIDA e do Ciclo VITAL.

Já a segunda lei da Termodinâmica é problemática. É aquela que fala de entropia. Segundo esta lei:

"Em sistemas fechados a entropia sempre aumenta";

que para os leigos significa que a confusão ou bagunça no universo sempre aumenta espontaneamente ou que os desequilíbrios da distribuição de energia tendem a desaparecer.

Esta é uma lei probabilística, o que quer dizer que funciona apenas *'em média'* e é a única lei física que conheço cuja expressão algébrica não tem um sinal de igual. No seu lugar aparece um sinal de maior, evidenciando sua deformação herdada da omissão de Newton, pois só fala de um lado do Ciclo VITAL (a desordenação).

Entendo que esta *2ª Lei da Termodinâmica* possui vários problemas. Por exemplo, o tal *'desaparecimento dos desequilíbrios da distribuição de energia'*, quando levado a extremos, conflita com a *Teoria dos Quanta* e seu *Princípio da Exclusão* de Pauli. Esta *2ª Lei da Termodinâmica* para sistemas físicos é mais ou menos como a BABEL para a comunicação verbal. No final, tudo vira confusão.

Já o conceito de *'sistemas fechados'* é bastante sutil e é válido para coisas sem regras de agregação ou ordenação. As experiências que justificam a *2ª Lei da Termodinâmica* são sempre teóricas, pois nunca é possível fechar um sistema de forma absoluta, de maneira que

o único sistema totalmente fechado possível seria o próprio UNIVERSO, que nós sabemos estar cheio de VIDA e de MOVIMENTO também ordenador, segundo o Ciclo VITAL.

Defensores da 2ª Lei costumam falar que o Sistema Solar, se isolado do resto do universo, seria um exemplo de como podem surgir seres vivos e organizantes dentro de um sistema isolado, mas que isto não significa uma diminuição da entropia. O Sol está consumindo seu combustível para sustentar a vida e, mais cedo ou mais tarde, irá se apagar, inviabilizando qualquer vida dentro do sistema. Eles simplesmente se esquecem que o Sistema Solar não pode ser isolado do resto do universo. E a tal radiação de fundo? Sem ela e sua temperatura atual de 3° Kelvin, nada garante que as constantes universais continuem constantes, com os mesmos valores e relações e, mudando seus valores, sei lá o que pode acontecer. Na própria *Teoria do Big Bang*, existe a hipótese do universo voltar a se contrair e retornar ao começo, em total oposição à *2ª Lei da Termodinâmica*..

As condições que afetam e regulam a agregação de partículas — chamadas de estericidade quando as partículas são moléculas — e que explicam o surgimento da vida na Terra segundo a *Teoria da Sopa Biológica*, estão em flagrante desacordo com a 2ª Lei, pois facilitam a ordenação espontânea de sistemas, ou modificam a distribuição de probabilidades de ocorrência de estados caóticos. Desta forma, uma ordenação ocasional resiste em se dissolver e pode estimular ou catalisar o surgimento de um estado mais ordenado ainda.

A Termodinâmica, bem como a *Teoria da Atração Universal*, sofre do cacoete de sempre esquecer o papel do observador ou da parte viva que interage na experiência.

Quando se põe uma porção de bolas teóricas ordenadas num saco teórico e se dá uma sacudidela para que elas naturalmente se misturem, sempre se esquece que a sacudidela foi dada por um ser vivo e, só por isto, é possível a experiência. Se ninguém der a tal sacudidela as bolas vão ficar em seus lugares sem nunca se misturar e sem nunca aumentar a entropia. Se o universo respeitasse apenas a direção de evolução sugerida pela *2ª Lei da Termodinâmica* nunca surgiria, por evolução, um observador para sentir o *'cheiro do Pum',* fazer o experimento e, depois, ficar falando bobagens porque esqueceu-se de olhar para si próprio.

Assim, proponho que seja desenvolvida uma teoria que explique a metade do FENÔMENO esquecida por Newton e pela *Segunda Lei da Termodinâmica,* aquilo que acontece antes da maçã cair ou antes de se fechar um sistema que possua MOVIMENTO, ou VIDA, internamente.

Esta teoria, que seria complementar da *Teoria da Atração Universal*, estaria baseada no *Princípio da Distração Universal,* que também não passa de uma reafirmação do Ciclo VITAL, e que teria o seguinte jeitão:

> *"No UNIVERSO, tudo por onde a VIDA passa, se atrai e se distrai continuamente."*
> *(mais ou menos como a maioria de nós ao ler este livro)*

CAPÍTULO 6

História: Onde está o Caminho?

Texto: EU

For what is a man? What has he got?
If not himself, then he has not.
Paul Anka

When you ain't got nothing,
you got nothing to lose.
Bob Dylan

Não sei se destruo ou se edifico.
Não sei se permaneço ou me desfaço.
Não sei, não sei...
Não sei se fico, ou se passo.
Cecília Meireles

É preciso estar atento e forte.
Não temos tempo de temer a morte.
Caetano Veloso

Pois é morrendo que se vive
para a vida eterna.
São Francisco de Assis

Onde está o Caminho ?

(livre adaptação de um "koan" Zen)

Cinco horas da tarde, Genésio resolveu encerrar o expediente no seu escritório de advocacia e ir até o Bar do Mané encontrar seus amigos.

Três Córregos havia crescido muito, mas o tradicional bate-papo de fim de tarde não acabou. Não se jogava mais truco e a conversa ficara mais sofisticada. O ponto de encontro agora era no Bar Castelo de Trás-os-Montes, que ficava na Praça da Discórdia. Sob os arcos do terraço do bar se tinha uma bela vista do Castelo Transparente e isto sempre inspirava uns papos filosóficos ou metafísicos.

Nas mesas do bar era comum Genésio encontrar Agenor e este não perdia oportunidade de tirar sua casquinha, mesmo já tendo passado muitos anos daquela eleição.

— Mas diga lá, Genésio. Me conta, você ainda perde eleição para um Castelo que nem existe?

— Oh, Agenor. Vê se não me amola. Naquela época eu ainda era frangote, sem experiência.

— Quer dizer que agora o Castelo Transparente já existe?

— Depois de viajar muito por aí, acabei descobrindo que muita cidade tem seu Castelo Transparente. É uma cidade

que fica famosa por causa da qualidade das águas e atrai os turistas que vão lá para se desintoxicar. Noutra cidade é a qualidade do ar e, de novo, lá vão os turistas para aliviar o 'stress'. Em outras é um bom time ou um milagre ou obras de arte que são o centro das atrações.

— Esta lista vai longe — aduziu Dr. Pedro, o ex-deputado, conhecedor de muitas cidades — Tem cidades que ficam conhecidas por serem entreposto comercial. Todo mundo vai lá porque se diz que lá tem de tudo. Se, chegando lá, não se encontra o que se quer, não faz mal, o pessoal compra qualquer coisa parecida e volta satisfeito fazendo propaganda.

— Pensando bem — Genésio continuou — é difícil encontrar uma cidade que não tenha o seu Castelo Transparente.

— Ora poish — se intrometeu seu Manoel — precisávamos criar uma Festa da Uva ou da Cerveja, como tem em outras cidades, para trazer turistas alegres e beberrões. Estes que vêm aqui só gostam de discutir nos palanques e gastam muito pouco com bebida!

— Estás reclamando de barriga cheia, oh Manuel. Tu estás mais rico que teus primos lá da terrinha — gracejou Genésio.

Como não podia deixar de ser, o papo de falta de dinheiro sempre reaparecia. Todos tinham se dado bem com o crescimento da cidade, mas a ambição deixava as pessoas sempre insatisfeitas. Como Agenor não gostava de ficar ouvindo lamentações, bronqueou:

— Pô, Manoel! Você, e mais uma porção de gente por aí, vivem reclamando da falta de dinheiro, de não sei quantos 'milhão de dólar'. Há dez anos Dólar era apenas o nome do cavalo do Pedro. Todos vocês suspiravam sonhando construir um hotelzinho campestre no Mangue para trazer alguma grana para Treiscórgo. Hoje, taí, na Cidade Náutica tem o Grande Hotel Ecológico de Três Córregos e Quatro Estrelas, e tem o Clube de Pesca. Todo mundo enricou e continuam reclamando...

— Quanto mais tem mais qué. O zome tão sempre insastisfeito — concordou Tonico, o artesão, que sempre se colocava do lado de Agenor em qualquer discussão.

— A ambição faz as pessoas sempre quererem mais e, por isso, é o grande motor do desenvolvimento. — disse Dr. Pedro, sempre pragmático.

— Quando usada com parcimônia, né Pedro? A ambição quando usada em exagero deixa o ser humano sempre apressado, sem tempo para perceber a vida, meio cego para a beleza. Como disse o Tonico, sempre 'insastisfeito' — alguém falou.

Pronto, Agenor conseguiu o que queria. Mudou o papo de especulações financeiras para especulações filosóficas, que tanto gostava. Genésio entrou na onda:

— Dia desses eu tava lendo um livro, do tipo Pensamento Positivo, que dizia que é a gente mesmo que cria nossas insatisfações e põe barreiras para encontrar o caminho da autorrealização ou da felicidade.

— É isso mesmo. O Caminho está diante de nossos olhos. — disse Agenor, puxando a 'sardinha' para o papo que gostava.

— Só que ninguém consegue vê. Esse tal Caminho mais parece o Castelo Transparente. — apoiou Tonico.
— Ih! Lá vem história, vai começar tudo outra vez. Será que vou ter que engolir mais essa? Primeiro foi o Castelo Transparente, agora é o Caminho Que Ninguém Vê — alguém disse rindo.
— Em matéria de ver coisas invisíveis, o Agenor aqui ó, é mestre! Vamos, diga lá, Agenor.
— O Caminho é para a gente como o Castelo Transparente é para Treiscórgo. É através deles que as coisas acontecem. Realmente ninguém vê o Caminho, Tonico, mas o problema não está no Caminho, está nas pessoas que estão cegas para ver o Caminho.
— Cegas como, Agenor? O que você quer dizer com isso?
— Cegas, como aquelas pessoas que tentam explicar que o Castelo Transparente não pode ser construído, pois não existem tijolos transparentes. Não é por aí, não é com esse tipo de razão que se vê o Castelo nem o Caminho. Todos nós vemos o mundo dividido em pedaços separados, dizendo que isto sou Eu, aquilo é Você e aquilo outro é o copo de cerveja e que nós bebemos a cerveja para matar a sede. Tudo tem sua causa. Tudo bem arrumadinho como num quebra-cabeça bem montado. Mas são estas figuras que enxergamos que nos impedem de ver a realidade inominada que está por trás desse quebra-cabeça. É dentro desta realidade que está o Caminho. Não se pode vê-lo quando se está preso às nossas ilusões.
— Você está falando como um iogue, Agenor. Quer dizer que o Caminho está escondido para nós. Mesmo porque, se

não estivesse, todos o veriam e ninguém precisaria perguntar por ele, né? Como alguém pode fazer para ver o Caminho, Agenor?

— Deixando de dividir o mundo em partes, Genésio. Deixando de colocar rótulos nas coisas, por exemplo me chamando de iogue. Deixando, principalmente, de chamar alguma coisa do mundo de Eu ou de Você.

— Do jeito que você fala parece que é muito fácil. Você quer dizer que quando não tem o Eu e o Você e tudo o mais, então se pode ver o Caminho?

— Genésio, quando não tem um Eu ou um Você, quem é que quer ver o Caminho?

EU

Palavras-chave: EU, EGOÍSMO, CONSCIÊNCIA

Até aqui, neste livro, abordei vários aspectos ligados ao ato de observação. Falei do objeto observado, da VIDA, do UNIVERSO e do FENÔMENO. Expliquei como se observa por meio da IMAGEM, da CIÊNCIA, da ILUSÃO e dos NOMES. Alertei para os enganos da observação distraída anunciando a BABEL. Até sobre o significado da questão, a EXISTÊNCIA, foi falado.

Resta, então, falar de uma última entidade sempre necessária para o ato de observação se completar, que é justamente:

"Quem é o observador?"

Esta é fácil responder. O observador é sempre alguém, certo? Por isto vou logo dando um NOME a esse alguém.

EU - É aquilo que um ente observador vê quando olha para o próprio observador.

Definido desta forma, o EU é o NOME que um observador dá a si próprio e, portanto, é algo que está no NÔMENO. Por isso, e só por isto, o EU EXISTE. É aquela história do: 'EU Penso, logo EU EXISTO'.

E quanto à INSISTÊNCIA do EU? O EU INSISTE?

Vimos, no final do capítulo 4, que a frase: 'Penso, logo EU INSISTO', é uma simples redundância que não nos permite concluir se EU INSISTO mesmo ou não. A conclusão não passa de uma pressuposição contida no 'EU' oculto do primeiro verbo que, por sinal, podia ser qualquer outro, como respiro, ando, etc.

A conclusão disto tudo é que é fácil saber que EU EXISTO, pois EU penso em MIM, mas não é possível saber se EU INSISTO, ou seja, não dá para saber se EU ocupo algum lugar dentro do FENÔMENO, ainda que a VIDA passe por MIM.

Sonhando a si próprio

O negócio piora mais quando lembramos que o FENÔMENO é indivisível, que dentro do FENÔMENO está tudo fundido num só amálgama. Lá dentro não tem uma parte independente separada do resto, devidamente embrulhada, isolada e etiquetada, avisando que sou EU.

NÓS EXISTIMOS no NÔMENO exclusivamente. SOMOS uma ILUSÃO, pois, como já vimos, tudo que EXISTE é ILUSÃO.

Isto que acabo de afirmar não tem nada de excepcional. Ruim seria se concluíssemos que *'SOMOS ilusão'*. Porém já foi visto que uma ILUSÃO só se torna ilusão quando nos esquecemos que é uma ILUSÃO — que está em nossas mentes — e passamos a acreditar que é a VERDADE.

A VIDA vai passando no UNIVERSO, separando e juntando as coisas, cumprindo o Ciclo VITAL e, em meio a isso, de alguma forma misteriosa, aparece um pensamento pensando que sou EU.

É como um sonho que sonha a si próprio.

Para quem acha esta EXPLICAÇÃO absurda, repare que ela não é nem mais nem menos fantástica que as teorias do *Big Bang*, da Sopa Biológica, da Geração Espontânea, dos Quatro Elementos ou da própria história de Moisés. Todas histórias cheias de mágicas. Como disse Teilhard de Chardin, também citado por Pauwels e Bergier no livro *O Despertar dos Mágicos*:

> *"Na escala do cósmico, só o fantástico tem probabilidade de ser verdadeiro."*

O que tem demais dizer que somos um sonho que sonha a si próprio? Afinal já sabemos que:
"um sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só."

Que rolo, hem?!

Ainda bem que eu sei que a VERDADE nunca pode ser dita e não preciso me preocupar se tudo isto que foi dito está certo ou não. Novamente, por conhecer a BABEL, me liberto das dúvidas existenciais.

Afinal, quem sou EU?

Para amenizar um pouco a confusão que criei vou lembrar-lhes de um detalhe sutil, quase capcioso, que talvez tenha lhes passado despercebido.

Para o observador ver a si próprio, é necessário que ele tenha tido CIÊNCIA de algo, o EU, separado

do resto. Portanto, ao se ter a ILUSÃO do EU, automaticamente sobra o resto, que é o fundo da IMAGEM de onde separamos o EU. Assim, posso definir:

RESTO - É o NOME de tudo que não sou EU.

Pronto, ficou bom. Agora o EU e o RESTO são noções mentais complementares mutuamente geradoras, o que quer dizer que EU e RESTO são duas outras DIMENSÕES do UNIVERSO.

Assim fica melhor, não é? Deixei de ser uma coisa concreta dentro do FENÔMENO, mas virei uma DIMENSÃO do UNIVERSO.

(Meno male!)

Melhor ser uma DIMENSÃO do UNIVERSO que apenas uma mera ILUSÃO; me faz sentir menos nu. É, mas o fato de EU ser uma DIMENSÃO do UNIVERSO não muda o fato de EU ser uma ILUSÃO. Pode ir procurar lá no capítulo 3, que você vai ver que qualquer DIMENSÃO também é uma ILUSÃO.

Porém, você pode continuar se sentindo nu, sem sentir vergonha, porque agora não tem ninguém olhando para você e, além disso, quem está nu não é mais você, é apenas o seu EU, que é uma ILUSÃO, uma compreensão de SI.

Vendo a si próprio

Ter ciência de SI próprio é uma característica marcante do ser humano que o diferencia dos demais animais. É tão marcante esta característica, que me atrevo a sugerir que se mude a denominação biológica do ser humano da pretensiosa e bem pouco precisa:

Homo sapiens sapiens,

para uma denominação que me parece mais justa e descritiva, como:

Homo scientis ego.

Isto me parece suficiente para distinguir o ser humano dos animais, ditos irracionais, pois me parece que estes possuem capacidade de fazer CIÊNCIA, mas como não têm capacidade de atribuir NOMES, não conhecem o EU.

Todos nós — humanos capazes de ler este livro — temos ciência, ou CIÊNCIA, e consequente ILUSÃO do nosso EU. Na verdade, essa CIÊNCIA do EU é bastante frequente. Sempre que falo que *'estou com fome'* ou *'minha blusa é azul'* tenho CIÊNCIA de MIM, isto é, estou DENOMINANDO por EU uma parte extraída da IMAGEM que tenho do UNIVERSO.

A CIÊNCIA de SI mesmo é um fato bastante importante para o nosso papo e, para simplificar, vou dar um NOME a esta mania ou vício que temos de nos autoDENOMINAR:

EGOÍSMO - É a repetitiva prática de se ter CIÊNCIA e ILUSÃO de si mesmo. É um tipo especial de CIÊNCIA, quando o observador percebe e DENOMINA o EU.

Esta definição diz que EGOÍSMO é uma forma particular de CIÊNCIA, quando o observador percebe e dá NOME ao EU.

Como já disse, o EGOÍSMO é uma prática peculiar e frequente do Ser Humano e pode ser notado na maioria das falas de qualquer um de nós.

Mas não confunda EGOÍSMO com egoísmo. Dependendo do que você entenda por egoísmo, este é muito menos frequente que aquele. Frases do tipo *'estou com fome'* ou *'minha blusa é azul'*, que não são tachadas de frases egoístas, são frases EGOÍSTAS pois apoiam-se em alguma CIÊNCIA do EU.

Meus diversos EUS

O EGOÍSMO, ou CIÊNCIA do EU, pode variar muito de pessoa para pessoa e, até, dentro da própria pessoa.

O materialista, daquele tipo comentado no capítulo 2, pode se ver apenas como um corpo físico, composto por moléculas, que de algum jeito está vivo, inspirando e expirando, comendo e evacuando sem parar. Já um espiritualista talvez se entenda como algo mais, como um espírito aprendiz que, no momento, constrói e habita este corpo.

Alguns psicólogos dizem que o EU de uma criança recém-nascida ainda se mistura com a Mãe. Enfim, os limites do EU podem ser diferentes para cada um de nós e variam ao longo de NOSSA EXISTÊNCIA.

Juntando as definições que dei de EU e de EGOÍSMO à *Teoria do Conhecimento Babelizável,* que permite a convivência pacífica de teorias ou visões contraditórias, podemos compreender porque EXISTEM tantas maneiras das pessoas se autoperceberem. Na verdade, estas maneiras diferentes são apenas pontos de vista diferentes para a salutar prática do EGOÍSMO.

Péra lá! Será que isto quer dizer que posso ME mudar simplesmente mudando o ponto de vista do qual ME vejo?

Sem dúvida pode, mas não é tão simples assim. Lembre-se do Quarto Pilar da BABEL, a subjetividade da ILUSÃO, que utiliza a nossa HISTÓRIA PESSOAL e que tende sempre a ter um mesmo fechamento da IMAGEM, sempre uma mesma ILUSÃO do EU — *quem ME vê, jamais ME esquece*, ou melhor ainda, *quem SE vê, jamais SE esquece*.

Se, para praticar a mudança de ponto de vista a respeito de outras coisas, se encontra resistência nas pessoas, a prática de mudança de ponto de vista a respeito do EU encontra resistência muito maior.

De certa forma, pode-se dizer que alguns tratamentos psicanalíticos tentam mudar o ponto de vista pelo qual o paciente SE enxerga. Procuram fazê-lo deixar de se ver como um ser repugnante, que odeia o pai ou a mãe e fazê-lo se ver como um ser normal sem maiores problemas, superando as experiências (os traumas) que o levaram a ter sempre aquela mesma ILUSÃO de SI, repetitiva e desgastante.

Os psicanalistas sabem como é difícil fazer alguém mudar de ponto de vista sobre SI mesmo. Não adianta você explicar para a pessoa que ela não é aquele monstro, porque o Quarto Pilar da BABEL está lá, firme e forte, repetindo sempre a mesma ILUSÃO dentro daquela cabecinha.

No capítulo 4, propus um exercício de mudança de ponto de vista a respeito de coisas como *'o valor do dinheiro'* e o *'Castelo Transparente'*. Agora vou propor outro exercício de mudança de ponto de vista, só que a respeito de NÓS próprios.

É um exercício facilzinho, gostoso e, até se pode dizer, engrandecedor. Muitas pessoas já o têm praticado por conta própria e, ao final, você verá, com clareza, o porquê da sensação de engrandecimento, bem próximo da *'união mística'* (*iôga*) com a VIDA.

Seres coletivos

Vamos passo a passo. Primeiro, gostaria de dar uma desviada no assunto para introduzir uma nova classe de seres vivos, os *Seres Coletivos*. Depois, você vai entender o porquê.

Na biologia EXISTE a classificação (CIÊNCIA) dos seres vivos em Animais e Vegetais. Esta classificação é bastante útil, ou seja, VÁLIDA para a maioria dos estudos, mas em certos casos, cria complicações. Dizer que seres vivos são aqueles que se reproduzem e que animais possuem locomoção própria não basta para

conseguirmos classificar qualquer ser que se encontra por aí. Os vírus, os fungos, os líquens, as algas resistem a uma classificação assim simplificada.

Em especial, estou preocupado com uma outra categoria de seres vivos peculiares. Por exemplo, uma formiga operária. Normalmente ela é classificada como um ser vivo animal, mas isso pode causar um problema.

A formiga operária não possui órgão reprodutor, ela não pode participar de sua própria reprodução. Se uma formiga operária morrer, a reprodução de sua espécie não será prejudicada. Em outras palavras, pela classificação simplificada, a formiga operária sozinha não seria um ser vivo, já que não tem capacidade de reprodução.

Assim como o meu fígado, o meu coração e o meu órgão genital não podem se reproduzir sozinhos sem o resto do meu corpo e de mais um corpo completo de um parceiro do outro sexo, as formigas operárias, as formigas soldados e a formiga-rainha (esta sim possui um órgão reprodutor) não podem se reproduzir sozinhas, umas sem as outras e sem o próprio formigueiro, que cumpre o papel de útero para as larvas.

Em conclusão, devemos mudar nosso método de classificação para poder incluir a formiga entre os seres vivos. A minha proposta é que se crie uma outra categoria de seres vivos, os seres coletivos.

Passemos a entender que quem se reproduz é o formigueiro. Este sim, desde que em um meio propício,

pode crescer e se reproduzir, cruzando com outros formigueiros, ou por autofecundação, numa reprodução sexuada similar às plantas e até mais aperfeiçoada, pois seu equivalente ao *'pólen'* possui asas e não precisa ficar esperando que o vento ou outro inseto venham auxiliar na fecundação. As formigas operárias, soldados e rainha são como células ou órgãos do corpo do formigueiro. Órgãos, sim. Órgãos móveis mas apenas semiautônomos, que dependem simbioticamente uns dos outros para manter vivo o ser coletivo, o formigueiro.

O instinto de reprodução de uma formiga operária é meio distorcido. Ele resulta exclusivamente em levar alimento para a prole da rainha. Ela não tem outra opção, ela não tem livre-arbítrio.

Já numa formiga soldado, esquisito é o instinto de sobrevivência. Assim como os nossos glóbulos brancos, ditos seres vivos, não têm outra opção senão atacarem células estranhas ao organismo, mesmo sob risco de se intoxicarem e morrerem. Se uma formiga soldado tiver que enfrentar um inimigo maior e mais forte, ela enfrenta, sem se ater à sua sobrevivência, pois o relevante é a sobrevivência do formigueiro. Vão-se os anéis, ficam os dedos.

Porém, no formigueiro pode-se identificar, plenos, os quatro instintos básicos dos seres vivos, segundo Pavlov: a sobrevivência, a segurança, a reprodução da espécie (formigueiro) e a estabilidade.

A colmeia, com suas abelhas, é um outro exemplo claro de ser coletivo. Note bem, seres vivos

coletivos são as colmeias e os formigueiros e não as abelhas e formigas.

Alguns biólogos já propuseram criar uma classificação que considere a colmeia e o formigueiro como seres vivos. No entanto, outros biólogos resistem a esta ideia e até este momento eu não conheço nenhuma outra regra de classificação que, se usada com rigor, inclua a formiga operário como ser vivo, já que esta não participa com contribuição genética à reprodução e evolução de espécie nenhuma.

A Hipótese de Gaia

E que tudo isso tem a ver com o EU?

Espera aí... Esse papo todo de seres coletivos foi só para preparar o ambiente para aquele tal de exercício de mudança de ponto de vista a respeito do EU.

Não é nada complicado. *A Hipótese de Gaia*, já citada no capítulo 5 e que tem ganhado um grande número de adeptos, diz que a Terra é como um ser coletivo, um ser vivo coletivo, autoprodutor e, quem sabe, até reprodutor, se conseguir, quando estiver *'madura'*, colonizar outros satélites e planetas, atirando sementes daqui para lá. Esta Terra viva recebe o nome da deusa grega que a simbolizava: Gaia.

Todos os cientistas de hoje e os ecologistas já sabem que o ser humano tem que preservar a Terra, senão ele próprio morre. A consciência ecológica está crescendo de forma irreversível e acabará alcançando

todos os seres humanos, com mais ou menos intensidade, mais cedo ou mais tarde, porque os que a ela hoje resistem ou ignoram um dia morrerão e seus filhos ou netos acabarão atingidos ou contaminados pelo pensamento ecológico.

O exercício de mudança de ponto de vista sobre o EU consiste apenas em conseguir enxergar que a Terra toda faz parte do SEU corpo, ou que você faz parte do corpo de Gaia. Assim como você não sobrevive sem seu rim, seu pulmão ou sem seu coração, que reciclam o seu sangue e levam oxigênio para suas células internas, você também não sobrevive sem as plantas que reciclam o oxigênio que entra em seus pulmões, ou sem as chuvas que reciclam a água que você bebe.

Pode-se entender que, de algum jeito, todas estas coisas fazem parte de seu corpo, pois sem elas fica faltando um pedaço do sistema que faz você funcionar, sem elas você não EXISTIRIA. Você na Terra é como uma formiga no formigueiro. É este que se reproduz, e nós somos como órgãos móveis e semiautônomos desse ser maior, Gaia, a Terra viva.

Viu como é fácil?!

Se você ainda não conseguiu, tente de novo que dá. Pense que toda evolução cultural da humanidade foi no sentido de surgir a consciência ecológica no momento apropriado e que esta consciência não é individual, nem surgiu por mero acaso. Ela só funciona se for coletiva. Ela não está na minha mente ou na sua.

Ela é um sonho coletivo inevitável e necessário neste momento, faz parte da *'mente'* de Gaia (ou da Terra). É sinal de que a Terra está se autocuidando, como já o fez ao produzir os animais para reciclarem o oxigênio produzido em excesso pelas plantas nas priscas eras, lá por volta do quinto Dia.

Visto assim, meu EU verdadeiro é a Terra inteira. O EU é Gaia!

Conseguir esta mudança de ponto de vista do EU não dá uma sensação de grandeza?

A Hipótese de Hélio

Dá, né?

Mas é só sensação, viu?

Estas mudanças de ponto de vista sobre o EU só mudam a ILUSÃO que temos de nós mesmos, mas continua sendo uma atitude EGOÍSTA.

E não há nenhuma nobreza em ser EGOÍSTA.

Por exemplo, quando um ecologista defende a preservação da atmosfera e dos mares, ele não está se preocupando com a VIDA do UNIVERSO, pois esta não precisa de nossa ajuda.

Como disse no capítulo 1, as dunas não podem fazer o Vento parar. O ecologista está é preocupado com a vida no planeta Terra, com a vida do SEU ser coletivo, enfim ele quer é preservar a SUA própria espécie, Gaia. E isto é ser EGOÍSTA.

É por ser EGOÍSTA, por ter CIÊNCIA de algum EU, ainda que maior, que a Hipótese de Gaia, apesar da

sensação de grandeza que nos provoca, não consegue completar a *'união mística'* com a VIDA, pois enquanto enxergarmos um EU e o RESTO, dividiremos a VIDA e, dividindo, a gente não une.

A *'união mística'*, ou seja, a ação de religarmo-nos ou unirmo-nos à VIDA, que é o que tentam a Religião (religação) e o Iôga (união), nunca poderá ser obtida com uma atitude EGOÍSTA.

Não adianta aumentar o tamanho do MEU corpo se eu continuar dividindo a VIDA em EU e RESTO.

Por exemplo, compreendendo que o Sol é fundamental para manter a vida de Gaia, posso criar a *Hipótese de Hélio* (Sol), na qual o Sistema Solar passa a ser entendido como um ser vivo coletivo, ainda em início da sua autoprodução. São o Sol e a Lua que sustentam e participam ativamente de todos os ciclos de energia, do ar à da água aqui da Terra. Os animais e as plantas nada mais seriam que células ou organelas deste ser maior ainda, Hélio.

As Hipóteses de Gaia e de Hélio podem ser VÁLIDAS para que se desenvolva uma nova Ciência para a criação e o desenvolvimento de novos ambientes habitáveis em outros planetas, reproduzindo, assim, Gaia e Hélio.

Não existe o mito arquetípico de que seres de outros lugares do universo vieram à Terra plantar suas sementes? Quem sabe não possamos nós participar deste processo que é espalhar a VIDA pelo universo, sendo o próprio VERBO?

Novamente tenho uma sensação de grandeza, mas, ainda assim, a VIDA continua dividida pelo EGOÍSMO.

Certamente morrerás

Bom, e daí? Se isto é ser EGOÍSTA, que mal há nisto?

Mal nenhum... desde que você não esqueça que EGOÍSMO é um caso particular de CIÊNCIA e que o EU, gerado pelo EGOÍSMO, é uma ILUSÃO. Sinta-se, você, como um corpo material, como um espírito aprendiz ou como Gaia, é tudo EGOÍSMO e ILUSÃO.

Quando não conhecemos ou nos esquecemos o que é ILUSÃO, passamos a acreditar que nossas ILUSÕES são VERDADE, todas nossas ILUSÕES viram ilusões, o EGOÍSMO vira egoísmo, o 'EU EXISTO' se torna 'eu existo' e a VIDA eterna se parte em vida e morte.

(se você não entendeu bem este último parágrafo, tente reler as definições das palavras em maiúsculas no Glossário)

O EGOÍSMO provoca a CIÊNCIA de MIM e, por consequência, da MINHA vida e da MINHA morte. Se EU não souber que a vida e a morte também são ILUSÕES, duas outras DIMENSÕES da VIDA, passarei a ter ilusão de que morrerei e deixarei de perceber a VIDA eterna.

Vou definir mais duas novas palavras para indicar o que passamos a enxergar quando acreditamos que vida e morte realmente existem, ou quando

esquecemos que a INSISTÊNCIA da vida e da morte, como de qualquer outra coisa, é mera suposição.

BEM - É tudo que ajuda a preservar o EU.

MAL - É tudo que prejudique a manutenção do EU ou do EGOÍSMO. Tudo que possa provocar MINHA morte.

Quando acredito que vida e morte existem, fico angustiado, lutando contra tudo que possa levar à minha morte, o MAL e procurando ganhar e acumular tudo que preserve o EU, o BEM.

Só para poder criar mais uma 'frase marcante' vou dar um NOME a este efeito de transformar ILUSÃO em ilusão que acontece quando passamos a acreditar que uma ILUSÃO é VERDADE, ou quando desconhecemos o que é ILUSÃO:

COMER-O-FRUTO-DA-ÁRVORE - Desconhecer ou esquecer o que é a ILUSÃO, passando a ter ilusão.

Já está na cara qual vai ser minha nova '*frase marcante*':

> *"Se COMERDES-O-FRUTO-DA-ÁRVORE da CIÊNCIA do BEM e do MAL certamente morrereis." (Que legal! Eu estou quase conseguindo escrever uma frase só com palavras em maiúsculas!)*

As consequências de um ato impensado como este, de COMER-O-FRUTO-DA-ÁRVORE da CIÊNCIA do BEM e do MAL, vêm em cascata e são desastrosas.

Do EGOÍSMO resulta o nascimento do EU. COMER-O-FRUTO transforma o EU (uma simples

ILUSÃO) em *'eu'* (uma ilusão), e traz o consequente conhecimento (CIÊNCIA) da própria morte, do BEM (que preserva o eu) e do MAL (que agride o eu).

Quando nasce o *'eu',* ou quando passo a acreditar que *'eu existo e eu morro'* — em geral o nascimento do eu psicológico ocorre num parto longo entre a infância e adolescência —, ocorre a perda da percepção da VIDA eterna, pois certamente morrerei. Esse nascimento ou parto pode ser chamado de *'expulsão do paraíso'*.

Por conhecer a morte e por ser egoísta, agora com o *'eu'* já nascido, tenho que enfrentar o MAL e defender o *'eu'*, passar a ganhar o pão de cada dia com o suor do meu rosto, sempre contabilizando ganhos e perdas pessoais, agindo como se tudo que preciso já não estivesse disponível, esquecido da frase de Davi:

"O Senhor é meu Pastor e nada me faltará"
ou da frase de Jesus, já citada:
"Olhai para as aves do céu...".

Duas soluções

Como se vê, juntar o EGOÍSMO com o COMER-O-FRUTO-DA-ÁRVORE da CIÊNCIA do BEM e do MAL resulta numa catástrofe que, com certeza, NOS trará a morte. Só duas atitudes podem evitar esta catástrofe: ou deixamos de ser EGOÍSTAS ou deixamos de COMER-O-FRUTO.

Deixar de ser EGOÍSTA, de ter CIÊNCIA de SI, seria a atitude ideal, pois quando não EXISTE

um EU, não tem ninguém para morrer e deixam de EXISTIR o MAL e a morte. Afinal:

> *"quando não EXISTE um EU ou um VOCÊ quem é que quer ver o Caminho?"*.

Mas é muito difícil, contra a natureza do *Homo scientis ego*, deixar de ter CIÊNCIA do EU. Deveríamos viver o tempo todo em 'união mística' com a VIDA, com o EU fundido ao RESTO, com o EU do tamanho do UNIVERSO (*Hipótese de Brahman*). Desligar a matraca em nossa cabeça, cá entre nós, não é fácil.

Einstein, em seu livro Como vejo o mundo, diante da questão *"Como julgar um homem?"*, responde:

> *"De acordo com uma única regra determino o autêntico valor de um homem: em que grau e com que finalidade o homem se libertou de seu EU (sic)?"*

Já a segunda solução, para o problema da *'expulsão do paraíso'*, não é tão eficiente quanto deixar de ser EGOÍSTA.

Essa segunda solução consiste em deixar de COMER-O-FRUTO, ou seja, não esquecer nunca que SOMOS apenas uma ILUSÃO, estar sempre lembrando que SOU um sonho que sonha a SI próprio, que EU EXISTO e não que eu existo. Deveremos estar atentos, lembrando que aquilo que percebemos é apenas uma CIÊNCIA do EU ou do RESTO.

Esta lembrança constante deverá estar sempre ao lado de qualquer CIÊNCIA que eu tenha, para me lembrar de que o que estou vendo, tendo ciência, é uma ILUSÃO.

Posso, agora, dar um NOME a esta segunda *'telinha'* que devemos ter em nossas cabeças, ao lado de cada IMAGEM e de sua respectiva CIÊNCIA.

Com o radical *'com'* (significa **'ao lado'** ou *'junto a'*), defino:

CONSCIÊNCIA - É uma percepção paralela e simultânea a qualquer CIÊNCIA, que nos lembra que uma certa ILUSÃO não é a VERDADE.

Essa definição de CONSCIÊNCIA não combina com vários conceitos de consciência que correm soltos por aí. Mas, também, não fui eu o primeiro a pensar nestes termos. Escolas e mais Escolas ou Tradições de Pensamento possuem definições semelhantes à minha, é só procurar que você encontrará várias delas. Vou lembrar apenas os discípulos de Gurdjieff, que dizem que devemos constantemente estar Atentos ou CONSCIENTES para permanecermos despertos, e a *Inhana Iôga* (*Jñana Yoga*), a *'união pela consciência'*.

A figura 6.1, apresentada a seguir, ilustra a CONSCIÊNCIA, a segunda 'telinha'.

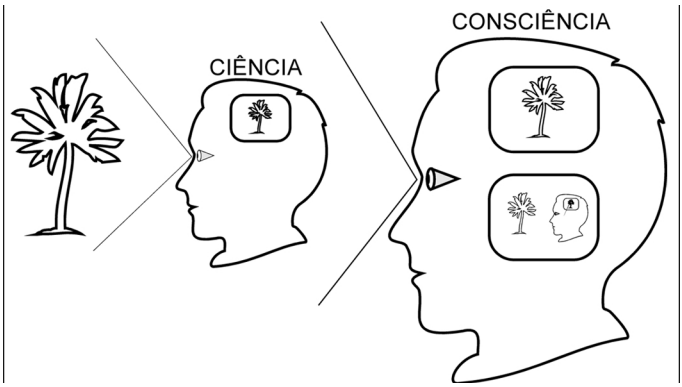


Fig. 6.1 - CIÊNCIA x CONSCIÊNCIA

A CONSCIÊNCIA junto à prática constante de mudança de pontos de vista de CIÊNCIA é uma poderosa arma contra COMER-O-FRUTO e contra o esquecimento da BABEL, tem o poder de nos libertar das armadilhas de Satã ou das *Teias de Maya*.

CIÊNCIA x CONSCIÊNCIA

A presença da *'telinha'* da CONSCIÊNCIA em nossas mentes também tem o poder de alterar a própria CIÊNCIA que temos sobre as coisas observadas.

Teorias construídas por mentes que estejam CONSCIENTES podem ser completamente diferentes - e até contraditórias - daquelas construídas por mentes apenas CIENTES.

Veja a explicação de George Wald, professor de biologia de Harvard, ganhador do Prêmio Nobel, a respeito da sintetização de compostos orgânicos em laboratório, que aparece no seu artigo *The origin of life* (tradução minha):

> *"Até 125 anos atrás a única fonte conhecida destas substâncias (orgânicas) eram os organismos vivos. Os estudantes de química são normalmente ensinados que, quando em 1828, Friedrich Wöhler, sintetizou o primeiro composto orgânico, a ureia, ele provou que os compostos orgânicos não necessitam de organismos vivos para serem feitos. Claro que ele não mostrou nada disso. Químicos orgânicos são seres vivos. Wöhler simplesmente mostrou que eles podem fazer compostos orgânicos tanto externamente quanto internamente."*

Os químicos que se esquecem que estão participando ativamente da sintetização da ureia têm CIÊNCIA, mas não CONSCIÊNCIA, da experiência. Estando apenas CIENTES se concluem que é possível produzir compostos orgânicos sem a presença de seres vivos. Estando CONSCIENTES da experiência se concluem que seres vivos podem produzir compostos orgânicos tanto dentro quanto fora de seus corpos, mas são necessários.

São duas conclusões bastante diferentes e, o que é importante, a conclusão CONSCIENTE não exclui a possibilidade de se desenvolver uma Ciência da Sintetização de Ureia e, até, de uma Fábrica Química de Ureia. Provavelmente uma fábrica criada por um cientista CONSCIENTE será bem mais *'humana'* com seus operários, pois ele sabe que os operários são vivos e necessários e não apenas mercadoria consumível contratada a preço de mercado.

Já a conclusão apenas CIENTE é um passo na direção de COMER-O-FRUTO, quer dizer, induz à crença de que o mundo é mecânico, deixando-se de ver a VIDA que está passando pelo homem operário que organiza e produz a sintetização.

A omissão de Newton e a *2ª Lei da Termodinâmica*, comentadas no capítulo anterior, são o resultado de uma mente CIENTE, mas não CONSCIENTE, de onde só saem teorias mecânicas, que pouco falam da VIDA. Em especial estas só falam da DIMENSÃO *'morte'*.

Neste livro tenho dado alguns cutucões na Psicologia e na Psicanálise. Chegou o momento de dar uma elogiada. A Psicanálise é uma das poucas Ciências que, rotineiramente, leva em conta o papel do observador, o analista, frente ao objeto, o paciente. Com frequência se fala em problemas de transferência e, comumente, o analista se torna um analisado para conhecer os dois lados da experiência. Estas me parecem atitudes CONSCIENTES dos analistas, ainda que a palavra *'consciente'* para eles queira dizer algo completamente diferente.

Renascendo

Vimos que, com o nascimento do *'eu'*, a pessoa é *'expulsa do paraíso da VIDA eterna'*, ou seja, descobre que certamente morrerá.

As duas soluções apresentadas para resolver a questão da *'expulsão do paraíso'*, que são: parar o EGOÍSMO, para evitar o nascimento do EU, ou usar a CONSCIÊNCIA simultaneamente à mudança de pontos de vista, para evitar que se COMA-O-FRUTO e se passe a acreditar que *'eu existo'* ou que o EU se torne *'eu'*, têm ambas a capacidade de impedir o nascimento do eu psicológico que muitos acreditam ser.

Em qualquer uma das duas soluções este eu psicológico desaparece ou morre e se recupera o contato com a VIDA eterna, o que explicaria o pensamento de São Francisco de Assis, se considerarmos a VIDA:

"É morrendo (o eu psicológico) que se ressuscita para a VIDA eterna."

E, para isto, não é necessário que haja a morte do corpo físico.

Não é por acaso que a última e maior provação que Sidarta Gautama teve que enfrentar e vencer, antes de atingir a sua iluminação e tornar-se o Buda, foi confrontar-se com o seu próprio eu, ouvir suas opiniões, lamúrias e pedidos e rejeitá-lo convictamente, negando-se a acreditar na sua existência. Só, então, tornou-se um iluminado…

CAPÍTULO 7

História: A bengala

Texto: O que você quer dizer com isso?

Este caminho, que eu mesmo escolhi,
é tão fácil seguir, por não ter onde ir.
Raul Seixas

E, já que um dia eu montei,
agora sou cavaleiro.
Laço firme, braço forte,
no reino que não tem Rei.
Geraldo Vandré

Tudo é uma questão de manter
a mente quieta,
a espinha ereta
e o coração tranquilo.
Walter Franco

A toda hora,
a todo momento.
De dentro pra fora,
de fora pra dentro.
Walter Franco

A bengala

(outra livre adaptação de um "koan" Zen)

Lá iam os dois velhinhos andando, devagar, pelos passeios sombreados da Praça da Discórdia. As árvores, plantadas há mais de trinta anos, ganharam frondosas copas, por onde só alguns raios de sol conseguiam passar. O ambiente criado ficava fresco e confortável.

Era debaixo dessas árvores que estavam os disputados palanques e, em frente a eles, na sombra, as pessoas ficavam em pé, escutando os discursos que corriam.

Os temas dos discursos eram os mais variados. Política, futebol, poesia, religião. Por costume, aqueles que tinham preferência por algum tema frequentavam sempre os mesmos palanques e, assim, criou-se uma organização informal. Neste canto sempre os políticos de oposição, ao lado dos defensores do governo, depois os ecologistas e os defensores das minorias, mais adiante os evangélicos e, lá do outro lado, músicos e artistas.

Os dois velhinhos iam andando sem pressa e, de vez em quando, paravam em frente a algum palanque para ouvir trechos das palavras, normalmente inflamadas, dos oradores.

"... e é por isso que eu repito: não devemos nos acomodar nas glórias conquistadas. Já faz mais de trinta anos que se construiu o Castelo Transparente, e está na hora desta geração assumir seu papel e trazer sua contribuição a Treiscórgo. Não está tudo azul, como alguns querem fazer parecer. São muitos os nossos problemas, principalmente os de saneamento e criminalidade..."

Os dois velhinhos retomam o passeio.

— *Puxa, trinta anos! Como passou rápido, não Genésio?*

— *É mesmo, Agenor. Que tempos bons foram aqueles!*

— *Bons, sem dúvida. Mas para mim continuam bons.*

Mais adiante Genésio e Agenor ouviram:

"... e com estes dez Postos de Saúde construídos, já está melhor o atendimento à população. Aqueles que reclamam do prefeito são aqueles que não têm visão social, aqueles que tiveram seus interesses egoístas contrariados e por isso mesmo reclamam..."

— *Sempre tem os contra e os a favor. Você tem razão, Agenor. O negócio não mudou quase nada e, se antes eram bons tempos, então estes de agora também devem ser.*

— *Nós sabemos disso, né Genésio? Mas muitos não sabem.*

— *É incrível como as pessoas conseguem ficar insatisfeitas, qualquer que seja a situação em que estejam. Se bem que existem situações realmente incômodas.*

— *Incômodo, Genésio, é não ter ar para respirar e água para beber, o resto é distração. A comida você pode plantar e colher e o teto constrói-se com nossas próprias mãos. Basta ir para um lugar tranquilo e isolado.*

— Mas, e para viver numa cidade? Não dá para fazer assim como você diz.

— Então saia da cidade.

— E vira ermitão? Quase ninguém gosta disso, Agenor.

— Então fique na cidade.

— Mas aí...

Agenor dirigiu um olhar para Genésio e este, então, percebeu que estava apenas fazendo o velho jogo dos insatisfeitos. Não é bom assim e também não é bom assado, continuam respirando e reclamando. Genésio compreendeu que, se continuasse falando, a próxima resposta de Agenor seria: *"Então saia da cidade."*

Caminharam até o próximo palanque e ouviram:

"... com um técnico burro como este não dá mesmo para ganhar jogo nenhum. Que adianta pagar um tremendo salário para um centroavante famoso, se o técnico não sabe nem escalar um time para explorar o estilo dos jogadores..."

— Tá aí. Mais um reclamando.

— E este parece que nem está sabendo dos problemas de saneamento e criminalidade!

Continuaram a caminhar. Agenor levantou o olhar para uma árvore, respirou fundo e apontou sua bengala para um beija-flor. Chamando a atenção de Genésio, disse:

— ... eles não semeiam nem segam... não tecem nem fiam...

— ... não reclamam e nada lhes falta. — completou Genésio.

Caminhando, chegaram ao palanque do pregador.

"... Ai daqueles que não me escutam. O Poder de Deus é maior e os alcançará. Quem não se arrepender será condenado ao fogo eterno. Porque a verdade está aqui, neste Livro nas minhas mãos, na Bíblia Santa e Sagrada. E está escrito: vinde a mim, pois sou a Verdade e a Vida. Deixai de lado as vaidades do mundo, arrependei-vos e começai a difundir estas minhas palavras ..."

— Escuta só, Agenor. Esse está sempre dando bronca e ameaçando. É gozado como ele consegue misturar palavras que falam de amor ao próximo com uma atitude agressiva, que transmite rancor.

— O que acho interessante, Genésio, é que algumas dessas frases são tremendamente significativas, profundas. Mas do jeito que ele as coloca fica confuso e perdem todo o seu valor. Dá a impressão que o pregador intui que estes pensamentos têm algum valor, mas ele mesmo não os compreende.

"... hare krishna, krishna krishna, hare rama, hare hare..."

Os *'hare krishna'* se colocavam, estrategicamente, bem entre os palanques dos evangélicos e os dos músicos.

Logo adiante estava o palanque dos poetas.

"Há sempre um fantasma nas casas por onde passo.
Oh, Nume Sagitário,
És tu que vens lamber as páginas dos meus livros?..."

— Sabe, Agenor, cada um vê o mundo do seu jeito e vive dentro desse mundo, quer dizer, dentro do mundo deles. Eu mesmo... Se lembra como eu brigava com você por causa do Castelo Transparente? E eu acreditava naquilo

que eu dizia. Você dizia que ambos éramos contadores de lorotas e eu não entendia isso... Agora... puxa, precisou de tanto tempo... agora eu entendo que tudo que a gente vê não passa de nossa própria ilusão. Tudo, tudo mesmo. Até o meu próprio Eu, que eu acho que eu sou, é uma ilusão. Esta bengala, que vejo em sua mão, também é uma ilusão que eu tenho. Para aquele cachorro, a sua bengala pode parecer uma arma de espancamento. Me lembro de um senhor que usava uma bengala que também era espingarda de um tiro só. Para ele a bengala era uma arma de fogo para defesa contra assaltantes. Sou eu que vejo a sua bengala como uma bengala que serve para ajudar você a se apoiar e andar. Cada um com sua ilusão.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Agenor

que, em seguida, num gesto rápido, levantou a bengala e deu uma bengalada na cabeça de Genésio.

Genésio levou a mão à cabeça e praguejou:

— Ô seu filho da mãe. O que VOCÊ quer dizer com isso?

Agenor estava com um leve sorriso no seu rosto — isso, o mesmo sorriso das *'minhoquinhas namorando'* — uma expressão tranquila, quase angelical, como se nada tivesse acontecido.

A bengalada na cabeça de Genésio doeu, mas...

Genésio passou seu braço pelo braço de Agenor e retomaram a caminhada, juntos…

Homo scientis ego, o que você quer dizer com isso?

O texto deste livro foi desenvolvido, até aqui, de forma a sugerir que, independentemente do que sejam a VIDA e o UNIVERSO, tudo o que percebemos, compreendemos, pensamos ou falamos são ILUSÕES, coisas que estão dentro de nossas mentes, coisas que EXISTEM.

As definições de BABEL e CIÊNCIA foram elaboradas com o propósito de dirigir nosso raciocínio à conclusão de que as ILUSÕES são a nossa maneira de ver o FENÔMENO e, por mais que tentemos, usando a CIÊNCIA, só veremos ILUSÕES. Disto não se escapa.

Levando adiante este desenvolvimento racional, cheguei ao extremo de afirmar que até o EU de cada um é ILUSÃO. Disse que o seu 'eu' que você conhece nada mais é que um sonho que sonha a si próprio.
Este tipo de conclusão bem que poderia ser a conclusão do trabalho.

Mas não é…

O que devo fazer?

Compreender que sou uma ILUSÃO poderia servir de desculpa para que EU não assumisse nenhuma responsabilidade sobre meus próprios atos. Afinal, qualquer mal que porventura EU faça é só ILUSÃO.

Também serve de desculpa para que se tome uma postura alienada ou deprimida dizendo que, então, nada mais importa e nada mais pode-se fazer de útil ou positivo, já que tudo não passa de ILUSÃO.

Por outro lado, compreender que SOU ILUSÃO, pode me levar a uma atitude de total entrega, sem EGOÍSMO, para servir aos outros, procurando atenuar suas desventuras e sofrimentos, já que nada tenho a ganhar sendo EGOÍSTA.

Como se vê, a compreensão de que somos apenas ILUSÃO, pode servir de explicação para atitudes totalmente opostas.

Isso é o mesmo que dizer que a compreensão de que somos ILUSÃO, na verdade, não é justificativa para nenhuma atitude de nossos EUS, já que, baseado nela, podemos decidir sermos agressivos ou compreensivos, alienados ou batalhadores.

Ação e reação

Certa vez contaram-me a seguinte história:

"Estavam três peixes nadando na lagoa, quando surgiu um barco com pescadores que lançaram uma rede de pesca. O peixe mais 'inteligente' logo fugiu e se escondeu atrás das

pedras, os outros dois foram pegos pela rede, recolhidos e colocados num balde. O peixe menos 'inteligente' conformou-se com sua sorte e ficou parado esperando a morte chegar. O outro peixe não se entregou e ficou dando pulos até que conseguiu pular para fora do balde e do barco, voltando à água, se salvando."

Esta história me foi contada com o intuito de passar a ideia de que se deve lutar pela própria vida, defender o próprio eu, lutar contra o MAL, tanto que o peixe que assim não o fez foi chamado de *'menos inteligente'*.

Porém, não é dessa forma que entendo essa história. É só trocar de posição os tendenciosos adjetivos *'inteligente'* do texto, que se pode dar novo sentido à história.

Pode-se entender que o peixe que fugiu e se escondeu nas pedras vive em permanente estado de tensão, com medo da morte ou da própria sombra, escondendo-se até de um pedaço de madeira flutuando, assustado o tempo todo. Chamaríamos o peixe que fugiu do balde de mais *'inteligente'*, pois não se *'neurotiza'* e enfrenta os problemas apenas quando eles surgem.

Mas o peixe que ficou quieto no balde também pode ser entendido como o mais *'sábio',* pois se entregou aos pescadores para servir de alimento, cumprindo sua missão dentro do Ciclo VITAL.

Afinal, o que seria da VIDA se fosse correta a regra de que os seres vivos devam sempre escapar de seus predadores?

Seria interrompida a cadeia alimentar em todos os seus elos e nada e ninguém mais sobreviveria. Se lembra da *Teoria da Sopa Biológica*, quando os seres clorofilados precisaram do surgimento dos seres hemoglobinados, que se alimentavam daqueles, para voltarem a ter gás carbônico na atmosfera.

Se não surgissem os predadores interromper-se-ia o processo de evolução, ou seja, os predadores são necessários à evolução de uma espécie. Por isso, Pavlov disse que o instinto é de reprodução da espécie e não do indivíduo (e, talvez, a espécie seja Gaia).

Você não teria o que comer se os seus alimentos não tivessem a sabedoria de, às vezes, se entregarem. Já imaginou se todas as plantas fossem venenosas e se todos os animais, como faz o ser humano, achassem que sobreviver é um direito ético e sempre dessem um jeito de escapar?

Aliás, você já notou que as plantas que tiveram a *'sabedoria de se entregar'*, produzindo frutos mais nutritivos ao ser humano que à sua própria semente como o milho, o trigo, a maçã e outras, hoje existem em muito maior quantidade do que antes de serem domesticadas?!

Foi *'se entregando'* que garantiram a reprodução da espécie muito mais intensamente.

Sem fechar a cadeia alimentar não se fecha o Ciclo VITAL e, aí, tudo ficaria entregue à *2ª lei da Termodinâmica,* segundo a qual no final tudo morre.

Freud, desde o início de sua carreira, falava de Eros, ou *'pulsão para a vida'*, como a grande força motora de nossos atos. Apesar de Lao Tsé já ter avisado 2600 anos antes sobre as forças opostas e complementares *Yin* e *Yang* — e Jung logo percebeu isso — demorou mais algum tempo para Freud perceber que só Eros não era suficiente para explicar todos os comportamentos de seus pacientes.

Somente quinze anos depois de ter percebido Eros, Freud percebeu Thanatos, a *'pulsão para a morte'* ou *'instinto de perdedor'* ou *'sabedoria de se entregar'*. Segundo Freud, Eros e Thanatos são forças igualmente poderosas e importantes *'empurrando'* constantemente nosso comportamento.

Enfim, qualquer uma das atitudes dos peixes pode ser entendida como a mais adequada e não sou eu que vou entrar nesta discussão sem fim, tentando descobrir qual peixe agiu melhor.

Eu jamais diria que SE DEVE fazer assim ou assado. Sempre digo que SE PODE fazer assim ou assado e, qualquer que seja a atitude, SOFRE-SE as consequências dela.

Se eu viver como o peixe que se esconde, ganharei a segurança, mas junto a esta virá a prisão do eterno medo, como prêmio ou punição. Como aqueles que se cercam com muitas defesas e restringem ao máximo a possibilidade de novas experiências, levando uma vida opaca, sem o tempero das paixões. Ganham a segurança, mas perdem a liberdade, acabam presos dentro de suas próprias grades.

Se eu agir como o peixe que pula do balde, terei liberdade de andar por aí mas, em compensação, levarei tremendos sustos do tipo de sujar as calças, sem contar que, às vezes, a *'fuga'* não dá totalmente certo, resultando em traumas físicos ou psíquicos irrecuperáveis.

Se me comportar como o peixe conformado com o destino, ganharei a tranquilidade, sem sustos ou medo, a troco da morte do EU, do EGOÍSMO. Como já foi visto, sem EGOÍSMO ganho a VIDA eterna, em compensação pouco amealharei e frequentemente outros EGOÍSTAS abusarão da minha disponibilidade.

Esta é a chamada *Lei do Karma* ou da Ação (e reação). Sofremos as consequências dos nossos atos tão logo os praticamos.

Encarar estas consequências como prêmio ou punição depende exclusivamente da ILUSÃO de cada um. Sugiro apenas que se tome qualquer atitude que se desejar, inclusive a de se ficar em dúvida, sem saber o que fazer, mas, se puder, opte por ter uma ILUSÃO de que as inevitáveis consequências são prêmios, ao invés de punições, pois fica muito mais divertido.

O que eu quis dizer com tudo isto

O fato de se saber que o que nós sabemos a NOSSO respeito é mera ILUSÃO, não serve de justificativa para qualquer atitude que resolvamos tomar, nem de explicação para qualquer coisa que decidamos fazer.

Lembre-se, sempre, que não se pode EXPRESSAR toda a VERDADE e que a VALIDADE de uma *'explicação'* está na sua utilidade e não na sua exatidão ou verdade.

Por isso, continue fazendo tudo como sempre fez, ou mude se for de sua vontade. Conhecer a BABEL, a CIÊNCIA e a ILUSÃO não é motivo para nenhuma mudança ou manutenção de atitudes.

Continue agindo como se existisse a força da gravidade, se isso lhe ajuda na sua adaptação social ou se, de alguma forma, isso lhe é útil.

Lembre-se, apenas, de não acreditar nisso, de não COMER-O-FRUTO. Se quiser, utilize a CONSCIÊNCIA para lhe recordar que a gravidade apenas EXISTE e que não podemos ter nenhuma certeza sobre a INSISTÊNCIA de coisa alguma.

Mas, se um dia, andando na rua, você perceber que tem um piano de cauda caindo na sua cabeça e se você ainda tiver vontade de continuar contando suas lorotas por aí, é bom sair de baixo, como se a força da gravidade existisse.

Apesar da bengala percebida ser uma ILUSÃO, uma bengalada na cabeça dói.

A percepção da VIDA (de que algo se mexe) e o conhecimento da *Teoria do Conhecimento Babelizável* (que tudo que EXISTE é ILUSÃO) pode servir, apenas e eventualmente, para que evitemos de COMER-O-FRUTO-DA-ÁRVORE da CIÊNCIA do BEM e do MAL, evitemos cair nas teias de Maya, impedindo o nascimento do *'eu'* e a *'expulsão do paraíso'*.

Além disto, nada mais mudará. As coisas e as pessoas chatas ou incômodas continuarão lhe cutucando. Talvez você deixe de se incomodar com isso e passe a achar divertido ou interessante as várias formas que a VIDA assume no seu passar, mas para um EU qualquer, como o SEU e o MEU, os chatos sempre continuarão sendo chatos e os amigos, amigos.

E alguns chatos serão amigos…

CAPÍTULO 8

História: O penteado

Texto: Pois é, pra quê?

Look at me, I am old but I'm happy.
Cat Stevens

Andei sobre as águas, como São Pedro.
Como Santos Dumont, fui aos ares sem medo.
Fui ao fundo do mar, como o velho Piccard.
Só para me exibir,
só para lhe impressionar.
Paulo Vanzolini

I travel each and every highway,
and more, much more than this,
I did it my way.
Paul Anka

A vida passa no meu cigarro.
Quem tem mais pressa, que arranje um carro.
Prá andar ligeiro, sem ter porque.
Sem ter pra onde. Pois é, pra quê?
Sidney Miller

O penteado

Naquela manhã de verão o sol apareceu cedo e banhava as clareiras da floresta, despertando os animais e convidando o girassol para mais um dia de namoro e flerte.

Uma cobra, chamada Scibele, saiu da toca e foi se enrolar ao sol, esquentar seu corpo e seu sangue. Enquanto se aquecia, Scibele pensava nos afazeres do dia. Foi quando se sentiu assaltada por um estranho desejo: pentear os cabelos.

Estava com uma tremenda vontade de pentear os cabelos!

Que ideia mais maluca, Scibele sequer tinha cabelos para pentear!

Mas aquela vontade não passava. Estava se tornando cada vez mais intensa, presente, inevitável...

Obsessiva!

Assim que seu corpo se aqueceu, Scibele saiu serpenteando pelo chão, meio desorientada, sem saber o que fazer com seu esquisito desejo.

No meio do caminho encontrou Espeto, o porco-espinho. Normalmente cobras e porcos-espinho não são bons amigos, mas Espeto e Scibele se davam bem.

Scibele contou a Espeto o seu problema: queria, porque queria, pentear o cabelo; só que não tinha cabelo para pentear.

Espeto sentiu vontade de dar uma risada, mas como Scibele parecia falar sério, decidiu ouvir e lhe dar apoio. Se prontificou a ceder alguns pelos de sua barriga, que eram mais macios, para que Scibele pudesse fazer uma peruca.

Scibele ficou radiante e teve a seguinte ideia: iria até aquela árvore que sempre tem uma goma correndo pelo tronco, esfregaria a cabeça na gosma e voltaria para que Espeto lhe colasse alguns *'cabelos'*.

Espeto achou que era uma boa ideia e concordou. Assim foi. Espeto, meio desajeitado, foi colando chumaços de pelos macios no cocuruto enlambuzado de Scibele. Parecia dar certo, ficou tudo lá, bem grudadinho. Desgrenhado mas grudadinho.

Espeto até se ofereceu para usar alguns de seus espinhos para já dar uma primeira ajeitada no penteado de Scibele. Esta recusou veemente. Era ela que queria pentear o seu próprio cabelo!

— Tá bom, tá bom, — concordou Espeto — Mas com o que você vai pentear o seu cabelo? Você não tem mão para segurar o pente!

— Isto é fácil. Seguro o pente com o meu rabo. Levanto a cabeça, assim, e com a cauda penteio o cabelo. Olha, assim...

e Scibele se contorceu toda para mostrar seu malabarismo.

— Está certo. Você está meio desequilibrada, mas parece que vai dar. Só que tem um outro problema. Você já arrumou o cabelo e a mão. Mas, e o pente? Você não tem pente, tem?

— Ih, é mesmo. Não tinha pensado nisso. Humm... Você tem algum pente para me emprestar?

Espeto não tinha nenhum pente, aliás nenhum bicho da floresta tem pente, pois não precisam disso. Desta vez foi Espeto que teve uma boa ideia e disse:

— Ontem, quando passava lá pelo riacho, vi uma porção de espinhas de peixe secas, na margem. Acho que elas servirão direitinho para pente. Vamos até lá?

— Boa ideia!... Vamos, vamos logo.

Chegando lá, Espeto mostrou à Scibele onde estavam as espinhas secas de peixe. Scibele escolheu uma, que lhe pareceu firme, segurou-a com a rabo, deu umas batidinhas com o *'pente'* no chão para ver se os espinhos não se soltavam e, em seguida, ensaiou uma passada de pente no cabelo.

— Bom... Bommmm — disse Espeto.

— Bom, não, está ótimo! Eu já estou me penteando. Só que está faltando um espelho. Agora eu preciso me ver e ver o que estou penteando.

— Isto é fácil. Suba naquela árvore ali, até chegar naquele galho sobre o rio. De lá você poderá se ver refletida nas águas do rio.

— Puxa vida! Mais uma boa ideia que você me deu. Não sei como lhe agradecer, Ssspeto. Sem você eu não poderia satisfazer esta minha vontade que, eu sei, é bastante excêntrica.

— Não tem de quê. Não me custou nada. Só que já vou indo, pois preciso cuidar da minha prole. Tchau, depois te vejo.

No dia seguinte, o sol também surgiu cedo. Espeto foi logo andando em direção à toca de Scibele para ver como tinha ficado o seu penteado.

Quando chegou à clareira encontrou Scibele enrolada, se esquentando no sol. Cabeça limpa, pelada, sem um fio da peruca.

— Bom dia, bom dia. Oh Scibele, acorda aí. Que é que houve? Cadê a peruca? E o penteado?

— Aaahhh... Oh Sspeto, nem te conto. 'Sscê não sabe o que aconteceu depois que sscê foi embora. Eu subi naquela árvore e me enrolei no galho como sscê disse. Só que lá de cima não dava para eu me enxergar direito no rio. Não dava para ver como ficava o penteado. Então eu resolvi descer até a margem e me pentear dali de baixo mesmo. Estiquei meu pescoço sobre o rio e vi meu reflexo direitinho. Nossa, estava horrível, a peruca toda embaraçada. Aí, quando levantei o rabo para pentear o cabelo e... Cathibum, perdi o equilíbrio e caí n'água. A água dissolveu a cola, soltou a peruca e... aqui estou eu. Decidi continuar na minha. Quem nasceu para careca nunca chega a Sansão.

— Eu bem disse que você estava meio desequilibrada.

Pois é, pra quê?

No preâmbulo deste trabalho avisei que tentaria comunicar a vocês algumas ideias. Apesar de ter noção da BABEL, considerei a conhecida frase de Chacrinha — *"quem não se comunica se estrumbica"* — e atirei-me nesta tarefa de tentar mostrar-lhes como compreendo o mundo que me cerca e o que minhas palavras querem dizer.

Tenho, porém, a impressão de que a tentativa do Ser Humano de compreender o mundo que o cerca é mais ou menos como Scibele tentando pentear o cabelo.

Quem nasce para conhecer a J.E.O.V.A. nunca chega a conhecer a Jeová.

Apesar disso, acredito ter tocado em algumas ideias positivas, como as seguintes:

- *O conceito de BABEL e a constante insistência em lembrá-lo.*
- *A criação de duas palavras diferentes para EXPRESSAREM as ideias de EXISTIR e INSISTIR.*
- *Os conceitos de LUZ, CIÊNCIA e CONSCIÊNCIA.*
- *A ideia de Ser Coletivo e do Homo scientis ego.*
- *A interpretação da frase: Se COMERDES-O-FRUTO-DA-ÁRVORE da CIÊNCIA do BEM e do MAL, certamente morrereis!*

Obviamente, as definições que apresentei ao longo de todo o livro são discutíveis. Na verdade seria possível contar uma história totalmente diferente da que contei, se alguns conceitos propostos fossem apenas ligeiramente modificados.

Por exemplo, se eu definisse FENÔMENO como *'é tudo...',* em lugar de *'é o todo...'*, o FENÔMENO seria divisível em pedaços, sem o menor problema. Muitas conclusões ou frases de efeito que apresentei seriam alteradas para significados totalmente diferentes. Até que é bastante razoável pensar que o FENÔMENO possa ser divido numa porção de pedacinhos ou partes, mesmo porque, para que se possa perceber o MOVIMENTO, alguma forma deve se mover em relação ao seu fundo.

Aceitando que o FENÔMENO tenha partes ou corpos, os conceitos de EXISTIR e INSISTIR poderiam ter sido definidos ao contrário do que o foram, só que, como já disse, aí seria uma outra história ou versão em *'língua diferente'* da que contei. Desde que você perceba que ambas versões são apenas histórias, tudo bem.

Por isso, não devemos ficar presos à discussão de qual é a melhor definição. Escolhi as que serviram para oferecer o prometido *'passeio pelo mundo sutil que é nossa mente contempladora'*.

Eu sei que, com as definições que escolhi, posso ter ferido os valores de alguns leitores. Talvez estes leitores tenham até desistido de continuar a leitura e

não tenham chegado até este ponto, mas como disse o compositor cearense Belchior:

"Eu não posso cantar como convém, sem querer ferir ninguém."

Enfim, como disseram dois ex-presidentes brasileiros, bastante populares e carismáticos, mas de sucesso discutível:

"Fi-lo porque qui-lo,... duela a quien duela."

Inspire fundo... e solte o ar.

Acabou o passeio.

ACORDA MOÇADA!

ADENDO

Glossário----266
Compilação----273
Obras citadas----277
Literatura sugerida----281
Agradecimentos----282
Canções citadas----287

Glossário

de palavras e expressões definidas neste livro

ARQUÉTIPO - São noções pré-definidas dentro do NÔMENO, que estão lá por 'construção'. Já nascem dentro do NÔMENO, não são adquiridas. Mais ou menos o mesmo que NOÇÕES PURAS.

BABEL - É a confusão que decorre de que pessoas possuem noções individuais diferentes para uma mesma coisa observada e, comumente, usam uma mesma palavra para expressar tal noção. Depois se desentendem, porque esquecem que, quando falam, estão falando sobre as noções diferentes que cada um tem e pensam falar sobre a mesma coisa observada.

BEM - É tudo o que ajuda a preservar o EU.

Ciclo VITAL - É o caminho percorrido pela VIDA em sua eterna passagem, fundindo e separando, ordenando e desordenando.
ciência (todo em letras minúsculas) - é usado para se dizer que sabemos ou percebemos alguma coisa, por exemplo: 'tomei ciência de sua petição'.

Ciência (com a inicial maiúscula) - é um conjunto de teorias ou enunciados desenvolvidos com a finalidade de se estudar um determinado assunto, por exemplo: as Ciências Exatas.

CIÊNCIA (todo em letras maiúsculas) - SCI + ENS, é aquele que extrai a forma do fundo na IMAGEM, ou que separa o todo em partes; é o ente separador.

COMER-O-FRUTO-DA-ÁRVORE - É o efeito de transformar ILUSÃO em ilusão, que acontece quando passamos a acreditar que uma ILUSÃO é VERDADE ou quando desconhecemos o que é ILUSÃO.

CONSCIÊNCIA - É uma percepção paralela e simultânea a qualquer CIÊNCIA, que nos lembra que uma certa ILUSÃO não é a VERDADE.

DADOS - É o que nos é dado, apresentado, que vem do FENÔMENO.

DIMENSÃO - É o nome dado a cada uma das partes que se obtém ao se dividir, mentalmente, algo indivisível por natureza, como o Yin e Yang são obtidos do Tao indivisível.

EGOÍSMO - É a repetitiva prática de se ter CIÊNCIA e ILUSÃO de si mesmo. É um tipo especial de CIÊNCIA, quando o observador percebe e DENOMINA o EU.

EU - É aquilo que um ente observador vê quando olha para o próprio observador. É o NOME que um observador dá a si próprio e, portanto, é algo que está no NÔMENO. Por isso, e só por isso, o EU EXISTE. O EU e o RESTO são duas DIMENSÕES do UNIVERSO.

EXISTIR - EX + SIS + STER, refere-se a um corpo que já foi extraído do seu lugar próprio, já está fora de si mesmo, dentro do NÔMENO. Coisas só EXISTEM quando já foram percebidas por alguém, quando já possuem forma e NOME.

EXPRESSÃO - Ocorre quando os NOMES ou INFORMAÇÕES são pressionados para fora do NÔMENO, e saem como SÍMBOLOS.

FENÔMENO - É o todo que está fora de nossas mentes. FENÔMENO e NÔMENO são DIMENSÕES do UNIVERSO.

FILTROS - São os sensores que recebem os DADOS vindos do FENÔMENO e os passa para dentro do NÔMENO. São responsáveis pela infidelidade da IMAGEM e das ILUSÕES, por introduzir nestas detalhes que não estão ou não existem no FENÔMENO.

HISTÓRIA PESSOAL - São as INFORMAÇÕES anteriores quando retornam para atuar junto a uma

nova CIÊNCIA, criando o efeito de MEMÓRIA. É a responsável pelo vício dos fechamentos repetitivos, que resultam na subjetividade da ILUSÃO e dos NOMES.

ILUSÃO - É o que resulta da CIÊNCIA, quando, ao se dar LUZ à IMAGEM, cria-se mentalmente uma separação entre formas e fundo. Assim, tudo o que falamos, pensamos, percebemos ou compreendemos, inclusive as DIMENSÕES, são ILUSÕES.

IMAGEM - É aquilo que nasce dentro de nossas mentes quando nos é dado
observar o FENÔMENO. A IMAGEM sempre é incompleta, infiel e subjetiva.

IMPRESSÃO - Acontece quando os NOMES são pressionados para dentro de nossas mentes, indo compor a INFORMAÇÃO.

INFORMAÇÃO - É o conjunto de todos os NOMES, ou formas internas, criadas no NÔMENO.

INSISTIR - IN + SIS + STER, refere-se a um corpo que está no seu lugar próprio, junto a si mesmo, no FENÔMENO. Não se pode ter certeza sobre a INSISTÊNCIA de coisa alguma. Sempre que se afirma que algo INSISTE, é mera suposição.

J.E.O.V.A. - Judiciosa Explicação Objetiva Vital e Absoluta. É a teoria científica completa e perfeita, que explica tudo de forma correta e verdadeira. No meu entender, é um mito.

LÍNGUA EXPRESSA - São as várias línguas que se usam na comunicação verbal, como Português, Inglês, Francês, Latim, etc.

LÍNGUA IMPRESSA - É o conjunto de NOMES criados a partir das IMAGENS e ILUSÕES peculiares e próprias de cada ponto de vista. São as tais 'línguas diferentes' da BABEL. LÍNGUAS IMPRESSAS diferentes podem ser EXPRESSADAS numa mesma LÍNGUA EXPRESSA.

LUZ - É aquilo que separa duas coisas, aquilo que fica entre duas coisas separadas. Podemos entender as expressões 'fazer a LUZ' e 'dar à LUZ' como sendo 'colocar algo entre, que separe as coisas'.

MÁGICA - É um bom sinônimo para a CIÊNCIA.

MAL - É tudo que prejudique a manutenção do EU ou do EGOÍSMO. Tudo que possa provocar MINHA morte.

MEMÓRIA - É o efeito provocado pela realimentação das INFORMAÇÕES anteriores, via HISTÓRIA PESSOAL, na CIÊNCIA.

MOVIMENTO - É como a VIDA fica parecendo quando a olhamos. É a VIDA como fica representada em nossas mentes.

NOÇÕES PURAS – Mais ou menos o mesmo que ARQUÉTIPOS.

NOME - É o rótulo que colocamos em cada uma de nossas ILUSÕES, nos produtos de nossa CIÊNCIA. Os NOMES obtidos após a IMAGINAÇÃO e, posterior, ILUSÃO são o resultado de processos mentais incompletos, infiéis e subjetivos.

NÔMENO - É o local onde estão todos os nomes, as noções, o raciocínio, enfim, tudo que é produto mental. NÔMENO e FENÔMENO são DIMENSÕES do UNIVERSO.

RESTO - É o NOME de tudo que não sou EU. O RESTO e EU são duas DIMENSÕES do UNIVERSO.
SÍMBOLOS - São os NOMES quando EXPRESSADOS para o FENÔMENO. Os SÍMBOLOS carregam junto de si todas as modificações introduzidas aos DADOS, dentro do NÔMENO.

TEMPO e ESPAÇO - São as noções interdependentes, desmembradas a partir do MOVIMENTO, ou seja, a partir da percepção da VIDA. São duas DIMENSÕES do UNIVERSO.

TREVAS - É aquilo onde está tudo misturado, fundido numa coisa só, confuso, onde não há LUZ entre as coisas.

UNIVERSO - É a VIDA entendida em sua unicidade, como um todo. O UNIVERSO engloba tudo que está no ESPAÇO ao longo de todo o TEMPO.

VALIDADE (de uma teoria) - Uma teoria científica, religiosa, política, metafísica, enfim, uma teoria CIENTÍFICA qualquer será VÁLIDA quando for útil para alguma finalidade.

VERBO - É aquele que traz a VIDA consigo, é o transportador ou, simplesmente, o portador da VIDA.

VERDADE - É a qualidade daquilo que está com VIDA. A VERDADE está em todos os lugares por onde passa a VIDA.

VIDA - É essa coisa única e eterna que provoca mudanças por onde passa, levando coisas daqui para lá, transformando um corpo em outro e em outro e em outro. É a 'força modificadora e criadora'. A VIDA está constantemente construindo e destruindo, desordenando e reordenando, fundindo e separando num ciclo infindável.

ZIRIGUIDUM - É a técnica de dar nomes diferentes a percepções diferentes de uma mesma coisa observada.

Compilação

de frases que surgiram ou poderiam ter surgido neste livro

No princípio era o VERBO.
A VIDA separa, ordena, desordena e funde ciclicamente, sem parar.
O UNIVERSO é a própria VIDA.
Todo MOVIMENTO é um reflexo da VIDA, do UNIVERSO, é como nos parece o Ciclo VITAL.
A Teoria da Distração Universal diz: No UNIVERSO, tudo por onde a VIDA passa, se atrai e se distrai continuamente.
VIDA, UNIVERSO e VERDADE não possuem plural.
TEMPO e ESPAÇO são duas DIMENSÕES percebidas do UNIVERSO.
Vida e morte são DIMENSÕES da VIDA.
A VIDA está em todos os lugares e em todos os instantes do UNIVERSO.
A VIDA é eterna.
Não existe oração (reza, comunhão com Deus) sem VERBO. A VERDADE está na VIDA, ou seja, em todos os lugares. Não tenho a minha VIDA, e sim a VIDA está em mim. Quem está VIVO, está com a VERDADE.

Para conhecer a VERDADE basta perceber o MOVIMENTO.
Com certeza, o que você entendeu por BABEL não é o que eu quis dizer.
A BABEL existe porque as pessoas não usam ZIRIGUIDUM
A BABEL é inevitável se nos esquecermos dela.
Desde que nos lembremos, nos casos e momentos adequados, a BABEL não é tão maligna e destrutiva.
NÔMENO e FENÔMENO, LUZ e TREVAS, como o TEMPO e ESPAÇO, são DIMENSÕES do UNIVERSO.
FENÔMENO é o NOME daquilo que não tem NOME.
O FENÔMENO é indivisível, não existe LUZ entre coisas dentro dele.
Cuidado para não confundir a coisa com o NOME da coisa.
O SÍMBOLO representa melhor o NOME da coisa, com toda sua incompletude, infidelidade e subjetividade, do que a coisa em si.
O NOME é uma etiqueta que não existe no FENÔMENO. Quando eu falo 'árvore', a árvore não sai da minha boca. É impossível falar as coisas do FENÔMENO.
A VERDADE nunca pode ser dita. A CIÊNCIA só cria ILUSÕES.
Quando passamos a acreditar que nossas ILUSÕES são VERDADE, todas nossas ILUSÕES viram ilusões, o

EGOÍSMO vira egoísmo, o 'EU EXISTO' se torna 'eu existo' e a VIDA se parte em 'vida e morte'.
Pode-se ter muitas IMAGENS e ILUSÕES diferentes, ou línguas diferentes, para uma mesma coisa observada, basta mudar de ponto de vista.
Os DADOS que nos são apresentados nos são reapresentados incompletos pela IMAGEM.
Não deveis acreditar nas IMAGENS.
A coisa percebida (o NOME) é mais função de nossa HISTÓRIA PESSOAL do que dos DADOS.
LÍNGUAS IMPRESSAS diferentes podem ser EXPRESSADAS numa mesma LÍNGUA EXPRESSA, provocando a BABEL.
Se, no princípio eram as TREVAS, a primeira ordem tinha que ser: Faça-se a LUZ.
Coisas só EXISTEM depois que alguém pensa nelas.
Sempre que se afirma a INSISTÊNCIA de alguma coisa, nada mais é que uma suposição.
Todo pensamento humano é fruto da CIÊNCIA e, portanto, resulta em ILUSÃO.
Toda teoria científica, religiosa, filosófica, política ou metafísica é uma teoria CIENTÍFICA.
Toda Ciência se reduz a uma mitologia quando não se conhece a ILUSÃO.
A J.E.O.V.A., a teoria completa, é um mito.
Quem nasce para conhecer a J.E.O.V.A. nunca chega a conhecer a Jeová.
Teoria errada pode dar certo e teorias contraditórias podem estar falando a mesma coisa.

A Teoria do Conhecimento Babelizável permite a coexistência pacífica de teorias contraditórias.
A VALIDADE de uma teoria se mede pela sua utilidade.
As teorias científicas são omissas sobre o surgimento da consciência no UNIVERSO.
Uma história ou teoria que explique um fato é consequência e não causa do fato.
A gravidade que pretensamente INSISTE implica a queda da pedra, porém, a gravidade que EXISTE apenas explica tal queda.
EU sou como um sonho que sonha a si próprio.
Dizer que minha blusa é azul, é uma atitude EGOÍSTA.
Homo scientis ego é uma descrição mais justa e precisa do que Homo sapiens sapiens.
A CONSCIÊNCIA não impede que se produza uma Ciência VÁLIDA.
Se COMERDES-O-FRUTO-DA-ÁRVORE da CIÊNCIA do BEM e do MAL certamente morrereis!
É quando morre o eu que se ressuscita para a VIDA eterna. Quando não há o EU, quem é que quer ver o Caminho?
Apesar da bengala percebida ser ILUSÃO, uma bengalada na cabeça dói.
Conhecer a BABEL, a CIÊNCIA, a ILUSÃO e o EGOÍSMO não é justificativa para nenhuma mudança ou manutenção de suas atitudes.
Tem alguma coisa se mexendo por aí!

Obras Citadas

Alves, Rubem - *Filosofia da Ciência*, Ed. Brasiliense, São Paulo, Brasil, 1981.

Bandler, R., Grinder, J. - *Sapos em PRÍNCIPES*, Summus Editorial Ltda., São Paulo, Brasil, 1982.

Barrow, J. D., Tipler, F. J. - T*he Anthropic Cosmological Principle*, Oxford University Press, USA, 1989.

Bonder, Nilton - *A Cabala do Dinheiro*, Ed. Imago, Rio de Janeiro, Brasil, 1991.

Capra, Fritjof - *O Tao da Física (The Tao of Phisics)*, Ed. Cultrix, São Paulo, Brasil, 1985.

Charon, Jean-Émile. - *O Espírito este Desconhecido (L'Esprit cet inconnu)*, Cia. Melhoramentos, São Paulo, Brasil, 1977.

Darwin, Charles - *A Origem das Espécies (On the origin of species)*, Hemus Ed. Ltda., São Paulo, Brasil, 1981.
Einstein, Albert - Como Vejo o Mundo (Mein Weltbild), Ed. Nova Fronteira S. A., Rio de Janeiro, Brasil, 1981.

Escher, M. C. - *The Graphic Work of M. C. Escher,* Ballantine Books Randon House Inc., New York, USA, 1971.

Freire-Maia, Newton - *Criação e Evolução*, Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, Brasil, 1986.

Gleick, James - *Caos, a criação de uma nova ciência (Chaos, making a new science)*, Ed. Campus Ltda., Rio de Janeiro, Brasil, 1990.

Hawking, Stephen W. - *Uma Breve História do Tempo (A brief history of time),* Ed. Rocco Ltda., Rio de Janeiro, Brasil, 1988.

Hofstadter, Douglas R. - *Gödel, Escher, Bach: an eternal golden braid*, Random House Inc., New York, USA, 1980.

Krishnamurti, Jiddu - *O Mistério da Compreensão (Talks by Krishnamurti)*, Ed. Cultrix, São Paulo, Brasil, 1970.

Martins, Wagner W., Lapponi, Juan C. - *Aritmética Qualitativa,* apostila da disciplina PEL-737, Depto. de Eng. Elétrica da Escola Politécnica da USP, São Paulo, Brasil, 1975.

Pauwels, L., Bergier, J. - *O Despertar dos Mágicos,* Introdução ao Realismo Fantástico (Le Matin des

Magiciens), Difel Divisão Editorial S.A., Rio de Janeiro, Brasil, 1976.

Popper, Karl - *A Lógica da Pesquisa Científica (The logic of scientific discovery)*, Ed. Cultrix, São Paulo, Brasil, 1975.
Powell, James N. - O Tao dos Símbolos (The Tao of Simbols), Ed. Pensamento, São Paulo, Brasil, 1982.

Reich, Wilhelm - *Escuta, Zé Ninguém (Rede an den keinen Mann)*, Public. Dom Quixote, Lisboa, Portugal, 1982.

Russell, Bertrand - *Wisdom of the West*, Rathbone Book Limited, London, 1959.

Searle, John - *Mente, Cérebro e Ciência (Minds, Brains and Science)*, Edições 70 LDA., Lisboa, Portugal, 1984.

Szamosi, Géza - *Tempo e Espaço as Dimensões Gêmeas (The twin dimensions - Inventing Time and Space),* Jorge Zahar Ed. Ltda., Rio de Janeiro, Brasil, 1988.

Talbot, Michael - *O Universo Holográfico (The Holographic Universe)*, Ed. Nova Cultural, São Paulo, Brasil, 1991.

Vivekananda, Swami - *Quatro Yogas de Auto-realização,* Ed. Pensamento, São Paulo, Brasil, 1975.

Wald, George - *The Origin of Life, in The Molecular Basis of Life*, Scientific American Inc., W. H. Freeman and Company, San Francisco, USA, 1954, 1968.

Zohar, Danah - *O Ser Quântico (The Quantum Self),* Ed. Nova Cultural, São Paulo, Brasil, 1990.

Literatura sugerida

Marchand, Peter - The YOGA of TRUTH *Jnana*: *The Ancient Path of Silent Knowledge*, Destiny Books, Rochester, Vermont, USA, 2007.

Puligandla, Ramakrishna – *Jñana-Yoga The Way of Knowledge* – D.K. Printworld (P) Ltd., Nova Delhi, Índia, 1997.

Smit, Paul e Byrd, Scott – *Cloudless Mind: From Stress to Effortless*, Pathways Global, 2017 – *in* www.cloudlessmind.com

Vivekananda, Swami – *JNANA-YOGA*, Ramakrishna-Vivekananda Center, New York, USA, 1955.

Vivekananda, Swami - *Jñana-Yoga o caminho do conhecimento*, Editora Vedanta São Paulo, Brasil, 2019.

Watts, Alan – *The Book On the Tabbo Against Knowing Who You Are* – Vintage Books, New York, USA, 1966.

Agradecimentos

(que é meu samba em feitio de oração)

Ninguém escreve uma obra sozinho. Tantos são aqueles que contribuem direta ou indiretamente que normalmente agradecemos aos principais colaboradores e, para evitar injustiça, generalizamos um agradecimento aos demais não citados. Vou generalizar meu agradecimento apenas àqueles que não conheci em vida e que me passaram suas lições pela palavra escrita. Obrigado.

As pessoas que conheci diretamente e trouxeram contribuições a esta obra são pessoas que, por momentos às vezes fugazes, encarnaram o Mestre ou o Companheiro. A estas agradecerei nominalmente, mesmo que corra o risco de cometer injustiça por esquecimento. Algumas destas pessoas não as vejo há décadas e outras nem mesmo o seu nome eu me lembro com certeza, mas tenho bem claras na minha memória as cenas de suas lições.

Agradeço a:

Amílcar, que não mediu sacrifícios para ser o Pai. Que me deu a Pedra de apoio e a Palavra.

Linda, minha mãe, que me mostrou o amor incondicional e me apresentou a Bíblia.

Cid e Forlani, professores na escola básica, mostraram-me o conceito da verdadeira Matemática e Geometria.

Darclê, minha eterna protetora.

Narciso, que nem quando levado à posição de oponente esqueceu-se do amor fraterno.

Maria Lúcia, que estava ao meu lado quando demos os primeiros passos da vida afetiva. Meu primeiro amor.

Tonico e Meire, que transbordam simpatia e hospitalidade.

Adolfo e Octacílio, pela mão aberta que me estenderam, pedindo-me que não partisse.

Adriano, cuja ironia instigadora jamais escondeu o sentimento da verdadeira amizade.

Mario, que dá com a mão direita sem que a esquerda fique sabendo.

Aldoger, sempre à disposição como um amigo.

Bernadete, primeira parte perdida de meu corpo, a dor tão aguda despertou em mim até o Poeta.
George, pelo título desta obra.

Sérgio, por me mostrar que uma bengala pode ser uma espingarda.

Sônia, sangue do meu sangue. Tão pouco te vejo, tanto te quero bem.

Daniel, que uma vez consolou o meu choro, companheiro capaz, criativo e constante de meus passeios e devaneios.

Orlando, infatigável no Combate (que aos fortes e bravos só pode exaltar), que me viu antes de mim mesmo e cujo denodo conquistou uma posição ao meu lado.

Heloísa, garra pura, Parrê! Pela introdução à Dialética.
Luiz, Mestre da Ilusão, inspirador do Castelo Transparente.

Ana Cristina, pela concisa e essencial apresentação da Gestalt.

José e Vita, pela rara oportunidade de apreender o que é ganhar.

Wagner, privilegiado e incompreendido, ligou o Tempo ao Espaço.
Walter, ensinou-me a comandar a intuição e a não ser comandado por ela.

Gualter, cuja erudição muito contribuiu para a construção da minha expressão.

Marli, por me lembrar do sabor da maçã.

Celso, sempre me estimulando com uma versão diferente da minha.

Laís, amiga que me alertou para a espada de Jesus e me deu uma flor cultivada com atenção.

Ramona, pelas dúvidas que me estimularam a escrever este Trabalho.

José Cláudio, assumindo tarefas minhas, libertou-me para o Trabalho.

Bia (Blossom) Adler, pelo empurrão final que levou à produção do livro. Não podias me dar melhor presente.

Ingrid, que caminha desenvolta pelos campos dos sonhos sem perder a direção na vida prática. Uma ilha de paz no mar dos insatisfeitos.

Heliane, de extrema paixão, se entregou 'de corpo e alma' para me dar os meus filhos, minha maior lição.
Glauber e Vandré, com uma singela palavra na boca, 'Paiê'.

— Paiê, conta uma história?
— Pedindo assim, filho, conto até duas, três, quantas você quiser. Que pena que um dia você vai parar de pedir.

Agradeço, ainda às estrelas do céu e do mar de Angra dos Reis e à bruma seca de São Paulo, que compunham o cenário no meu despertar.

Finalmente, agradeço à VIDA que passa por mim, por tanta beleza e graça que me deu... de graça.

Canções citadas no livro "Homo scientis ego, o que você quer dizer com isso?"

Leia o QRcode abaixo para ir à página da Internet com todos os links no YouTube das músicas citadas

Texto da contracapa/orelha

1.Felicidade - Lupicínio Rodrigues

O pensamento parece uma coisa à toa
mas como é que a gente voa
quando começa a pensar

À Giulianna

1.Cuitelinho - Paulo Vanzolini

A tua saudade corta mais que fio de navaia.
O coração fica aflito, bate uma e a outra faia.
E os óio se enchem d'água,
que até a vista se atrapaia.

2.Pedaço de Mim – Chico Buarque
A saudade é o revés de um parto.
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu.

3.Wish You Were Here – Pink Floyd
How I wish you were here.

Capítulo 1 - A Horta De Agenor

1.*The first cut is the deepest - Cat Stevens*
The first cut is the deepest.

2.Where do the children play?- Cat Stevens
But, tell me, where do the children play?

3.O Que é, o Que é? – Gonzaguinha
Isso não impede que eu repita.
É a vida, é bonita, e é bonita.

4.Eve of Destruction - Barry McGuire
Over and over and over again, my friend.
Ah, you don't believe,
We're on the eve of destruction.

5.Gita – Raul Seixas/Paulo Coelho
Eu sou a mãe, o pai e o avô,
O filho que ainda não veio.
O início, o fim e o meio.

6.Balada de Cat Ballou - Nat King Cole
Makes no difference how they try.
They'll never make her cry.

7.Apesar de Você - Chico Buarque
Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.

8.Pesadelo - Paulo César Pinheiro
Quando um muro separa, uma ponte une
Quando a vingança encara, o remorso pune
Você me prende vivo, eu escapo morto.

9.Totem - José Carlos Costa Neto e Walter Franco
É só tentar ser livre e perceber
que a VIDA fica imóvel sem você.

Capítulo 2 - Passeio No Circo

1.Comfortably Numb - Pink Floyd
Your lips move, but I can't hear
what you're saying.

2.Palpite infeliz - Noel Rosa
Eu já chamei você pra ver.
Você não viu porque não quis.
Quem é você que não sabe o que diz?

3.Don't Let Me Be Misunderstood - B. Benjamin, G. Candwell

Oh, Lord! Please,
don't let me be misunderstood.

Capítulo 3 – As Árvores

1.Sei Lá A Vida Tem Sempre Razão-Vinícius de Moraes

Porque não há nada sem separação.
Sei lá, sei lá,
A vida é uma grande ilusão.

2.Podres Poderes - Caetano Veloso

E os tons, os mil tons
Seus sons e seus dons geniais

Capítulo 4 – O Castelo Transparente

1.Prelúdio - Raul Seixas

O sonho que se sonha só
é só um sonho que se sonha só.
O sonho que se sonha junto,
é a realidade.

Capítulo 5 – O Nada Que Soltou Um Pum

1.Copo vazio - Gilberto Gil

É sempre bom lembrar
que um copo vazio está cheio de ar.

Capítulo 6 – Onde Está O Caminho?

1.My Way - Paul Anka
For what is a man? What has he got?
If not himself, then he has not.

2.Like A Rolling Stones – Bob Dylan
When you ain't got nothing,
you got nothing to lose.

3.Motivo – Cecília Meireles
Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei.
Não sei se fico ou se passo.

4.Divino Maravilhoso – Caetano Veloso
É preciso estar atento e forte.
Não temos tempo de temer a morte.

5.Oração de São Francisco de Assis
Pois é morrendo que se vive
para a vida eterna.

Capítulo 7 – A Bengala

1.Maluco Beleza – Raul Seixas

Este caminho, que eu mesmo escolhi,
é tão fácil seguir, por não ter onde ir.

2.Disparada – Geraldo Vandré

E, já que um dia eu montei,
agora sou cavaleiro.
Laço firme, braço forte,
no reino que não tem Rei.

3.Coração Tranquilo – Walter Franco

Tudo é uma questão de manter
a mente quieta,
a espinha ereta
e o coração tranquilo.

4.Serra do Luar – Walter Franco

A toda hora,
a todo momento.
De dentro pra fora,
de fora pra dentro.

5.Hare Krishna – mantra hindu

Hare Krishna Hare Krishna, Krishna Krishna Hare Hare
Hare Rama Hare Rama, Rama Rama Hare Hare

Capítulo 8 – O Penteado

1.Father & Son - Cat Stevens
Look at me, I am old but I'm happy.

2.Samba Erudito – Paulo Vanzolini
Andei sobre as águas, como São Pedro.
Como Santos Dumont, fui aos ares sem medo.
Fui ao fundo do mar, como o velho Piccard.
Só para me exibir,
só para lhe impressionar.

3.My Way - Paul Anka
I travel each and every highway,
and more, much more than this,
I did it my way.

4.Pois é Pra Que.... Sidney Miller
A vida passa no meu cigarro.
Quem tem mais pressa, que arranje um carro.
Prá andar ligeiro, sem ter porque.
Sem ter pra onde. Pois é, pra quê?

REALEJO
LIVROS & EDIÇÕES